

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
MICHEL ÂNGELO ABADIO DE OLIVEIRA

**RELIGIÃO E CONTEMPORANEIDADE:
UM ESTUDO ACERCA DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA
CATÓLICA.**

UBERLÂNDIA
2011

MICHEL ÂNGELO ABADIO DE OLIVEIRA

**RELIGIÃO E CONTEMPORANEIDADE:
UM ESTUDO ACERCA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA
CATÓLICA.**

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial obrigatória para a obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mara Regina do Nascimento.

UFU
2011

OLIVEIRA, Michel Ângelo Abadio de (1988)
Religião e Contemporaneidade: Um estudo acerca da Renovação Carismática.
Michel Ângelo Abadio de Oliveira – Uberlândia, 2011.
86 fls.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mara Regina do Nascimento.
Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.
Inclui Bibliografia
Palavras-Chaves: Renovação Carismática Católica, Pentecostalismo, Pluralismo Religioso, Grupos de Oração, Contemporaneidade.

MICHEL ÂNGELO ABADIO DE OLIVEIRA

**RELIGIÃO E CONTEMPORANEIDADE: UM ESTUDO ACERCA
RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA.**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Mara Regina do Nascimento (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Josianne Francia Cerasoli
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Prof. Dr. Antônio de Almeida
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

*Aos meus pais,
Com amor.*

AGRADECIMENTOS

PRIMEIRAMENTE GOSTARIA de agradecer aos meus pais, Aaurí e Ângela, por todo amor, dedicação e confiança a mim depositados e ao meu irmão Aaurí Júnior e minha prima-irmã Rayssa, que todos os dias me mostram o porquê de continuar.

À professora Mara Regina que aceitou a tarefa de me orientar mesmo com o pouco tempo de que dispúnhamos e que foi essencial para a conclusão deste trabalho.

Um agradecimento especial aos professores que fizeram parte de minha banca examinadora, ambos, presenças inspiradoras durante toda graduação. À professora Josianne Cerasoli que me instigou a trabalhar com a temática, mesmo que a ideia inicial de pesquisa tenha desviado seu percurso, e ao professor Antônio de Almeida, parceiro de Pôquer e exemplo de humildade.

Aos grandes amigos que fiz durante a faculdade, Gustavo ‘Bambu’ Zuquetto, irmão do interior daqui da “Capital” cujo companheirismo levarei por toda a vida e Anderson ‘Moita’ Neves, o nordestino lá de São Paulo.

Aos colegas de 33ª Carol, Rafael, Ariane, Rodrigo e Susana que fizeram parte dos bons e maus momentos da faculdade. Também aos outros colegas das várias turmas do Instituto, os quais eu tive o privilégio de conhecer, principalmente nesse último ano de curso.

Por fim, à minha família e a todos meus amigos, seja de Uberlândia ou Perdizes, figuras constantes com as quais sei que poderei contar sempre.

A todos vocês, o meu muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho procura mostrar a inserção do Movimento Carismático dentro dos Novos Movimentos Religiosos Contemporâneos analisando suas características e preceitos. Para isso, foi necessário fazer uma breve descrição de como o Movimento surgiu, sua chegada e presença ao Brasil, entender a identidade, o pluralismo religioso e as dimensões do Sagrado Carismático. Como consequência, para tal análise também se fez necessário abordar elementos do Concílio Vaticano II e da Teologia da Libertação, bem como a ideia de religião na contemporaneidade e seus elementos mais expressivos: secularização, mídia, mercado religioso e o discurso da crise.

Palavras-chave: Renovação Carismática Católica, Pentecostalismo, Pluralismo Religioso, Grupos de Oração, Contemporaneidade.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A.C	Ação Católica
A.C.O	Ação Católica Operária
A.T	Ato dos Apóstolos
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
G.O	Grupos de Oração
G.O.U	Grupos de Oração Universitários
JEC	Juventude Estudantil Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
N.M.R	Novos Movimentos Religiosos
PFTNSA	Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção
RCC	Renovação Carismática Católica
TdL	Teologia da Libertação

A religião exhibe a mais vil das expressões a muitos olhos contemporâneos. Preconceitos de grupo, violência perpetuada em seu nome, sexismo, mercantilismo e charlatanismo – tais aspectos brutais freqüentemente nos deixam cegos para a sabedoria libertaria subjacente. Admitimos que nem todos os aspectos dessas tradições de sabedoria sejam eternamente judiciosos.

Huston Smith

Penso que toda pesquisa científica é uma procura de si, ou propriamente um livrar-se de si mesmo.

Rodrigo Coppe Caldeira

SUMÁRIO

Resumo -----	06
Introdução -----	10
Capítulo I:	
Religião e Identidade: percursos no catolicismo brasileiro -----	14
1.1 – Campo religioso: identidade, pluralismo e simbologia	15
1.2 – Dimensões do ‘Ser Católico’ no Brasil	17
1.3 – Breve história do catolicismo brasileiro	18
1.4 – Os Novos Movimentos religiosos	26
1.5 – Uma organização secular: a Renovação Carismática Católica	27
1.6 – Dimensões do Sagrado Carismático	30
Capítulo II:	
O projeto de um Novo Mundo e uma Nova Igreja -----	32
2.1 – O Concílio Vaticano II	33
2.2 – Os movimentos de Espírito	34
2.3 – A origem do Pentecostalismo	35
2.4 – Pentecostalismo Católico e presença no Brasil	38
2.5 – Teologia da Libertação x Renovação Carismática Católica	41
Capítulo III:	
O Movimento Carismático Católico e as dimensões do Catolicismo na Sociedade Brasileira -----	44
3.1 – O discurso da ‘crise’: entre secularização e dessecularização	45
3.2 – Mídia e ‘Mercado Religioso’	48
3.3 – Grupos de Oração Carismáticos: ‘fazendo a graça acontecer’	50
3.3.1 – Observação de um Grupo de Oração em Uberlândia	50
Considerações Finais -----	54
Fontes e Referências Bibliográficas -----	57
Anexos -----	64

INTRODUÇÃO

O PRESENTE TRABALHO tem por objetivo a análise do Movimento da Renovação Carismática Católica em Uberlândia, Minas Gerais. Partindo de um Grupo de Oração específico, tentaremos entender a importância do Movimento Carismático dentro da Comunidade Católica como um todo.

A proposta inicial de trabalho era verificar a importância do Movimento para a Igreja Institucionalizada como forma de atração de fiéis frente à ‘crise’ do século XX. Para isso, busquei analisar um Grupo de Oração para Crianças e a importância dessa Evangelização para o futuro da Igreja Católica. Contudo, como toda pesquisa, essa ideia foi dando espaço aos novos problemas que apareciam durante sua elaboração.

Ao inserirmos a Renovação Carismática Católica dentro dos Novos Movimentos Religiosos, partimos do pressuposto de que não apenas no Catolicismo existem tais movimentos e que eles modificam as formas de ser e viver em Igreja. Sua importância faz frente aos problemas enfrentados pela religião durante o século XX: modernização, secularização, perda de fé e, conseqüentemente, de fiéis.

A religião, pensada como um elemento para além da instituição igreja, perpassa pelo emocional e pelo espiritual, o que lhe dá um caráter ainda mais enigmático e interessante. As novas configurações da fé estão cada vez mais ligadas à dita sociedade pós-moderna. Ao tomar conhecimento da variadas fontes e da bibliografia sobre o tema, pude perceber o quão amplo é esse assunto.

A pesquisa tomou novo rumo no momento em que parei de afirmar: “A RCC é uma estratégia Católica frente aos problemas enfrentados pela religião no século XX.”; e me perguntei: “Qual a importância do Movimento Carismático para a religião e para a contemporaneidade?”

Partindo dessa nova, ou primeira, questão, pude levantar algumas hipóteses sobre isso. Em um primeiro momento, a ênfase no emocional contribuiria na justificativa dessa atração de fiéis para o seio da religião? E depois, o que existe de tão especial na Renovação que a torne um movimento singular dentro de um grande religião pré-estabelecida?

Com tais questões para serem esclarecidas, ou pelo menos debatidas, o presente trabalho ficou estruturado da seguinte forma:

No primeiro capítulo, chamado de Religião e Identidade: percursos no catolicismo brasileiro, buscarei trazer o pluralismo e a simbologia do campo religioso e as identidades

formadas a partir desses. Com essa ideia partirei para uma análise das dimensões do ‘Ser Católico’ no Brasil, para isso traçarei uma breve história do catolicismo brasileiro para trazer à tona os Novos Movimentos religiosos, inserindo a Renovação Carismática Católica dentre esses. Assim, tentarei mostrar a RCC como uma organização secular, a partir das dimensões do Sagrado Carismático.

No segundo capítulo, intitulado O projeto de um Novo Mundo e uma Nova Igreja, trarei para o debate alguns elementos acerca do Concílio Vaticano II, sua realização, objetivos e conclusões. Creio que essa ideia de Novo Mundo e Nova Igreja proposta pelo Concílio case-se bem com a RCC. Minha meta é analisar alguns dos vários Movimentos de Espírito que surgiram dentro do Catolicismo durante sua história, assim como a Renovação Carismática, e as formas de combate ou inclusão destes por parte da Cúria Romana. Com esse objetivo, traçarei uma breve história da origem do Pentecostalismo e sua presença no Brasil bem como do Pentecostalismo Católico. Para tal, creio ser necessário buscar os limites e intersecções entre a Teologia da Libertação e Renovação Carismática Católica no país e na América Latina, como forma de entender dois movimentos distintos dentro de uma mesma diretriz religiosa, bem como as estratégias frente a ambos.

Ao fim do trabalho, no terceiro capítulo, chamado de A Religião na Sociedade Contemporânea trarei à tona o chamado discurso da ‘crise’ e os debates em torno deste. Analisando tal ideia apareceram novos elementos que caracterizam a religião na sociedade pós-moderna, como por exemplo, a secularização e dessecularização, bem como ideias ligadas à Mídia e ao ‘Mercado Religioso’. Assim, para completar, procurarei analisar o Grupo de Oração Carismático, sua dinâmica, partilha e a experiência do/no Espírito Santo como forma de compreensão do Movimento Carismático.

Para chegar a esses objetivos, terei como fontes principais as Revistas da Canção Nova, Documentos do Vaticano, como Bulas e Cartas Apostólicas, documentos da Renovação Carismática Católica, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e de Conferências como a de Medellín e Puebla, além claro de alguns documentos acerca do Concílio Vaticano II. Também serão trazidas informações da observação do Grupo de Oração que realizei in loco durante o primeiro semestre de 2011.

As Revistas da Canção Nova tratam-se de uma publicação mensal editada pela Fundação João Paulo II, a qual é mantenedora da comunidade católica Canção Nova. A revista, que tem 16 páginas, é distribuída gratuitamente aos sócios do Clube da

Evangelização, entidade que reúne os contribuintes da comunidade. O exemplar de dezembro de 2009, ano VIII – nº 108 possuía as seguintes seções: Ponto de Vista; Palavra do Fundador (Monsenhor Jonas Abib); Palavra em Destaque (Luzia Santiago); Palavra da Igreja; Administração (Wellington Silva Jardim); Clube da Evangelização; Jovem; Formação; Liturgia; Atualidade e Agenda.

Bulas e Cartas Apostólicas são matérias doutrinárias de caráter menos solene que a encíclica, dirigidas aos bispos e, por meio deles, a todos os fiéis. A diferença entre ambas é a forma externa, sendo a primeira, lacrada com uma pequena bola de cera ou metal.

Os demais documentos tratam-se de publicações decorrentes de Conferências, como da CNBB e da RCC e encontros, como o de Puebla e Medellín. Além disso, alguns outros gerados pós Vaticano II.

**RELIGIÃO E IDENTIDADE:
PERCURSOS NO CATOLICISMO BRASILEIRO**

CAPÍTULO I

1.1 – CAMPO RELIGIOSO: IDENTIDADE, PLURALISMO E SIMBOLOGIA

NA INTRODUÇÃO DO LIVRO **A Sabedoria do Mundo**, de Philip Novak, Huston Smith demonstra que, de acordo com o seu autor, fora a revelação, “[...] mais que qualquer outra força além da tecnologia, que tem dado forma à história do homem”.¹ Partindo desse pressuposto, podemos arriscar a afirmar que tais *revelações*, ou o poder dessas, durante a história foram responsáveis por criarem as grandes religiões do mundo e, conseqüentemente, as civilizações as quais elas representam.

Buscando uma definição para a religião, nos deparamos com diversas ideias e vertentes. A mais significativa, pelo menos no que diz respeito ao presente trabalho, é aquela que a define como uma junção de símbolos e significados que explica o real e envolve as pessoas; uma dimensão dessa crença religiosa está mergulhada no cotidiano.

Contudo, apesar dos vários estudos acerca do assunto, ainda não são suficientes os que aprofundam o tema do religioso e seu significado na experiência prática dos seus sujeitos,² principalmente no que se compete ao catolicismo brasileiro. Nos inúmeros estudos sobre religião no país, os que envolvem o catolicismo são os que menos descrevem os atributos pessoais do fiel e a identidade religiosa entre o devoto e as diretrizes institucionais.

Ao tratar as representações religiosas como constitutivas da sociedade, Durkheim é precursor da ideia de que a religião não é simples ilusão. Ao acentuar o lado consensual da religião, ele determina a igreja como o espaço no interior do qual as crenças e as práticas religiosas se articulam e se unem para dar corpo a uma mesma comunidade moral. Dessa maneira, “[...] as representações coletivas são, portanto, percebidas enquanto relativamente autônomas e, simultaneamente, como constitutivas do tecido social”.³

¹ NOVAK, Philip. **A Sabedoria do Mundo**. Tradução de Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999, p. 9.

² Para essa temática ver: PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do Espírito**. São Paulo: Edusp, 1998; PASSOS, M. O catolicismo popular: o sagrado, a tradição, a festa. In: _____. **A festa na vida: significados e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002; PEREZ, Léa Freitas. Conflito religioso e politeísmo dos valores em tempos de globalização. In: PEREIRA, Mabel Salgado; SANTOS, Lyndon de A. (Orgs.). **Religião e violência em tempos de globalização**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 53-75; SANCHIS, Pierre. Desencanto e formas contemporâneas do religioso. **Ciencias Sociales y Religión**, Porto Alegre, n. 3, p. 27-43, 2001.

³ DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução de Joaquim Pereira Neto. Revisão José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 11.

Essa noção de religião enquanto produto do coletivo explicita bem a ideia que trabalharemos a seguir. Ela responde a determinadas condições da vida humana pelo sentimento de um laço que une o espírito humano ao espírito misterioso; entre o sagrado e o profano, entendidos aqui na perspectiva de Roger Caillois. “Por muito evoluída ou por muito grosseira que a concebamos, a religião implica o reconhecimento desta força com a qual o homem deve contar”.⁴

As religiões mudam porque se tratam de ruptura e inovação; são mudanças culturais. O dinamismo da religião católica enquanto monopolista de uma Igreja política e demograficamente dominante começa a ganhar novos contornos já em fins do século XIX. Após a segunda metade do século XX, há uma expansão de novas seitas e igrejas pentecostais, juntamente com a Umbanda e o Espiritismo Kardecista.

Essa erosão da religião dominante levou ao seu desgaste, mas não à sua dessacralização ou secularização. Acabou por culminar em uma laicização da vida e dos valores e na sua redescoberta.

Tais mudanças na vida religiosa foram conceitualizadas por Max Weber como *internalização*. De acordo com Procópio Camargo,

[...] religiões internalizadas, quer pentecostal, espírita ou católica, têm em comum o fato de oferecerem modalidades de orientação de vida para considerável parcela da população brasileira que se vê envolvida em intenso processo de mudança social [...]. Estas modalidades religiosas são capazes, cada qual a seu modo, de dar forma e impregnar de sentido um estilo de vida relativamente adequado ao setor que se moderniza na sociedade brasileira.⁵

Para Weber, existem dois tipos ideais de religião, o tradicional e o racionalizado. O catolicismo tradicional é o fundamento religioso baseado nos costumes e legitimado pela tradição, diferente do racionalizado, cujos valores e concepções estão ‘à parte’ e sua relação com a sociedade – já secularizada – é distante, problemática e tensionada.

Esse movimento de racionalização dá continuidade ao ‘desencantamento de mundo’ em Weber,⁶ levando em curso o distanciamento do homem com o Sagrado. Tal racionalização

⁴ CAILLOIS, Roger. **O Homem e o Sagrado**. Tradução de Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70, 1963, p. 22.

⁵ CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Igreja e Desenvolvimento**. São Paulo: Brasileira de Ciências, 1971, p. 2

⁶ WEBER, Max. **Economia y Sociedad** – Esbozo de sociología comprensiva. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

religiosa, sintoma da modernização da sociedade, permite como já fora dito, uma reavaliação da mesma e de seus elementos. O crescimento das religiões mediúnicas e pentecostais acabou por acelerar o processo de mudança social, consequência do “[...] colamento do catolicismo à secularização da sociedade”,⁷ repondo uma sacralização que parte do catolicismo abriu mão.

As religiões têm por função a regulamentação da vida as quais são capazes de constituir e influenciar moralmente a conduta de vida dos indivíduos e grupos, suprimindo aquilo que o profano não pode oferecer.

Para Geertz⁸ o campo religioso é o lugar onde se pensa as relações entre os homens através de símbolos religiosos. “A questão interna do sistema de significados que incorporados nela como símbolos, fazem a religião em si mesma e a diferenciam das outras construções simbólicas do homem como cultura”.⁹

Contudo, a pesquisa obriga a análise dos relacionamentos do sistema religioso como os outros processos ‘sócio-estruturais e psicológicos’. No que se refere especificamente ao catolicismo, a crença no transcendental sempre passou em torno do ‘Espírito Santo’ e seus dons. Como veremos, o Movimento Carismático aparece com uma Renovação do Pentecoste, típico das seitas cristãs primitivas.

1.2 – DIMENSÕES DO ‘SER CATÓLICO’ NO BRASIL

O CATOLICISMO RECOBRE no Brasil todas as modalidades de realização da religião como experiência e significação do mundo e da própria vida social. Diferentemente das outras religiões do país, ele permite uma possibilidade internamente ampla e impunemente aberta de variação de opções, escolhas e atribuições diversas de sentido religioso a uma identidade.

Dentro ou fora do âmbito da religião, não deve haver no Brasil outro sistema de relações sociais com a multiplicidade de tramas e teias de trocas, alianças e conflitos que são a estrutura, a difícil grandeza e o dilema da Igreja católica. Não deve haver também outro sistema cultural tão polissemicamente rico e diferenciado de símbolos e significados.¹⁰

⁷ PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. (Orgs.). **A Realidade Social das Religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 16.

⁸ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

⁹ BRANDÃO, Carlo Rodrigues. Crença e Identidade: campo religioso e mudança cultural. In: SANCHIS, Pierre. **Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 8.

¹⁰ Ibid., p. 46.

A religião católica possibilita formas diferentes e antagônicas de experiência da prática, crença e construção de uma identidade religiosa reconhecidas como da mesma religião. Não há cismas, uma vez que sua divisão é interna. Assim, ela se unifica reproduzindo a sua diversidade, fazendo com que seus adeptos compartilhem uma única identidade e uma maneira própria de vivenciá-la.

Legítima e historicamente, a prática e a participação na vida religiosa de um católico se dá em instituições de controle eclesiástico abertas ao laicato. Seja de uma paróquia tradicional às comunidade eclesiais de base; de uma antigo apostolado da oração à um moderno grupo de oração carismático.

O catolicismo como religião universal opõe-se à maneira como é entendido em contextos históricos, neste caso, muito claramente, a sua universalidade era esquecida em favor de sua aptidão para demarcar um grupo.¹¹

De maneira mais clara, Carlos Rodrigues Brandão demonstra as diversas identidades de um católico.

[...] uma pessoa católica se reconhecerá como só católica, ainda católica, sempre católica, também católica; crente, mas não praticante, católica praticante, mas não participante, católica participante ‘da vida da igreja’, um ‘cristão militante’ e até mesmo, pasmem, um participante dos trabalhos da Igreja, mas não crente nem participante.¹²

No final são todos católicos. Juntamente com essa idéia ‘frouxa’ de ser, que mantém sua unidade, o que importa aqui são as alternativas culturais de experiência vividas dentro da religião e os sentidos dados por ela ao sagrado.

1.3 – BREVE HISTÓRIA DO CATOLICISMO BRASILEIRO

NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE brasileira, a Igreja Católica teve uma importância altamente expressiva.

O catolicismo, considerado como religião oficial durante os primeiros séculos de colonização portuguesa, além de impregnar a população que se formou na América lusa de valores religiosos e morais, serviu também para juntar os vários grupos sociais em torno do

¹¹ CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1987, p. 191.

¹² BRANDÃO, Carlo Rodrigues. Crença e Identidade: campo religioso e mudança cultural. In: SANCHIS, Pierre. **Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 49.

projeto lusitano, concretizado na formação de uma sociedade sob a ordem patriarcal e escravocrata.

Na transição entre os séculos XVIII e XIX, a Igreja assume um papel reacionário contra clérigos iluministas liberais, que tentaram inserir a instituição eclesiástica num projeto idealizado pela burguesia liberal em formação. De acordo com Azzi, “[...] do ponto de vista eclesiástico, esses clérigos letrados e liberais distanciaram-se da ortodoxia tradicional, que sacralizava a união entre Igreja e Estado”.¹³ Dessa forma, condenou-se tal atuação clerical, procurando afastar os padres da política e orientá-los exclusivamente para o ministério, dando assim, apoio ao poder autoritário monárquico.

No século XIX, teve início um importante movimento do episcopado brasileiro, designado como Reforma Católica (1840-1920). Por vezes chamado de Segunda Evangelização do Brasil, tal movimento buscou a substituição do antigo modelo eclesial de Cristandade pelo modelo de Igreja hierárquica, de acordo com o Concílio de Trento, baseado em uma Igreja e sociedade perfeitas e paralelas ao Estado.

Essa sociedade burguesa formou-se sob os ideais positivistas de ordem e progresso. A Igreja, mesmo com sua base conservadora, encontrou espaço nesse cenário urbano e letrado. Uma contribuição importante foi a dos colégios de padre e freiras. Através da educação escolar, os jovens foram moldados para inserir-se na sociedade urbana em afirmação, com base nos princípios da moral católica, mantendo a burguesia em formação ainda dentro de seus valores conservadores. Tais transformações se deram juntamente com as mudanças sócio-político-culturais da passagem do regime imperial para o republicano.

Esse movimento, diferentemente da primeira evangelização do Brasil que era coordenada diretamente pela Coroa lusitana, tinha como centro de suas decisões a Cúria Romana. A coordenação da ação missionária constituía também em um esforço para fortalecer a fé dos colonos, indígenas e dos cativos africanos e afro descendentes na América.

No seu aspecto religioso e prático ela teve um duplo objetivo. Em primeiro lugar, modificar a vida moral dos clérigos, conduzindo-os à observância mais estrita do celibato eclesiástico e ao mesmo tempo a aplicação mais expressiva às atividades especificamente religiosas. Em segundo lugar, era necessário, também, reformar o imaginário religioso do

¹³ AZZI, Riolando. **A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira**. Aparecida: Editora Santuário, 2008, p. 65.

povo, substituindo suas crenças de cunho devocional, leigo e familiar, por expressões religiosas de caráter mais clerical, com ênfase no aspecto sacramental.¹⁴

Para isso buscou-se a alfabetização dos fieis para maior conhecimento das verdades da fé através do catecismo. Os bispos do Brasil foram estimulados por Roma para assumirem o importante papel de propagadores do modelo católico Tridentino, acrescentando-lhe também conotações ultramontanas já estabelecidas no Concílio Vaticano I, fortalecendo assim o centralismo romano. Seu caráter letrado e europeizante permitiu maior aproximação da Igreja ao projeto burguês de modernização do país. Pedro Rua de Oliveira define os traços essenciais da Romanização como “[...] a espiritualidade centrada na prática dos sacramentos e o senso de hierarquia eclesiástica; o bom católico, segundo esse modelo, é aquele que frequenta regularmente os sacramentos e obedece incondicionalmente à autoridade eclesiástica”.¹⁵

A Reforma Católica do século XIX não constituiu um movimento de base ou inspiração popular, seu caráter é eminentemente hierárquico, inspirado no próprio Concílio Tridentino, cujo objetivo era o fortalecimento da fé e do culto católico entre os fieis. Com o apoio do poder político, as ideias liberais do clero não se atentaram contra o regime monárquico, assim exigia-se uma vida íntegra e uma postura política antiliberal.

Vale destacar que o Concílio de Trento aconteceu entre 1545 a 1563, mas a enorme influência do padroado sobre a Igreja bloqueou a aplicação de suas medidas no Brasil por aproximadamente três séculos.

A autonomia da Igreja em assuntos eclesiais, muito acentuada no Concílio de Trento, não foi possível devido à instrumentalização da Igreja pela Coroa portuguesa durante o período colonial. Além disso, o padroado aniquilou a consciência institucional da Igreja e do clero brasileiro, principalmente o clero secular. Somente um crescimento muito grande da instituição Igreja seria capaz de comportar as reformas de Trento, pois elas se apresentavam de forma totalmente hierarquizada.¹⁶

Contudo, os esforços por vincular cada vez mais a Igreja do Brasil à Santa Sé, acabou por desatar as amarras do padroado imperial. Vários bispos passaram a recusar sua

¹⁴ AZZI, Riolando. A Teologia na Reforma Católica (1840-1920). In: _____. **Teologia em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 30.

¹⁵ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e dominação de classe**. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 284.

¹⁶ DIEHL, Paulo Fernando. A paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando. (Org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva histórica**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 133.

função de altos funcionários da Coroa, declarando sua dependência a Roma.¹⁷ Com a República, a Santa Sé passa a escolher para a função episcopal aqueles com estudos eclesiásticos de Roma, para que suas diretrizes fossem observadas.

A perda do prestígio social dos bispos no período pós proclamação da República levou o episcopado a aparecer como uma aristocracia decadente, sua atitude contrastava tanto com o regime de padroado quanto com a sociedade burguesa emergente, o que talvez explique a sua sintonia com a aristocracia agrária também em decadência.

A Igreja Católica inicia o século XX com o desafio de reestruturar sua instituição após o término do regime de padroado, buscando se refundar orientada por/para Roma. Como veremos mais à frente, ela muda sua postura em relação à modernidade da sociedade (entendida aqui como os avanços tecnológicos e científicos típicos do novo século e os desafios por eles impostos à ética cristã), condena o socialismo enquanto poder desestruturante da sociedade e muda sua compreensão acerca da questão social.

A Questão Social se impôs e o Papa Leão XIII norteou o sentido de uma compreensão da Igreja Católica sobre esse tema. A Carta Encíclica *Rerum Novarum* – Sobre a condição dos operários – principiou a tradição das encíclicas sociais do século XX que cumpriram o papel de matrizes para a interpretação dos católicos seduzidos pela revolução. Essa grande instituição, resistente e condenatória das expressões da modernidade e do modernismo, parece compreender o irrecorrível e improcrastinável movimento da história. O saudosismo medieval ainda persiste, mas foi vencido pela necessidade de envolver os operários na grande teia de sentidos católica, que os estava perdendo para os sedutores movimentos socialistas.¹⁸

Como vimos, desde o século XIX a palavra de ordem do episcopado era ‘Reforma’, seja do clero ou do povo cristão. A partir da terceira década do século XX a preocupação da hierarquia eclesiástica é a reafirmação da Igreja na sociedade brasileira. Assim o grande lema do episcopado brasileiro passa a ser ‘Restauração’. Além claro da grande euforia religiosa que se segue no período, o papa passa a se preocupar com a influência da Igreja na sociedade moderna.

O que se percebe a partir daí é não mais uma Igreja retraída e voltada para si mesma, na amargura, mas, ao contrário, uma instituição que busca efetivamente afirmar-se no mundo, como condição para transmitir aos

¹⁷ Esse movimento teve como precursor o bispo de Mariana, Dom Antônio Ferreira Viçosa, escolhido pelo próprio imperador no início do segundo reinado.

¹⁸ SILVA, Wellington Teodoro da. Um percurso no catolicismo brasileiro: tradição e revolução. In: PASSOS, Mauro. (Org.). **Diálogos Cruzados**: religião, história e construção social. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010, p. 278.

homens sua mensagem religiosa. A influência política passa a ser vista como instrumento oportuno para a transmissão da fé.¹⁹

A Restauração se afirma na sociedade brasileira com a divulgação de suas novas idéias através dos Congressos Eucarísticos, principalmente após o Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro no ano de 1922, considerado marco inicial de uma nova etapa da vida católica do Brasil. Esse período de restauração católica teve como aspectos centrais a) “a consciência da necessidade de uma maior presença efetiva no âmbito da sociedade brasileira” e b) “o empenho por uma maior aproximação e colaboração entre Igreja e Estado”.²⁰

Dessa forma, houve um fortalecimento de um novo tipo de relacionamento entre Igreja e Estado, caracterizado não por uma união, mas por uma colaboração mútua que respeitasse a distinção entre esfera espiritual e temporal. Essa cooperação teria em vista a manutenção da ordem social contra as ameaças em comum: os movimentos de tendência liberais, anarquistas e socialistas.

A comemoração das bodas de ouro sacerdotais do Cardeal Arcoverde em 1924 serviu para assinalar uma reaproximação mais expressiva entre hierárquica católica e o poder político.

No dia 4 de maio o Cardeal recebeu, no Palácio São Joaquim, a visita do Presidente da República. Artur Bernardes compareceu acompanhado por todo o ministério e elevadas autoridade políticas. Foi saudado por Dom Joaquim Silvério do Souza, seu conterrâneo.

Na resposta, Bernardes afirmava a necessidade da colaboração das autoridades eclesiais com o governo do país, auxiliando-o na manutenção da ordem e promovendo o progresso social.

A necessidade de maior colaboração entre Igreja e Estado foi expressa ainda de forma mais explícita no dia seguinte, no banquete oficial oferecido pelo governo a Dom Arcoverde a ao episcopado Brasileiro.

Houve protesto dos republicanos mais radicais contra esse evento, pois segundo eles violava o estatuto de separação entre os dois poderes. Era, de fato, um episódio inédito na história republicana. O banquete contou com a presença de diplomatas, políticos, militares e eclesiais.²¹

¹⁹ DIEL, Paulo Fernando. A paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando. (Org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva histórica**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 146

²⁰ AZZI, Rioldo. A Teologia na Reforma Católica (1840-1920). In: _____. **Teologia em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 99.

²¹ AZZI, Rioldo. A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira. Aparecida: Editora Santuário, 2008, p. 101.

Dessa maneira, o governo reconhecia a importância da atividade dos bispos e o papel da religião na formação moral do povo e sua contribuição para a ordem e disciplina da sociedade, servindo como instrumento de contenção da onda revolucionária.

Já em meados dos anos 50 ocorreram significativas alterações na sociedade urbana, marcada por padrões burgueses e sustentada pela economia do sistema capitalista. Nas grandes metrópoles vai desaparecendo os sinais da sacralidade e é estimulada a vida noturna; surgem novos tipos de transporte, novas formas de se vestir e de conduta; alimentação, esporte e lazer. “Nos principais centros urbanos, transformados em metrópoles, os arranha-céus passaram a ocultar, com frequência, os templos católicos, e os apitos das fábricas se sobrepuseram ao toque dos sinos das igrejas”.²² A sexualidade ganha uma nova dimensão graças aos meios de comunicação em massa e os conglomerados comerciais tornam-se grandes *templos de consumo*. Surgem vários bairros periféricos devido ao inchaço das grandes cidades ocasionado pela migração, principalmente nordestina, sempre com falta de estrutura básica.

Contudo, o entusiasmo gerado pela política de desenvolvimento econômico do governo Juscelino Kubitschek também levou a uma maior sensibilidade de integração social da população brasileira, principalmente por parte de intelectuais, artistas e universitários, que sentiram a necessidade de promoção das camadas populares por meio da educação e da cultura.

Em 1952 ocorreu a primeira Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que fomentou o surgimento e expansão de um novo reformismo católico, baseado na juventude, reforma litúrgica e institucional. No final da década, o movimento leigo passou a atuar mais à esquerda, tendo como exemplo, a formação da Ação Católica, que contava com cinco organizações destinadas aos mais jovens: a Juventude Agrária Católica (JAC), formada por jovens do campo, a Juventude Estudantil Católica (JEC), formada por jovens estudantes do ensino médio (secundaristas), a Juventude Operária Católica (JOC), que atuava no meio operário, a Juventude Universitária Católica (JUC), constituída por estudantes de nível superior e a Juventude Independente Católica (JIC), formada por jovens que não fossem abrangidos pelas organizações anteriores; dessas todas as que ficaram mais conhecidas foram a JEC, JOC e JUC. O crescente envolvimento do movimento estudantil na discussão dos

²² AZZI, Riolando. A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira. Aparecida: Editora Santuário, 2008, p. 121.

problemas nacionais e das chamadas ‘reformas de base’, tais como a reforma agrária, acabou por engendrar a criação de uma organização política desvinculada da Igreja - a Ação Popular, constituída por antigos membros da JUC.

Com a ascensão do governo militar após o golpe em 1964, a Igreja manteve suas reformas pastorais e a articulação com o setores populares, iniciadas pela Ação Católica enquanto instrumento eclesial da reestruturação de suas estratégias. Com o AI 5 passa a repudiar as ações do regime, tanto em relação aos problemas econômicos e sociais, quanto ao desrespeito aos direitos humanos. Assim, ela se mostra como uma instituição capaz de resistir ao regime, passando a ocupar espaço de oposição. Isso fica evidente com a perseguição e desmantelamento dos movimentos de esquerda e partidos políticos, dando força aos grupos formados em seu interior, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Pastoral da Terra, JOC entre outras. Isso trouxe para a esfera católica pessoas ligadas às classes populares e aquelas resistentes ao governo.

Em meados da segunda metade do século XX com a realização do Concílio Vaticano II, criou-se um movimento expressivo em favor das classes populares, uma renovação teológica e pastoral que tinha por objetivo proporcionar às populações mais pobres instrumentos para melhorar as condições de educação, saúde, moradia e trabalho.

Contudo, tal reformulação encontrou resistência de alguns setores da Igreja do Brasil, contando com o apoio da Cúria Romana em meados dos anos 60 e 70. Há um recuo da Igreja em termos sociais para dar maior ênfase aos movimentos espirituais de forma individual, típico das classes médias conservadoras. Tal caminho a ser seguido não é o do reforço institucional baseado no crescimento de adeptos, mas o papel da religião na organização social, voltado basicamente para a valorização dos elementos sagrados da religião.

Assistimos, dessa maneira, por parte de setores da Igreja Católica o esquecimento da ‘opção pelos pobres’ em favor do movimento carismático católico que, se por um lado passa pela atmosfera do emocional e do sensível, por outro traz em seu cerne a ausência de uma visão mais histórica tanto do mundo quanto da própria Igreja. Talvez tal mudança de mentalidade seja explicada pelo fim das utopias que eram típicas do socialismo e do marxismo, incorporados pela ala progressista da Igreja Católica, representada pela Teologia da Libertação (TdL).

Tal tendência espiritualista e sobrenatural que envolve os membros da instituição encaixa-se em um modelo de ‘revitalização’ da Igreja Tridentina, dando ênfase na autoridade

hierárquica, de dogmas e princípios morais bem definidos. Suas raízes ultramontanas e romanizadoras, de tônica antimodernista, juntamente com a volta a essa dimensão espiritual acabou reforçando a burguesia conservadora, sobre a qual manteve influência desde fins do século XIX.

Uberlândia tem sua história intimamente ligada com a da Igreja Católica, assim como diversos municípios brasileiros que surgiram a partir do movimento de colonização do interior do país. O germe do núcleo urbano data de 1852 quando fora instalado o distrito de Nossa Senhora do Carmo e São Pedro de Uberabinha, em torno da Capela de Nossa Senhora do Carmo e Mártir São Sebastião, cuja construção teve início em 1846.

De modo geral, em nossa região, como em tantas outras não se pode separar a história civil da religiosa. Foi a construção das capelas que deu origem aos povoados que são, hoje, as grandes cidades do Triângulo Mineiro.²³

Percebemos que sua história se mescla com a do próprio início do povoado. Essa estreita ligação entre Igreja e poder municipal também se fazia presente aqui, onde “[...] era visível não só essa relação como a convivência entre poder político e Igreja, especialmente no que diz respeito aos ideais das classes dominantes, cuja lema era ordem e progresso.”²⁴

Concretizando o ideal de cidade, Uberabinha constitui-se como município em 1888, e também, não por mera coincidência, o primeiro administrador público foi o Vigário Pio Dantas e Barbosa, como presidente do conselho administrativo da intendência, permanecendo até 1894 como um de seus vereadores.²⁵

A Diocese de Uberlândia foi criada em 1961 através da Bula “Animorum Societas” de João XXIII e compõe hoje 21 paróquias.

²³ CUNHA, Mons. Antônio Afonso da; SALAZAR, Aparecida Portilho. **Nossos pais nos contaram: História da Igreja em Uberlândia (1818-1889)**. Uberlândia: UFU, 1989, p. 33.

²⁴ SANTOS, Geraldo Junio Pinheiro. **Católicos e carismáticos na Diocese de Uberlândia: Rádio América, nas ondas da fé e da emoção**. Uberlândia (1961-1995). 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006, f. 27-28.

²⁵ TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central**. História da Criação do Município de Uberlândia. Uberlândia: Editora Gráfica de Uberlândia, 1970, p. 422-425. V. II.

1.4 – OS NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS

Os NOVOS MOVIMENTOS Religiosos (N.M.R) referem-se a “[...] tudo aquilo que é novo no campo religioso, sejam os novos grupos, sejam as novas formas de vivência religiosa dentro das religiões já estabelecidas”.²⁶ Cabe ao historiador analisar as características internas desses novos movimentos, onde a ruptura com as grandes religiões nem sempre é visível.

Observamos no Brasil uma grande tolerância e admissão de novas formas de se vivenciar as religiosidades, o que não é percebido nos países europeus e nos EUA. Encontramos no catolicismo brasileiro, por exemplo, um distanciamento dos fieis da ortodoxia e do clero oficial. Isso possibilitou vivências múltiplas e sincréticas, ao mesmo tempo em que, ao incorporar elementos afro e indígenas, levou à construção de um *ethos* religioso sincrético.

Percebemos uma maior variedade desses N.M.R dentro do campo cristão, caracterizado principalmente pelo declínio do catolicismo e o crescimento de grupos evangélico-pentecostais.²⁷

Encontramos diferentes avaliações de estudiosos no que diz respeito à sociedade brasileira e sua profunda diversidade de práticas religiosas. Para Brandão,²⁸ trata-se de uma sociedade em que o indivíduo ganha cada vez mais autonomia e busca produzir seus próprios sistemas de sentido. Para Carvalho,²⁹ a diversificação religiosa expressa a diversificação cultural. Camurça³⁰ aponta para duas tendências nas análises dos cientistas sociais da religião no Brasil: de um lado, baseado na visão de Pierucci,³¹ coloca os novos movimentos religiosos como fruto de uma secularização cada vez mais exacerbada; de outro, nítidos sinais de uma

²⁶ GUERRIERO, Silas. Novidades religiosas: entre relativismos e fundamentalismos. In: PASSOS, M.; SILVA, W. T; BAPTISTA, P. A. N. (Orgs.). **O Sagrado e o Urbano: diversidades, manifestações e análise**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 15. (Coleção Estudos da ABHR)

²⁷ PIERUCCI, Antônio Flávio. Bye, bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no censo 2000. **Estudos Avançados**, São Paulo, EDUSP, n. 52, p. 18, 2004.

²⁸ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In: MOREIRA, A; ZICMAN, R. (Orgs.). **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 74.

²⁹ CARVALHO, José Jorge. O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade. In: *Ibid.*, p. 77.

³⁰ CAMURÇA, Marcelo Ayres. Secularização e reencantamento; emergência dos novos movimentos religiosos. **Boletim Informativo de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, p. 56, 2003.

³¹ PIERUCCI, Antônio Flávio. Reencantamento de dessecularização; propósito de um auto-engano em sociologia da religião. **Novos Estudos**, CEBRAP, p. 49, 1997.

reencantamento do mundo, como fora colocado por Souza.³² O autor afirma que os novos movimentos religiosos possibilitam perceber a tensão não excludente desses dois pólos, pois só assim compreenderíamos a efervescência religiosa em uma sociedade cada vez mais moderna.

A Renovação Carismática Católica e o Neopentecostalismo são exemplos desses Novos Movimentos Religiosos que estão presentes dentro de grandes religiões. Dentre esses, são o número mais expressivo. Apesar de serem enquadrados nessas novas religiões, não são entendidos como tal, uma vez que a conversão é interna e não há rompimento com seu universo de crenças. A grande novidade está na dimensão mágica, isso torna a salvação individualizada levando à uma resignificação dos elementos simbólicos tradicionais. Isso não significa que houve perdas no que diz respeito ao catolicismo, por outro lado, considera-se que há ganhos pois o cisma é interno, sem levar a uma divisão na Igreja e essa nova dimensão do sagrado acabaria por atrair ainda mais o fiel para o seio da religião, principalmente os jovens.

1.5 – UMA ORGANIZAÇÃO SECULAR: A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

COMO JÁ EXPLICITADO, a Renovação Carismática Católica (RCC) é um desses Novos Movimentos Religiosos que se encontram dentro de uma religião institucionalmente maior. Diferentemente dos movimentos leigos que a Igreja Católica conheceu durante o século XX, a RCC difere-se também da organização das Pastorais. Mesmo sediada em Roma, sua direção máxima, o escritório internacional, é uma instituição basicamente laica. Sua missão é coordenar as “[...] missões do mundo inteiro, incluindo em suas atividades conferências internacionais e regionais, comunicações, incentivos a projetos de evangelização e a publicação de um Boletim Internacional”.³³

Logo depois se encontra uma divisão continental que no caso Latino-americano, localiza-se em Bogotá, na Colômbia. Sua principal função é coordenar os encontros de líderes que acontecem de dois em dois anos. Abaixo dessa divisão há os conselhos nacionais. No Brasil, seus membros reúnem-se semestralmente com a missão de avaliar o movimento e

³² SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *Secularização em declínio e potencialidade transformadora do Sagrado. Religião e Sociedade*, n. 2, p. 13, 1986.

³³ COMISSÃO NACIONAL de Serviços da RCC. **O que é RCC?** Brasília, s/d.

definir os projetos. Há também equipes regionais que acompanham os trabalhos e, dependendo do bispo, equipes diocesanas, responsáveis pelos encontros e por acompanhar os Grupos de Oração (G.O).

Esse afinilamento das responsabilidades reflete-se também no interior dos Grupos de Oração, onde se formam comissões de serviço até que todos os níveis da estrutura episcopal sejam preenchidos por comissões de movimentos carismáticos.

A base da vida Carismática são esses Grupos de Oração. Tratam-se de encontros semanais cujo objetivo é a Renovação Espiritual de seus participantes. De forma alguma têm a função ou intenção de substituir a vida sacramental e o culto tradicional. No fim, acaba por complementá-la, ao trazer seus participantes para a Vida no Espírito.

Esses encontros têm como base ‘a oração sob várias formas: louvor, ação de graça orações contemplativas, oração em línguas, petições de graça e cura; os cânticos, que são uma forma de oração; o silêncio; o exercício dos dons carismáticos; as leituras da Bíblia; os testemunhos e as partilhas.’³⁴

O ponto alto da vida carismática se encontra nos Grupos de Oração. Ali os fieis católicos vivenciam as mais variadas formas de louvor e adoração. Louvar é o que realmente interessa aqui. As pessoas podem cantar, pular, trocar calor, extravasar as tensões. São nesses grupos que os fieis recebem as bênçãos que Jesus pode lhes dar, por meio do Espírito Santo.

Além disso, os carismáticos se reúnem em grandes encontros anuais, chamados de Cenáculos que geralmente acontecem em grandes lugares públicos, como estádios e ginásios. Também são desenvolvidas outras programações como o retiro de aprofundamento espiritual, vigílias de oração, de louvor e reuniões de cura, onde cada grupo define suas atividades.

Assim como no Pentecostalismo, no Movimento Carismático Católico a renovação espiritual também é vista como fruto dos carismas ou dons do Espírito Santo. De acordo com Degrandis & Schubert, basicamente são nove os dons divinos, divididos em três grupos, sobre os quais iremos desenvolver mais no capítulo seguinte: 1) os dons da palavra: dom das línguas estranhas, das interpretações e das profecias; 2) dons do poder: fé, cura, milagre; e 3) dons das revelações: sabedoria, ciência e discernimento.³⁵

³⁴ PRANDI, Reginaldo; SOUZA, André Ricardo de. A Carismática despolitização da Igreja Católica. PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. (Orgs.). **A Realidade Social das Religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.p. 66.

³⁵ DEGRANDIS, Robert; SCHUBERT, Linda. **Vem e segue-me: a liderança na Renovação Carismática Católica**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1990, p. 73.

Em cada grupo os dons enfatizados são diferentes, mas ocupam destaque *o dom de línguas* (transe que revela a presença do Espírito Santo), o da *fé* (fundamento do emocional, da oração e da cerimônia de euforia) e *o dom do poder de cura* (que tira os males e doenças pela imposição das mãos).

Dessa forma, o batismo no Espírito Santo é, para os carismáticos, um rito que marca e dá graça. Tais dons surgem com esse ritual, o que acaba por dar uma nova dimensão de comunidade e do que é ser cristão.

O batismo no Espírito Santo consiste na oração que uma comunidade cristã eleva a Jesus glorificado para que derrame seu Espírito de maneira nova e em maior abundância sobre a pessoa que ardentemente o pede e por quem se ora. Esta oração se faz, ordinariamente, mediante a imposição das mãos. Nesta forma, o que batiza no Espírito Santo não é este ou aquele irmão, e sim o próprio Jesus glorificado.³⁶

Esta ideia de comunidade voltada para a oração não está longe da concepção de mundo dos pentecostais protestantes. Ela deve estar presente em todas as dimensões da vida do fiel: na família, na escola, no trabalho e deve-se afastar de tudo e de todos que não aceitam o carisma. Assim, para um carismático, como explica Smet, “[...] ser cristão é viver em relacionamento íntimo com a Santíssima Trindade”, participando sempre de “[...] uma comunidade de oração”.³⁷

Com isso, o Movimento Carismático traz o milagre pela intervenção divina como sendo uma ocorrência ampla e frequente, diferentemente da maneira pela qual a Igreja Católica vem colocando-o durante sua história. Mesmo com a pouca proximidade de certas posições oficiais da Igreja, sua fundamentação doutrinária segue à risca a doutrina oficial do catolicismo romano.

No Brasil tem havido grande apoio do episcopado em relação ao movimento. Suas reuniões ocorrem dentro dos próprios Templos ou espaços cedidos pela paróquia e são conduzidas por uma liderança leiga, orientadas por sacerdotes e teólogos engajados no movimento. Mesmo assim, eles não deixam de frequentar as missas e participar dos sacramentos oficiais.

Dessa forma, percebemos que o Movimento Carismático Católico também está disposto a disputar fieis e seguidores no amplo território do mercado religioso. Para isso, a

³⁶ ALDAY, Salvador C. **O Batismo no Espírito Santo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Louva-Deus, 1986, p. 88.

³⁷ SMET, Walter. **Comunidades Carismáticas**. São Paulo: Loyola, 1987, p. 55.

estratégia adotada pelos seguidores, além de delimitar seus espaços é também a de definir seus inimigos. Como veremos, a grande ameaça são o Espiritismo Kardecista, a Umbanda, o Candomblé, entre outros. Os Carismáticos não atacam seus irmãos pentecostais protestantes, mas sim esperam que eles se disponham a “[...] assumir um compromisso total com a libertação do Pentecostes”.³⁸

1.6 – DIMENSÕES DO SAGRADO CARISMÁTICO

DE ACORDO COM CALLOIS, qualquer concepção religiosa do mundo implica a uma distinção do sagrado e do profano. Ambos os gêneros são necessários ao desenvolvimento da vida: um como meio onde ela se desdobra, o outro como a fonte inesgotável que a cria, mantém e renova. Dessa maneira, o Sagrado aparece

[...] como uma categoria da sensibilidade. Na verdade, é a categoria sobre a qual assenta a atitude religiosa, aquela que lhe dá o seu caráter específico, aquela que impõe ao fiel um sentimento de respeito particular, que presume a sua fé contra o espírito de exame, a subtrai à discussão, a coloca fora e para além da razão.³⁹

A vida religiosa seria a soma das relações profanas (humanas) com o sagrado. Suas diversas manifestações nos leva à noção da religião enquanto administradora do Sagrado, onde as crenças as expõem e os ritos as asseguram na prática. Hubert define isso como a ideia-mãe da religião.

Os mitos e os dogmas analisam-lhe o conteúdo a seu modo, os ritos utilizam-lhe as propriedades, a moralidade religiosa deriva dela, os sacerdócios incorporam-na, os santuários, lugares sagrados e monumentos religiosos, fixam-na ao solo e enraízam-na.⁴⁰

Feito este percurso mais geral, quase panorâmico, sobre a RCC, faremos no capítulo seguinte uma análise mais detalhada sobre o surgimento do movimento e sua expansão, bem como sua inserção nos chamados Movimentos de Espírito e como o Concílio Vaticano II acabou por legitimar sua expansão em detrimento da Teologia da Libertação. Dessa forma,

³⁸ WALSH, Vincent M. **Conduzi o meu povo**: manual para líderes carismáticos. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1991, p. 60.

³⁹ CAILLOIS, Roger. **O Homem e o Sagrado**. Tradução de Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70, 1963, p. 20.

⁴⁰ HUBERT, H. Prefácio. CHANTEPIE DE LA SAUSSAYE. **Manual da História das Religiões**. Paris: s/ed., 1904.

pretendemos chegar, por fim, a um terceiro capítulo, que fará uma análise mais específica e interna do Movimento Carismático e sua inserção no mundo contemporâneo.

**O PROJETO DE UM NOVO MUNDO E UMA
NOVA IGREJA**

CAPÍTULO II

2.1 – O CONCÍLIO VATICANO II

MARCO DA RENOVAÇÃO da Igreja Católica, o Concílio Vaticano II possibilitou a formação de novos movimentos, principalmente aqueles de iniciativa leiga cuja vocação e princípios estão inseridos na *Apostolicam actuositatem* (A Atividade Apostólica) que é o decreto constituído sobre os grupos seculares da Igreja.

XXI concílio ecumênico da Igreja Católica, o Vaticano II foi convocado através da bula papal ‘*Humanae Salutis*’ (Da Salvação Humana) no dia 25 de dezembro de 1961, pelo papa João XXIII. Realizado em quatro seções terminou somente em 4 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI.

Diante às transformações do mundo moderno, como o avanço tecnológico, a globalização das economias e o declínio da Europa como centro da civilização ocidental, a Igreja repensa sua postura e se percebe enquanto componente da história, como a instituição que acompanha as mudanças, ao mesmo tempo em que é também, ela própria, a provocadora das transformações sociais.

Nessa ‘abertura de um diálogo’ com o mundo moderno e o ecumenismo⁴¹, a Igreja se viu na necessidade de construir uma identidade para o católico. Contudo, não foram propostos novos dogmas, mas sim uma reformulação da fé em uma nova linguagem, de maneira compreensível para o fiel. João XXIII

[...] imaginava o Concílio como um ‘novo Pentecostes’ [...]; ‘uma grande experiência espiritual que reconstituiria a Igreja Católica’ não apenas como instituição, mas sim “como um movimento evangélico dinâmico [...]; e uma conversa aberta entre os bispos de todo o mundo sobre como renovar o Catolicismo como estilo de vida inevitável e vital.⁴²

Todos esses embates eclesiológicos são encontrados na ‘*Lumen Gentium*’ (Luz das Nações), quarta e última Constituição Pastoral sobre a Igreja atual aprovada no Vaticano II. Nela centram-se as discussões ligadas a aspectos pastorais e não-dogmáticos e nos problemas do mundo atual, como a questão demográfica, a guerra nuclear e as injustiças sociais entre

⁴¹ O termo ecumenismo é usado para os movimentos que, desde o século XIX, almejam a união entre os cristãos de diferentes denominações e igrejas. No caso Católico, o movimento ganhou impulso a partir dos anos 1950, quando observadores católicos foram enviados a uma conferência ecumênica internacional (Conferência de Lund).

⁴² WEIGEL, George. **A Verdade do Catolicismo**. Lisboa: Bertrand, 2002, p. 45-46.

povos e classes. Além disso, nela é demonstrada uma maior tolerância em relação aos progressos científicos por parte da Igreja.

Tal diálogo com esse ‘novo mundo’ e esse ‘novo fiel’ se deu por meio da reforma espiritual, baseado em um Cristianismo mais evangélico e no ecumenismo. Essa busca de uma legitimidade se deu junto às camadas populares⁴³ por meio de uma linguagem clara, tanto na sua expressão quanto na sua formulação.

Foi justamente essa ‘opção pelos pobres’, através dessa forma acessível e facilmente assimilável de receber e compreender a palavra de Deus que a Igreja, adaptada à mentalidade moderna, obteve a unidade cristã. Porém, como já foi dito, não era a doutrina que deveria ser adaptada, mas a sua apresentação. Foi nesse ambiente de transformações que a Renovação Carismática Católica encontrou legitimação para sua existência e suas práticas.

Contudo, sua herança é encontrada em vários outros movimentos de renovação:

Mas o Movimento Carismático é depositário de uma herança católica ainda maior, que além do Concílio Vaticano II, tem origem nos modelos pré-conciliares de organização, na busca de renovação da Igreja, inerente ao discurso da Igreja, e na crença na manifestação do poder do Espírito Santo.⁴⁴

Durante a história da Igreja Católica surgiram vários movimentos de renovação baseados na crença de inspiração divina atribuídas ao Espírito Santo. Tais movimentos podem ser definidos como um saudosismo de uma Igreja Primitiva, visto que reage frente à decadência social que atingira também as bases da Igreja.

2.2 – OS MOVIMENTOS DE ESPÍRITO

REMONTANDO AOS PRIMEIROS séculos da Era Cristã, encontram-se os Montanistas, conhecidos por suas falas proféticas e pela glossolalia, que é o dom ou habilidade de falar em línguas estrangeiras.⁴⁵ Seus conflitos frente à Igreja eram devido à autoridade hierárquica

⁴³ Queremos esclarecer que a utilização aqui da expressão ‘Camadas Populares’ refere-se aos estratos sociais de baixa renda da população. No entanto, pela abrangência do termo, pode denotar ainda grupos ou camadas sociais que, de média ou alta renda, incluem indivíduos de pouco conhecimento dos dogmas católicos ou sua doutrina e princípios reguladores de conduta.

⁴⁴ MASSARÃO, Leila Maria. Combates no Espírito: Renovação Carismática Católica, teorias e interpretações. **Revistas Aulas: Dossiê Religião**, Campinas, UNICAMP, n. 4, p. 3, Abr./Jul. 2007.

⁴⁵ A respeito da glossolalia existem diversos estudos realizados por teólogos, cientistas sociais, psicólogos e professores de linguística. Existem correntes entre pentecostais católicos e protestantes que afirmam a

junto aos líderes católicos, pretendendo revalorizar elementos esquecidos da mensagem cristã primitiva

Já nos séculos XI e XII encontramos a formação ordens religiosas, mesmo com as tentativas da Igreja de impedir tais criações.⁴⁶ Podemos destacar, por exemplo, iniciativas como a de São Francisco de Assis e de Joaquim de Fiore.⁴⁷

Várias foram as estratégias da Igreja Institucionalizada frente esses movimentos de espirituais. De acordo com Laurentin, existiam tais soluções-limites: “[...] rejeição, exclusão e excomunhão” ou “Recuperação nos quadros; assimilação ao sistema em detrimento da vitalidade e extinção do Espírito com carismas”.⁴⁸

Contudo, não foi apenas Igreja Católica que viu surgir vários movimentos de espírito durante a história. Após a Reforma Protestante encontramos, por exemplo, o Pietismo⁴⁹ que surgiu nos final do século XVII a partir do Luteranismo, e o Pentecostalismo, já no século XIX, encontrado em seitas Metodistas e Batistas. Esse último foi, com certeza, o mais marcante, pois além de dar origem a várias manifestações foi no Pentecostalismo dos anos 1950 que os movimentos de avivamento refletiram nas igrejas Protestantes históricas e, de alguma forma, na Igreja Católica.

2.3 – A ORIGEM DO PENTECOSTALISMO

A PALAVRA PENTECOSTAL vem de Pentecostes, evento marcado pela efusão do Espírito Santo. De acordo com o relato bíblico, no quinquagésimo dia da ressurreição de Jesus, o Espírito Santo manifestou-se aos apóstolos, que estavam reunidos em Jerusalém, no Cenáculo, por meio de línguas de fogo:

possibilidade do dom das línguas se manifestar de duas maneiras: através das línguas estrangeiras e línguas cujos sons são indefinidos.

⁴⁶ Decretada no IV Concílio de Latrão (1215) e reafirmada no II Concílio de Lião (1274), a proibição de fundar ordens religiosas não teve sucesso, mas evidenciou a tensão entre carisma e instituição.

⁴⁷ Não é objetivo deste trabalho fazer uma análise exaustiva dos movimentos de Espírito, mas mostrar como a Renovação Carismática Católica está inserida numa tradição relacionada às rebeliões espirituais das antigas comunidades cristãs.

⁴⁸ LAURENTIN, R. **Pentecostalismo entre Católicos**: riscos e futuro. Petrópolis: Vozes. 1977, p. 159-160.

⁴⁹ Surgiu como oposição à negligência da ortodoxia luterana para com a dimensão pessoal da religião. Combinando um Luteranismo (Calvinista) e o Puritanismo, pregavam a piedade do indivíduo e uma vigorosa vida cristã. O Pietismo influenciou o surgimento de movimentos religiosos independentes de inspiração protestante tais como o Pentecostalismo, o Neopentecostalismo e o Carismatismo.

Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos juntos no mesmo lugar. De repente veio do céu um ruído, como que de um vento impetuoso e violento, e encheu toda a casa onde estavam sentados. E lhes apareceram umas línguas como que de fogo, que se distribuíam; e pousou uma sobre cada um deles. E todos ficaram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em diferentes línguas, segundo o Espírito lhes concedia que proferissem.⁵⁰

O pentecostalismo teve origem nos Estados Unidos a partir da doutrina de Jonh Wesley. Dessa concepção, vários evangelistas e teólogos se apropriaram levando a uma separação do metodismo carismático. Com isso, surgiram vários grupos de oração e movimentos que tinham como propósito um ‘reavivamento pentecostal’ a partir dons do Espírito Santo.

Os principais representantes dessa corrente foram Asa Maham e Charles Finney. Entre 1880 e 1923 surgiram cerca de duzentas denominações (grupos de oração) nos E.U.A, mas havia muitas especulações quanto aos fatos que caracterizavam uma experiência em que ocorresse o batismo do Espírito Santo.⁵¹

Essa manifestação se deu a primeira vez em uma Igreja Batista na Carolina do Norte. Promovidas pelo pastor Richard Sperling, essas reuniões foram marcadas por uma intensa glossolalia. Mas foi o pastor Charles Parham quem aprofundou as discussões em torno desse batismo do Espírito Santo.⁵² Ele fundou o Colégio Bíblico Betel, no Kansas, em 1900, propondo aos seus alunos a seguinte questão: “existiria uma evidência bíblica para o batismo do Espírito Santo?” A resposta foi justamente a glossolalia, esse era o sinal procurado. Apesar de não ser exclusiva do Cristianismo sua ocorrência foi marcada pelo fato de ter ocorrido no momento de surgimento do pentecostalismo.

Inicialmente os grupos pentecostais eram isolados, contudo logo passaram a associar-se e realizaram sua primeira convenção em 1914 em Hot Springs, estado do Arkansas. A partir disso, favoreceu-se a criação e expansão das chamadas Assembleias de Deus.

⁵⁰ **BÍBLIA**. Atos. Português. Novo testamento. Versão Restauração. Anaheim, Califórnia: Living Stream Ministry. 2008. Capítulo 2, versículo 1-4.

⁵¹ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. **Pentecostalismo**: sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995, p. 21.

⁵² O Batismo no Espírito Santo e os dons carismáticos eram temas e práticas correntes nos grupos de avivamento que proliferaram no período nos Estados Unidos, e ainda estão presentes em várias denominações com influência pentecostal.

No Brasil, o pentecostalismo de origem protestante chegou por meio de Luigi Francescon e Daniel Berg, ambos ‘discípulos’ de W. H. Durham, pastor batista que participara de reuniões promovidas por W. J. Seymour, aluno de Parham.

Francescon dizia ter tido a incumbência divina de viajar pela América Latina e iniciar o trabalho pentecostal. Quando esteve no país, frequentou reuniões em uma Igreja Presbiteriana na capital paulista, contudo “[...] não demorou muito para que suas concepções bíblicas entrassem choque com as doutrinas conservadoras e calvinistas dos presbiterianos”.⁵³ Esse desencontro entre concepções talvez seja explicado pelo fato de o fundador da Congregação Cristã ter uma influência Valdense.⁵⁴ A partir disso, ele iniciou outra parte de seu movimento no estado do Paraná.

Ao voltar para São Paulo, Francescon retomou suas atividades e conseguiu atrair a participação tanto de presbiterianos e batistas, quanto de metodistas e católicos. Seu crescimento foi rápido e atingiu os estados do Sul, principalmente as colônias de imigrantes italianos.

Já Daniel Berg foi o fundador da Assembleia de Deus no Brasil. Sueco e de origem batista, Berg juntamente com outros colegas se candidataram ao ‘serviço missionário’ e se sentiram ‘chamados’ a virem para o Brasil. Eles chegaram a Belém do Pará em 1910. Segundo Campos Júnior, o protestantismo tradicional – representado por metodistas, batistas, presbiterianos, congregacionais e luteranos – já havia se instalado no Brasil em meados do século XIX. Os batistas se caracterizavam por uma evangelização agressiva, radical, e logo atingiram a região Norte do país.⁵⁵

A dissidência se deu logo (devido às maneiras de se interpretar a Bíblia) e quando apareceram as primeiras manifestações pentecostais – como o falar em línguas, por exemplo – os adeptos das ideias de Berg, bem como os líderes, foram expulsos.

⁵³ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. **Pentecostalismo**: sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995, p. 28.

⁵⁴ Os Valdenses tinham um conceito fundamental: a Bíblia, em especial o Novo Testamento, se constituía na única regra de fé e vida, e as interpretações eram realizadas de forma literal. Dentre os preceitos básicos estavam: o uso apenas da oração dominical, ações de graça antes das refeições, a prática de ouvir confissões e a de celebrar em conjunto a ceia do senhor.

⁵⁵ CAMPOS JÚNIOR, 1995, op. cit., p. 30.

Isso se deu apenas oito anos após a chegada dos missionários e logo o movimento se estruturou e foi se espalhando pelo estado do Pará. Em 1918 fora adotado o nome de Assembleia de Deus e se disseminou pelo Brasil e América Latina.

2.4 – PENTECOSTALISMO CATÓLICO E PRESENÇA NO BRASIL

EM 1959, meses após sua posse, o Papa João XXIII teria demonstrado o interesse em convocar este concílio ecumênico, que foi aberto em 1962. A ideia da Renovação Carismática como um ‘Novo Pentecostes’ vem exatamente das palavras proferidas na abertura do Concílio, relacionadas à necessidade de um novo Pentecostes para a Igreja – se o evento bíblico do Pentecostes marcou a fundação da Igreja, um novo Pentecostes seria seu renascimento.

O pentecostalismo não surgiu apenas entre os grupos protestantes e, mesmo entre os católicos, surgiu primeiro nos Estados Unidos. Em 1967 um grupo de estudantes, professores e clérigos da Universidade de Dunquene se encontravam, segundo Campo Júnior, desmotivados perante o ritualismo e a liturgia pré-estabelecidos tradicionalmente. Sentiam falta do emocional junto ao forte racionalismo católico. A partir disso, os católicos norte-americanos tentaram iniciar uma “experiência de reavivamento”. Deu-se então a formação de grupos de oração, que culminariam no pentecostalismo católico. Com o tempo, surgem as primeiras manifestações (experiências de êxtase) semelhantes às dos protestantes. Nos Estados Unidos o movimento manteve um caráter ecumênico,⁵⁶ com grupos mistos de católicos e protestantes e um grande apelo através da busca pela cura divina.⁵⁷

No dia 1º de março de 1967 aconteceu o primeiro encontro entre católicos e pentecostais, o que foi considerada a primeira experiência ecumênica desse tipo. Isso levou a uma maior aproximação também entre católicos e protestantes. O movimento se espalhou da Universidade para outros estados e outros estudantes.

⁵⁶ O ecumenismo na Renovação Carismática Católica norte-americana talvez se justifique pelo catolicismo ser minoritário nos Estados Unidos e estar inserido numa cultura protestante. No caso latino-americano, a Igreja Católica tem um ‘status oficial’, principalmente pela sua tradição e influência cultural.

⁵⁷ Para os Carismáticos, a cura divina seria investida pelo Espírito Santo aos fiéis aptos a desenvolverem este dom. Estes escolhidos teriam a capacidade de, através da imposição de mãos, ministrar a cura aos enfermos, afligidos tanto pelos males físicos quanto pelos espirituais e psicológicos.

Em abril do mesmo ano ocorreu o primeiro congresso nacional da Renovação Carismática. Foi o início do movimento pentecostal entre os católicos. Com o tempo, enfatizou-se a necessidade de formar mais grupos de oração.

Esse reavivamento entre católicos fez o movimento se expandir além das fronteiras norte-americanas e em pouco tempo chegou ao Canadá, Austrália, Nova Zelândia, além da América Latina e Europa, e diferentemente do pentecostalismo de origem protestante, o ramo católico buscou manter o movimento como parte do seu rebanho.⁵⁸

No Brasil a Renovação Carismática teve origem na cidade de Campinas, SP, em 1969, através dos padres jesuítas Haroldo Joseph Rahm e Eduardo Dougherty. Sua rápida expansão se deu principalmente nos estados do Paraná, Minas Gerais e Goiás.

Dessa forma os grupos de oração se espalharam pelo país⁵⁹ e aqui sofreu concorrência de outra ala do clero progressista, a Teologia da Libertação. É possível identificar também uma ala conservadora, que busca preservar as posições doutrinárias tradicionais da Igreja, estes interpretam o Movimento da RCC como à parte do Catolicismo, considerado como ‘coisa de crente’.⁶⁰

A Teologia da Libertação é tradicionalmente voltada para o campo mais social. Esse ramo tem uma participação popular mais intensa e seus seguidores fazem uma leitura integral da Bíblia. Até o final dos anos 80 boa parte da Igreja Católica, principalmente nos países em desenvolvimento como os da América Latina, era orientada pela Teologia da Libertação que cresceu com a luta contra a ditadura militar, com as Comunidades Eclesiais de Base e os diversos movimentos sociais.

Por sua vez, a Renovação Carismática possui uma ênfase mais espiritual, como acentuado o capítulo anterior. As manifestações ocorridas nas reuniões são similares às do pentecostalismo, porém preserva as doutrinas católicas básicas. “Embora tenha nascido em

⁵⁸ No caso protestante, as divergências dogmáticas e/ou institucionais culminam, geralmente, em uma nova seita (neo) pentecostal. Já no Catolicismo, esse cisma é interno, o que não leva ao rompimento com a Instituição Católica.

⁵⁹ Mapear a expansão do movimento não é tarefa fácil, nem é o foco do presente trabalho. Mas vale destacar que em poucos anos a Renovação Carismática alcançou 58 das 128 dioceses brasileiras partindo de seu núcleo principal, a cidade de Campinas.

⁶⁰ Entendido aqui como os adeptos de seitas Protestantes.

uma ‘igreja histórica’, a RCC apresenta os componentes dos grupos pentecostais e preserva características do catolicismo popular”.⁶¹

Essa forma de culto e prática devocional levou a uma maior participação de leigos, o que acabou sendo uma motivação a mais para os fiéis participarem dos grupos de oração. No início, a Renovação atingiu os líderes já engajados em movimentos como Cursilhos, Encontros de Juventude e foi se ampliando gradativamente como uma nova ‘onda’ de evangelização com identidade própria. Em 1972, Pe. Haroldo Rahm escreve o livro ‘Sereis batizados no Espírito’, onde explica o que vem a ser o Pentecostalismo Católico. Sendo uma das primeiras obras publicadas no país sobre o movimento, trazia orientações para a realização dos retiros de Experiência de Oração no Espírito Santo, que muito colaboraram para o surgimento de vários grupos de oração.

O Carismatismo Católico é o (re) despertar dessa espiritualidade, ligada com as seitas históricas cristãs primitivas em busca da recuperação da mística original presente no Cristianismo. Esse avanço pentecostal fez com que a Igreja tradicional procurasse rever sua atuação no Brasil, desenvolvendo uma liturgia menos racional. O Papa João Paulo II em seu ‘Discurso aos Responsáveis pelo Movimento Carismático Católico’ demonstrou o apoio aos grupos de oração junto à RCC. De acordo com ele

A Renovação Carismática Católica ajudou muitos cristãos a redescobrir a presença e a força do Espírito Santo na sua vida, na vida da Igreja e no mundo. Esta redescoberta despertou neles uma fé em Cristo repleta de alegria, um grande amor pela Igreja e uma generosa dedicação à sua missão evangelizadora.⁶²

Essa preocupação também se faz presente em algumas Igrejas Protestantes históricas, uma vez que o movimento possibilita o debate ecumênico. Para Campos Júnior, a aceitação por parte da Igreja Católica também é verificada, por exemplo, nos grupos metodistas; “[...] o ‘despertar’ católico tem provocado ressonância em algumas igrejas protestantes históricas. Estas procuram dar mais liberdade às ações consideradas carismáticas”.⁶³

⁶¹ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. **Pentecostalismo**: sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995, p. 96

⁶² Discurso aos responsáveis pelo Movimento Carismático Católico. Disponível em www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/outober/cocuments/hf_jp-ii_spe_19981030_carismatici_po.html Acesso em: 12 abr. 2011.

⁶³ CAMPOS JÚNIOR, 1995, op. cit., p. 100.

Em Uberlândia a RCC se instalou pouco depois da chegada do Movimento no Brasil. Em 1977, integrantes da classe média começaram a se reunir na Catedral de Santa Terezinha com o objetivo de orar, refletir e compreender a ação do espírito Santo.

No início a rígida estrutura Católica criticava a atuação da RCC frente uma Igreja suprema, sem pluralismo religioso. Hoje ela se faz presente em várias paróquias do município, “[...] sendo uma grande arrebatadora de multidões, característica que o catolicismo vinha perdendo a cada ano”.⁶⁴

2.5 – TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO X RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

POR SUA ÊNFASE em oposição ao movimento da Teologia da Libertação, a RCC é constantemente definida pelos estudiosos da TdL como arma da ala conservadora da Igreja Católica frente aos progressistas nos países da América Latina.

Idealizado por padres da América Latina, a TdL⁶⁵ propunha uma releitura de textos bíblicos, com base nas teorias políticas de cunho marxista. Atuando em paróquias ao mesmo tempo em que o Movimento Carismático se estabelecia no Brasil, possuía grande representação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Fora em um contexto de mudanças que a Igreja passou por alterações no perfil dos fieis, fruto das mudanças na sociedade brasileira, como a industrialização acelerada, migração e crescimento urbano, além de novas visões de mundo atreladas “[...] sobretudo as religiões afro-brasileiras, contando agora com sua modalidade universal, a umbanda, e as denominações evangélicas pentecostais”,⁶⁶ além do espiritismo e o protestantismo.

Contudo, esse quadro em relação ao empenho social mudou na década de 80. Com o papado de João Paulo II (16 de outubro de 1978 a 2 de abril de 2005) houve uma ofensiva interna frente à Igreja Popular aliada à desarticulação dos referenciais sociopolíticos da TdL. Os embates entre a cúpula católica e os líderes da TdL estiveram ligados principalmente à

⁶⁴ SANTOS, Geraldo Junio Pinheiro. **Católicos e carismáticos na Diocese de Uberlândia**: Rádio América, nas ondas da fé e da emoção. Uberlândia (1961-1995). 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006, f. 46.

⁶⁵ Não é objetivo deste trabalho aprofundar-se na análise da Teologia da Libertação. Sua breve descrição faz-se necessária pelas relações mantidas com a Renovação Carismática Católica, sem, contudo invocar uma observação exaustiva de sua História e pensamento.

⁶⁶ PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. (Orgs.). **A Realidade Social das Religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 96

utilização das teorias marxistas como instrumento de análise por parte de seus teóricos. As propostas de reforma estrutural da Igreja Católica indicadas pela TdL foram recebidas como desvios de fé, desacelerando o crescimento das CEBs.

Com essa instrução, a cúpula católica reagiu à tentativa de reforma no pensamento católico, proposta pelos teólogos da libertação, como desvios de fé. [...] viu-se que a Sagrada Congregação conferiu à TdL uma radicalidade que ela de fato não tinha, nem no que se refere ao uso da violência revolucionária, pelo menos como uma prática cristã, nem ao uso do marxismo como uma visão totalizante do mundo. [...] A Sagrada Congregação repôs os vários aspectos da concepção tradicional católica do homem e da sociedade que os teólogos pretendiam reformar: o caráter universalizante da fé católica, como uma verdade que paira acima da sociedade terrena e dos condicionamentos históricos; a autoridade da Igreja hierárquica em detrimento de uma Igreja do Povo; o princípio da obediência doutrinária; o individualismo católico, o homem é concebido individualismo em sua relação com o divino; o pobre, entendido como pobre de coração; o maniqueísmo católico, as diferenças na sociedade explicam-se pela oposição entre o bem e o mal. A Sagrada Congregação, ao não aceitar a renovação que propõe a TdL nesse ponto, renegou como uma falsa teologia, não condizente com a fé católica. (Instrução sobre alguns aspectos da 'Teologia da Libertação', setembro de 1984).⁶⁷

O papado iniciado em 78 ficou conhecido pela

[...] organização e o lançamento de uma forte ofensiva conservadora, marcada pela ortodoxia doutrinária, pelo apoio à centralização nas decisões e por uma revitalização do papado e, em geral, das hierarquias católicas.⁶⁸

Com a abertura política, a Igreja perdeu sua posição de opção única frente aos problemas sociais do período, devido à organização de movimentos civis voltados para a resolução dos problemas sociais e políticos. Nesse contexto a RCC ganha visibilidade diante a Igreja e a mídia como movimento opositor das CEBs, escolhido pelo Vaticano para reencaminhar os fiéis católicos.

Como citado anteriormente, a relação entre Teologia da Libertação e Renovação Carismática Católica se dá no contexto da história da América Latina a partir das décadas de 60 e 70, mas essa oposição é uma construção posterior, engendrada pela cúpula do Vaticano, cuja questão central são os embates teológicos entre Roma e os padres progressistas latino americanos. Além disso, os processos de redemocratização, abertura política e o fim da

⁶⁷ Sobre a Teologia da Libertação: Conheça o pensamento do Papa Bento XVI. Disponível em <http://www.cancaonova.com/portal/canais/formacao/internas.php?id=&e=4067>. Acesso em: 12 Abr. 2011.

⁶⁸ EZCURRA, A. M. **O Vaticano e o Governo Reagan**. São Paulo. Hucitec, 1984, p. 85.

Ditadura Militar devem também ser considerados no desgaste da Igreja Popular frente a esse novo contexto.

Durante o período em que a Teologia da Libertação esteve no comando da Igreja brasileira, a Renovação Carismática se estabeleceu nos meios católicos e teve apoio da hierarquia. O Movimento foi acompanhado pela Igreja, fez concessões frente às críticas recebidas (principalmente aquelas referentes ao compromisso social) e fortaleceu suas posições no campo católico.⁶⁹

Dessa maneira, percebe-se que a RCC parece ter pouca relação com a desestabilização da TdL. É característica da Igreja Católica a multiplicidade de movimentos religiosos e a manutenção dos diversos grupos, possibilitando um controle sobre o grande número de fieis por parte da instituição, o que dá uma ideia de pertencimento e unidade, demonstrando, assim, a capacidade de auto-reprodução dos preceitos católicos. A auto-avaliação permite ao catolicismo acompanhar as mudanças na sociedade por meio desses movimentos, o que mantém um discurso original, em que os valores mais tradicionais são preservados. Referindo-se ao papel da Igreja na sociedade brasileira e sua relação com o Estado, Romano demonstra que

[...] os católicos não se limitaram a resistir à cultura e às instituições produzidas por estas elites secularizadas: criaram, além disso, suas próprias vanguardas intelectuais e forjaram um discurso político com características próprias, dentro de parâmetros que só eles poderiam recolher.⁷⁰

Vimos nesse capítulo o surgimento dos movimentos Pentecostais, tanto de origem protestante quanto católico, e como ambos chegaram ao Brasil. Passamos brevemente pelas diretrizes do Vaticano II e como esse legitimou a Renovação Carismática Católica, pondo fim aos embates teológicos entre essa e a Teologia da Libertação.

No próximo, estudaremos a RCC enquanto movimento que se enquadra dentro de um contexto de ‘disputa do mercado religioso’ no Brasil, tendo a mídia como propulsora dessa ideia e suas estratégias para afirmar-se no cenário católico nacional frente às diversas denominações pentecostais. Além disso, pretendemos mostrar com ela se firma diante as novas concepções da chamada ‘sociedade pós-moderna’.

⁶⁹ MASSARÃO, Leila Maria. Combates no Espírito: Renovação Carismática Católica, teorias e interpretações. **Revistas Aulas: Dossiê Religião**, Campinas, UNICAMP, n. 4, p. 15, Abr./Jul. 2007.

⁷⁰ ROMANO, Roberto. **Brasil: Igreja contra Estado**. São Paulo: Kairós, 1979, p. 83.

**O MOVIMENTO CARISMÁTICO
CATÓLICO E AS DIMENSÕES DO CATOLICISMO NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

CAPÍTULO III

3.1 – O DISCURSO DA ‘CRISE’: ENTRE SECULARIZAÇÃO E DESSECULARIZAÇÃO

É COMUM ENCONTRARMOS no discurso da Igreja Católica a noção de perda de valores por parte da sociedade, juntamente com um afastamento da Igreja em relação ao mundo e aos problemas sociais devido uma crescente falta de fé do homem contemporâneo.

Esse ‘discurso da crise’ compõe a imagem de uma Igreja frente a uma sociedade moderna, secularizada e materialista que, ao se incidir sobre ela promove tal ‘crise’ e, conseqüentemente, seu retrocesso, através da perda dos valores morais cristãos, de fieis e da diminuição de seu espaço na sociedade. Podemos verificar esse discurso na Carta do Papa João Paulo II a D. Jean-Pierre Ricard, Arcebispo de Bordéus e Presidente da Conferência Episcopal Francesa.

A crise de valores e a falta de esperança que se verifica na França, e mais amplamente no Ocidente, fazem parte da crise de identidade que as sociedades modernas atuais vivem; com frequência elas propõem uma vida fundada no bem-estar material, que não pode indicar o sentido da existência, nem dar os valores fundamentais para fazer opções livres e responsáveis, fonte de alegria e bem-estar. A Igreja interroga-se sobre tal situação e deseja que os valores religiosos, morais e espirituais, que pertencem ao patrimônio da França, que modelaram a sua identidade e que forjaram gerações de pessoas desde os primeiros séculos do cristianismo, não sejam esquecidos.⁷¹

Ao expor tal ‘crise’, a Igreja Católica aparece como solução possível para tais males e como salvadora da sociedade. Assim, ela se vale da propaganda de sua renovação como forma de atração de fieis em busca de solução para tais problemas seculares e também com o estímulo ao retorno dos indivíduos afastados da comunidade religiosa.

É comum encontrarmos assimilações em relação ao ‘discurso da crise’ como descrença do homem moderno e à perda do espaço devido à ascensão de novas denominações cristãs e não-cristãs. Tal argumento também é encontrado nos trabalhos de teóricos da Igreja ou cientistas ligados a ela. Contudo,

[...] a ‘crise’ está presente nos discursos do clero, dos teólogos e da academia, porém, quando observamos a Igreja in loco o que vemos é sua contínua solidez, o crescente número de fiéis, sem contar o número de novas organizações católicas que surgem e se somam a outras tantas.⁷²

⁷¹ Carta do Papa João Paulo II a D. Jean-Pierre Ricard, Arcebispo de Bordéus e Presidente da Conferência Episcopal Francesa. Disponível em: www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/2005/documents/hf_jpii_let_20050211_french-bishops_po.html. Acesso em: 21 Maio 2011.

⁷² MASSARÃO, Leila Maria. Combates no Espírito: Renovação Carismática Católica, teorias e interpretações. *Revistas Aulas: Dossiê Religião*, Campinas, UNICAMP, n. 4, p. 17, Abr./Jul. 2007.

As teorias acerca da dessacralização da sociedade e do desencantamento do mundo moderno alimentam o discurso religioso, culminando numa reação devocional. Assim, os vários movimentos religiosos católicos aparecem como forças de defesa da Igreja frente à ‘crise’. Assim, é garantido ao fiel um grande leque de opções e variadas soluções para a ‘crise’, o que mantém o rebanho e a constante renovação da Igreja Católica.

E foi como combatente da ‘crise’ que a Renovação Carismática se posicionou no universo católico. O discurso carismático caracteriza o Movimento como fonte de renovação da Igreja, veículo pelo qual a Igreja poderia vencer os percalços da falta de fé e os desafios da sociedade secularizada.⁷³

Em um primeiro momento, a modernização da sociedade fora entendida como sinônimo de secularização,⁷⁴ contrapondo a religião ao progresso e ao desenvolvimento social, colocando a racionalização crescente da vida social como causa inevitável de retraimento da religião. Contudo, essa é uma visão linear e progressiva de secularização, pois tal contraponto perde importância frente a uma religião contemporânea que seja aberta à ambivalência dos fenômenos sociais e ao reconhecimento da persistência da religião na sociedade dita ‘pós-moderna’.⁷⁵

A religião, enquanto fator relevante da mutação social e política que está rapidamente mudando o resto do mundo contemporâneo é entendida em uma nova perspectiva diante dessa nova sociedade. Ela deve ser considerada como um recurso cultural e como forma complexa que escapa à identificação com qualquer instituição religiosa ou com partes do sistema social, cujos símbolos interpretam a nova realidade percebida pelos atores, sem passar diretamente pela religião institucionalizada.

Na ausência de fundamentos absolutos e com a transformação da própria ideia de verdade, o ‘pós-moderno’ não se apresenta, de fato, nem como a

⁷³ MASSARÃO, Leila Maria. Combates no Espírito: Renovação Carismática Católica, teorias e interpretações. **Revistas Aulas: Dossiê Religião**, Campinas, UNICAMP, n. 4, p. 19, Abr.\Jul. 2007.

⁷⁴ Na época moderna, portanto, o termo ‘secularização’ designa os processos de laicização, isto é, de autonomia em relação à esfera religiosa, que surgiram no Ocidente a partir da dissolução do Feudalismo. Por isso, secularização tornou-se sinônimo de subtração de poder, do saber e do agir social, do controle ou da influência de instituições eclesiais ou de universos simbólico-religiosos.

⁷⁵ O termo foi definido por Lyotard como sendo a condição do saber, nas sociedades tecnicamente progressistas, entendendo designar com isso o estado da cultura, depois das transformações sofridas pelas regras dos ‘jogos’ linguísticos, tais como a ciência, a literatura e as artes, a partir do fim do século XIX. A hipótese de trabalho da qual parte Lyotard é que “o saber muda de estatuto, no momento em que as sociedades entram na idade pós-industrial e as culturas na idade chamada pós-moderna”. Ver: LYOTARD, Jean-François. **La condicione postmoderna: Rapporto sul sapere**. Milão: Feltrinelli, 1984.

superação da modernidade, nem como *oposição* a ela, mas sim como a sua *derivação* e a sua *dissolução*.⁷⁶

Assim, a sociedade ‘pós-moderna’ seria uma sociedade ‘pós-secular’ na qual a ênfase na tendência secularizante é deixada de lado permitindo perceber inúmeros fenômenos de dessecularização, o que possibilita também reconsiderar o fenômeno religioso na sua globalidade e peculiaridade, sem esquecer a espessura institucional ou esvaziar a dimensão ética dos fenômenos religiosos.

A urbanização e a industrialização aparecem como algumas das condições para o abandono da prática religiosa e a crise das formas de religiosidade tradicional. Tais fatores foram interpretados, de um lado, como que irreversível, a crise como consequência da racionalização comportando também a dessacralização da sociedade e por outro, como apenas uma dessacralização, um momento de purificação dos aspectos sacrais do Cristianismo.

Contudo, podemos perceber outra possibilidade, a de uma religião não apenas purificada na sociedade secular, mas também onde a necessidade do sagrado não estivesse realmente desaparecido. A secularização não inverteu a ordem sagrada ou a superou, mas criou uma relação de retomada e manutenção, ligando a civilização profana às suas raízes judaico-cristãs.

Uma cultura secularizada não é uma cultura que simplesmente deixou para trás os conteúdos religiosos da tradição, mas que continua a vivê-los como traços, modelos escondidos e distorcidos, porém profundamente presentes.⁷⁷

Essa visão pode ser justificada quando analisamos o Movimento Carismático Católico. Nele encontramos os pontos centrais dessa ideia, principalmente no que se remete à adaptação a essa nova visão do religioso na contemporaneidade. Os dois principais traços são a mídia, como veículo de propagação da fé e a ‘disputa do mercado religioso’ com as novas denominações religiosas, principalmente Pentecostais.

⁷⁶ MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**: entre secularização e dessecularização. Tradução de Euclídes Martins Balancin. São Paulo: Paulinas. 1995, p. 18.

⁷⁷ VATTIMO, 1989 apud Ibid., p. 437.

3.2 – MÍDIA E ‘MERCADO RELIGIOSO’

A RCC é MUITAS vezes interpretada e aproximada junto ao Pentecostalismo como uma disputa de mercado com as denominações religiosas pentecostais protestantes que proliferam no país frente a essa ‘crise’. Até mesmo a mídia do Brasil a tem interpretado a partir de uma visão comercial.

Essa hipótese de ‘disputa de mercado religioso’ é caracterizada principalmente entre católicos e as denominações pentecostais como as Igrejas Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça e motivada a partir do número de membros e das horas disponíveis na mídia.

Em relação à RCC essa abordagem é justificada por sua própria organização, uma vez que, na formação dos líderes carismáticos é utilizado conceitos de marketing. Por outro lado, os empreendimentos do Movimento são organizados como verdadeiras estratégias comerciais.

Dessa maneira, as manifestações carismáticas surgem como apelo na disputa de fiéis sobrepondo às motivações religiosas, ou seja, a concorrência religiosa, juntamente com as medidas publicitárias se sobrepõe à dimensão devocional do Movimento Carismático.

Contudo, quando visto ‘por dentro’ o Movimento Carismático nos dá outra visão. Ele surge como renovador da fé católica, como já vimos, frente essa sociedade ‘pós-moderna’, e só aparentemente secularizada, uma vez que, os traços religiosos ainda se fazem presentes.

No caso católico, a RCC é o exemplo perfeito, ao lado das denominações pentecostais protestantes, de como a religião se adaptou a esse novo mundo, valendo-se dos próprios elementos dessa sociedade para se manterem no cenário.

A RCC possui vários veículos de propagação da fé católica. No caso brasileiro, o mais expressivo é, com toda certeza, a Comunidade Canção Nova que nasceu por volta de 1976 tendo como fundador monsenhor Jonas Abib. Hoje ela possui como explicitado em seu site:

[...] o Sistema Canção Nova de Comunicação abrange diferentes mídias que, como a figura da Santíssima Trindade, se completam seguindo uma linha única de apostolado. São elas: Revista, Rádio (AM e FM), TV, Portal, WebTV e Mobile [...].⁷⁸

⁷⁸ Meios de comunicação. Disponível em <<http://comunidade.cancaonova.com/meios-de-comunicacao/>> Acesso em: 24 Maio 2011.

Todos esses recursos são interpretados como instrumentos cruciais para a missão evangelizadora. A TV Canção Nova, por exemplo, possui um conteúdo totalmente diferenciado. “A grade de programação não tem vínculo algum com anunciantes, o que reforça sua autonomia para selecionar as informações mais apropriadas para seu público-alvo”.⁷⁹

Dessa forma, percebemos como a mídia é utilizada como reforço e propagação da fé, contrariando algumas análises que interpretam como simples disputa no mercado das religiões. Outra forma de divulgação muito utilizada pela RCC e a Comunidade Canção Nova são as revistas. Tratam-se de exemplares mensais que abordam temas relacionados às atualidades bem como aqueles voltados pra própria comunidade.

Quando analisadas, percebe-se que, acima de tudo, a revista é um instrumento de evangelização. Trata-se de um canal que liga a Comunidade aos sócios, levando-os conhecerem melhor a obra e a missão da comunidade. Além disso, nota-se o discurso de Renovação proposta pela Igreja desde o século passado cujo RCC é o grande expoente.

Percebemos esse discurso de renovação do mundo e do homem durante a análise das revistas. Na edição de maio de 2009 em um artigo intitulado ‘Toda crise tem que ser superada’, aparece claramente o objetivo geral, tanto da Comunidade quanto da RCC: “A nossa meta é viver em comunidade e você já faz parte de uma, a Canção Nova e você promovendo homens novos para um mundo novo.”⁸⁰ (Destaque nosso)

Uma característica marcante do Movimento Carismático é a evangelização de crianças e jovens. Vistas como futuro da religião, eles formam grupos de oração específicos e o Movimento mantém uma programação especialmente voltada pra esse público.

Em um exemplar da Revista Canção Nova, datada de fevereiro de 2009, é destacado o programa Bem da Hora, cujo objetivo é a evangelização infanto-juvenil. Trata-se de “[...] um programa dinâmico, com games, brincadeiras, matérias sobre curiosidades, música, dança, clipes e tudo que faz parte desse universo pré-adolescente”.⁸¹

⁷⁹ Meios de comunicação. Disponível em <<http://comunidade.cancaonova.com/meios-de-comunicacao/>> Acesso em: 24 Maio 2011.

⁸⁰ **Revista Mensal do Sócio Evangelizador**, Ano VIII, n. 101, Maio de 2009.

⁸¹ **Revista Mensal do Sócio Evangelizador**, Ano VIII, n. 98, Fevereiro de 2009.

Dessa forma, pela importância dos jovens dentro da Renovação Carismática e seus Grupos de Oração serem tão numerosos, decidimos analisar um G.O específico (misto e de jovens), como forma de, a partir do específico, entendermos o todo.

3.3 – GRUPOS DE ORAÇÃO CARISMÁTICOS: ‘FAZENDO A GRAÇA ACONTECER!’

COMO JÁ VIMOS, os Grupos de Oração são a célula fundamental da RCC, sua expressão máxima. Podemos defini-los como comunidades carismáticas que cultivam a oração, a partilha e todos os outros aspectos da vivência do Evangelho, a partir da experiência do batismo no Espírito Santo.

Trata-se de uma reunião semanal na qual um grupo de fiéis coloca-se diante de Jesus, sob a ação do Espírito Santo, para louvar e glorificar a Deus, participar dos dons divinos e edificar-se mutuamente.

O grupo de oração da RCC não deve esquecer, obviamente, de sua identidade carismática. Os outros grupos dentro de outras experiências são importantes para a Igreja e para as pessoas, mas o Grupo de Oração carismático tem características próprias: Batismo do Espírito Santo e o uso dos Carismas.

Cada Grupo de Oração precisa ser, na Igreja e no mundo, rosto e memória do Pentecostes, assumir a responsabilidade pela transformação da nossa cultura, criando não só na Igreja, mas no mundo todo, uma cultura de Pentecostes através da qual todos busquem a construção do Reino de Deus.⁸²

3.3.1 – OBSERVAÇÃO DE UM GRUPO DE ORAÇÃO EM UBERLÂNDIA

UBERLÂNDIA POSSUI HOJE 21 Grupos de Oração espalhados pelas diversas comunidades e paróquias da cidade. Decidimos enfim, analisar (tratou-se de uma observação *in loco*) os encontros do “G.O Anuncia-me”, formado por jovens que fazem seus encontros

⁸² Disponível em: <http://presentepravoce.wordpress.com/2008/03/24/grupo-de-oracao-carismatico/>. Acesso em: 25 Maio 2011. Trata-se de um Blog mantido por um Carismático, que assim como vários outros fiéis, utilizam-se desse meio de comunicação como forma de propagar sua fé e a história do Movimento. Esse tipo de material deve ser analisado com muito cuidado uma vez que, não se trata de uma fonte, dita, séria. Contudo, enquanto relato das experiências pessoais é de enorme valor.

semanais todas as segundas-feiras, na Matriz Nossa Senhora do Caminho, na rua José Resende Costa, 456, no bairro Santa Maria.

Como qualquer outro G.O, o Anuncia-me procura promover a experiência de Pentecostes, ou facilitar esta experiência para o fiel, e acompanhá-lo no caminhar espiritual. Por isso, trata-se do instrumento principal da RCC na promoção da experiência pentecostal na Igreja que chamamos de Batismo ou Efusão no Espírito Santo.

O ritual se inicia com uma acolhida aos membros e, em especial, aos novos fieis que participam do Grupo pela primeira vez. Esses são chamados à frente para se apresentarem, falar sobre sua vida em Igreja e sua ligação à RCC. Esse momento é de muita alegria e espontaneidade como forma de ‘quebrar o gelo’.

Após essas breves apresentações inicia-se um momento de animação. Regado de alegria, o povo se solta, descontraí e sai da inércia inicial.

Dentre as várias músicas, podemos destacar duas das mais conhecidas, devido aos seus cantores. Padres Católicos Carismáticos, tanto Marcelo Rossi quanto Fábio de Melo são conhecidos pela sua vocação para a música e estão constantemente na mídia.

Noites Traíçoeras⁸³

Deus está aqui neste momento.
Sua presença é real em meu viver.
Entregue sua vida e seus problemas.
Fale com Deus, Ele vai ajudar você.

Deus te trouxe aqui
Para aliviar o teu sofrimento.
É Ele o autor da Fé
Do princípio ao fim,
De todos os seus momentos.
E ainda se vier noites traiçoeras,
Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo.
O mundo pode até fazer você chorar,
Mas Deus te quer sorrindo. (bis)

Seja qual for o seu problema
Fale com Deus. Ele vai ajudar você.

⁸³ Marcelo Rossi. Composição de Carlos Papae.

Após a dor vem a alegria,
Pois Deus é amor e não te deixará sofrer.

Deus te trouxe aqui
Para aliviar o seu sofrimento.
É Ele o autor da Fé
Do princípio ao fim,
De todos os seus momentos.

E ainda se vier noites traiçoeiras,
Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo.
O mundo pode até fazer você chorar,
Mas Deus te quer sorrindo.

Tudo posso⁸⁴

Posso, tudo posso Naquele que me fortalece
Nada e ninguém no mundo vai me fazer desistir
Quero, tudo quero, sem medo entregar meus projetos
Deixar-me guiar nos caminhos que Deus desejou pra mim e ali estar

Vou perseguir tudo aquilo que Deus já escolheu pra mim
Vou persistir, e mesmo nas marcas daquela dor
Do que ficou, vou me lembrar
E realizar o sonho mais lindo que Deus sonhou
Em meu lugar estar na espera de um novo que vai chegar
Vou persistir, continuar a esperar e crer
E mesmo quando a visão se turva e o coração só chora
Mas na alma, há certeza da vitória

Posso, tudo posso Naquele que me fortalece
Nada e ninguém no mundo vai me fazer desistir

Vou perseguir tudo aquilo que Deus já escolheu pra mim
Vou persistir, e mesmo nas marcas daquela dor
Do que ficou, vou me lembrar
E realizar o sonho mais lindo que Deus sonhou
Em meu lugar estar na espera de um novo que vai chegar
Vou persistir, continuar a esperar e crer ...
Eu vou sofrendo, mas seguindo enquanto tantos não entendem
Vou cantando minha história, profetizando
Que eu posso, tudo posso... em Jesus!

Percebemos que não se trata de um momento vazio de sentido, as músicas que permeiam esse momento se relacionam ao tema do Louvor e da Efusão do Espírito Santo.

⁸⁴ Composição Pe. Fábio de Melo.

Como as reuniões são basicamente de orações, deve prevalecer o momento de Louvor. Esse consome mais tempo nos encontros dos G.O. Nesse momento os participantes reconhecem quem é Deus e se vêem diante de tal grandeza. Por isso, o fiel deve aplaudir, elogiar, parabenizar Deus. Percebe-se que existem outras formas de oração (petição, intercessão, cura...), mas o Louvor tem um lugar privilegiado nas reuniões de oração.

O Louvor dá espaço ao Batismo no Espírito Santo. Esse momento é de uma intensidade diferenciada, principalmente nos Grupos de Oração Universitários e de jovens. Trata-se da identidade carismática e no exercício dos carismas. Os participantes clamam por uma nova efusão da graça do Espírito por meio da oração, do canto, da dança e da imposição das mãos. É interessante ressaltar como tal momento é marcado pela intensidade do fiel. Quase como em um transe, alguns se ajoelham, outros, com as mãos pro alto, clamam por cura, tanto espiritual quanto corporal. É o momento em que o fiel dá de corpo e alma ao Sagrado.

Após tamanha intensidade ocorre o Anúncio da Palavra. De acordo com os participantes, é o momento onde Deus fala através da Sagrada Escritura. Há a pregação por parte dos coordenadores e um anúncio kerigmático⁸⁵ terminando com um momento de oração. Nesse final, há uma síntese da mensagem passada no G.O e um “Envio” dos participantes para a prática durante a semana.

De modo geral podemos perceber os novos elementos que fazem da Renovação Carismática Católica um sucesso quando se trata de religiosidade e espiritualidade. Essa nova dimensão do Sagrado foi, e é o segredo que atrai as novas fileiras de fiéis católicos que a cada dia lotam mais Templos e Igreja por todo o mundo. Dessa maneira, ela dá à religião um Novo conceito, uma Nova visão dentro desse Novo mundo contemporâneo, onde o Novo Homem também ganha novos contornos e identidades.

⁸⁵ O culto kerigmático (vocábulo grego kerigma quer dizer: proclamação) focaliza a atenção sobre a evangelização dos não convertidos. As diversas partes do culto são direcionadas aos ‘perdidos’, para se entregarem a Jesus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho buscamos inserir a Renovação Carismática Católica dentro dos Novos Movimentos Religiosos que surgiram durante o século XX frente a uma sociedade dita secularizada e moderna. Contudo, ao analisarmos a dinâmica dos Grupos de Oração, juntamente com outros documentos que explicitam a dinâmica Carismática, pudemos perceber uma nova visão da RCC dentro dessa sociedade.

As dimensões do Sagrado Carismático vão para além de um simples conceito de sociedade secularizada, onde os símbolos e o pluralismo religioso estão à parte. Tanto pelas experiências pós Vaticano II quanto pelas divergências com a Teologia da Libertação, percebemos que a RCC fez frente aos problemas que surgiram durante seus primeiros anos, principalmente a disputa de fieis junto ao Espiritismo Kardecista, a Umbanda ao Candomblé e de modo geral, à TdL. Contudo, apesar da sua afirmação dentro do Catolicismo Institucionalizado, tais ‘disputas’ ainda continuam presentes, mas os desafios são outros. Hoje são as denominações pentecostais protestantes que fazem frente a isso.

Dentro desse novo contexto, tal sociedade não aparece como sendo secularizada. Os novos elementos que foram trazidos pela Renovação Carismática e pelas denominações pentecostais protestantes (como as músicas, o canto, a dança, o louvor...) nos mostram um (re) despertar da religião, voltada principalmente para o emocional e o espiritual.

No meu entendimento, os fieis não devem ser interpretados como simples massa de manobra frente à disputa de mercado religioso que é difundido pela mídia de modo geral. Ao contrário, penso que a grande atração de fieis para o seio das religiões, típico do fim do século XX e início do XXI, nos mostra que a busca pelo Sagrado está além da instituição Igreja e que continua pungente no cotidiano e na experiência vivida.

O Movimento Carismático é um bom exemplo disso. Pré-estabelecido dentro de uma grande religião, a atração de fieis se deu por meio dessa busca por algo mais emocional, mais ligado ao Divino, característica também presente nas denominações (neo) pentecostais.

Dentro dessa sociedade pós-moderna, não cabe mais a ideia de secularização, mas sim a noção de dessecularização ou eclipse da secularização, para usar o termo de Martelli,⁸⁶ um retorno (será que um dia ela saiu?) da religião ao centro da vida do homem.

⁸⁶ MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**: entre secularização e dessecularização. Tradução de Euclídes Martins Balancin. São Paulo: Paulinas. 1995, p. 415.

A Renovação Carismática utiliza-se dos elementos dessa nova sociedade, desse “novo mundo” em que os limites da crença, ou as fronteiras da fé são difusas e, com frequência, não constroem rigidez ao fiel, e se impõe como uma “nova visão” de Igreja.

Valendo-se da própria mídia ela se faz presente na vida do “novo homem”, (pós) moderno, cuja troca de informações se faz instantaneamente. A mídia não levou a religião para um lado obscuro, de disputas por número de fieis como em um “mercado de religiões”. A própria religião se valeu desse recurso para fazer frente às transformações do mundo.

Desde a década de 1970 o Catolicismo tradicional vem perdendo espaço para as outras religiões, principalmente o protestantismo pentecostal. Contudo, o possível aumento do número de fieis no catolicismo hoje é, em grande parte, devido à RCC e seu novo olhar do que é ser Igreja, típico dessas religiões. A busca pelo Sagrado, pelo Batismo no Espírito Santo e seus carismas são o centro dessa nova ideia.

Assim, podemos falar que a ênfase no espiritual, a busca por esse Sagrado, típico das seitas cristãs primitivas, foi o que tornou a RCC um movimento singular no último século, dotando-a de um caráter diferenciado. Essa talvez seja a razão pela qual a RCC atrai mais fiéis a cada dia, Seu papel no mundo contemporâneo parece ser o de fazer a manutenção daqueles que estavam desiludidos diante o ritualismo e surge como uma “nova forma” de ser Igreja frente ao mundo contemporâneo.

**FONTES E
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BIBLIOGRAFIA

AZZI, Riolando. **A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira**. Aparecida: Editora Santuário, 2008

_____. A Teologia na Reforma Católica (1840-1920). In: _____. **Teologia em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In: MOREIRA, A.; ZICMAN, R. (Orgs.). **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. Crença e Identidade: campo religioso e mudança cultural. In: SANCHIS, Pierre. **Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

CAILLOIS, Roger. **O Homem e o Sagrado**. Tradução de Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70, 1963.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Igreja e Desenvolvimento**. São Paulo: Brasileira de Ciências, 1971.

CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. **Pentecostalismo: sentidos da palavra divina**. São Paulo: Ática, 1995.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Secularização e reencantamento: emergência dos novos movimentos religiosos. **Boletim Informativo de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, 2003.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1987.

CARVALHO, José Jorge. O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade. In: MOREIRA, A.; ZICMAN, R. (Orgs.). **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis, Vozes, 1994.

CUNHA, Mons. Antônio Afonso da; SALAZAR, Aparecida Portilho. **Nossos pais nos contaram: História da Igreja em Uberlândia (1818-1889)**. Uberlândia: UFU, 1989.

DEGRANDIS, Robert; SCHUBERT, Linda. **Vem e segue-me: a liderança na Renovação Carismática Católica**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1990.

DIEL, Paulo Fernando. A paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando. (Org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva histórica**. São Paulo: Paulus, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução de Joaquim Pereira Neto; Revisão José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulinas, 1989.

EZCURRA, A. M. **O Vaticano e o Governo Reagan**. São Paulo. Hucitec: 1984.

GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. **O livro Das Religiões**. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Cia. da Letras, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GUERRIERO, Silas. Novidades religiosas: entre relativismos e fundamentalismos. In: BAPTISTA, P. A. N.; PASSOS, M.; SILVA, W. T. (Orgs.). **O Sagrado e o Urbano: Diversidades, manifestações e análise**. São Paulo: Paulinas, 2008, (Coleção Estudos da ABHR).

HUBERT, H. Prefácio. In: CHANTEPIE DE LA SAUSSAYE. **Manual da História das Religiões**. Paris: s/ed., 1904.

LAURENTIN, R. **Pentecostalismo entre Católicos: riscos e futuro**. Petrópolis: Vozes, 1977.

LYOTARD, Jean-François. **La condizione posmoderna: rapporto sul sapere**. Milano: Feltrinelli, 1981.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização**. Tradução de Euclídes Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995.

MASSARÃO, Leila Maria. Combates no Espírito: Renovação Carismática Católica, teorias e interpretações. **Revistas Aulas**, Dossiê Religião, Campinas, UNICAMP, n. 4, Abr./Jul. 2007.

NOVAK, Philip. **A Sabedoria do Mundo**. Tradução de Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e dominação de classe**. Petrópolis: Vozes, 1985.

PASSOS, M. O catolicismo popular: o sagrado, a tradição, a festa. In: _____. **A festa na vida: significados e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREZ, Léa Freitas. Conflito religioso e politeísmo dos valores em tempos de globalização. In: PEREIRA, Mabel Salgado; SANTOS, Lyndon de A. (Orgs.). **Religião e violência em tempos de globalização**. São Paulo: Paulinas, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. (Orgs.). **A Realidade Social das Religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Bye, bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no censo 2000. **Estudos Avançados**, São Paulo, EDUSP, n. 52, 2004.

_____. Reencantamento de dessecularização; propósito de um auto-engano em sociologia da religião. **Novos Estudos**, CEBRAP, 1997.

PRANDI, Reginaldo; SOUZA, André Ricardo de. A Carismática despolitização da Igreja Católica. In: PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo (Orgs.). **A Realidade Social das Religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.

ROMANO, Roberto. **Brasil: Igreja contra Estado**. São Paulo: Kairós, 1979.

SANTOS, Geraldo Junio Pinheiro. **Católicos e carismáticos na Diocese de Uberlândia: Rádio América, nas ondas da fé e da emoção – Uberlândia (1961-1995)**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Programada de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

SILVA, Wellington Teodoro da. Um percurso no catolicismo brasileiro: tradição e revolução. In: PASSOS, Mauro. (Org.). **Diálogos Cruzados: religião, história e construção social**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

SMET, Walter. **Comunidades Carismáticas**. São Paulo: Loyola, 1987.

SOUZA, Luiz Albertto Gómez de. Secularização em declínio e potencialidade transformadora do Sagrado, Religião e Sociedade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 14, n 40, Set/Dez. 2000.

TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central – História da Criação do Município de Uberlândia**. Uberlândia: Editora Gráfica de Uberlândia, 1970, p. 422-425. V. II.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. (Org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectiva histórica**. São Paulo: PAULUS, 1997.

VATTIMO, Gianni. **La società trasparente**. Milão: Garzanti. 1989.

WEIGEL, George. **A Verdade do Catolicismo**. Lisboa: Bertrand Editora. 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. Festas Religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, 1994.

_____. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Raquel. (Orgs.). **Ensino de História – Conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo**. Petrópolis: Vozes. 2008. Tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964. (Coleção História Geral da Igreja na América Latina).

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social In: ROMANO, Ruggiero. (Org.). **Enciclopédia Einaudi (Anthropos-Homem)**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. v. 5.

BATAILLE, Georges. **Teoria da Religião**. Tradução de Sérgio Goes de Paula e Viviane de Lamare. São Paulo: Ática. 1993.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião. In: SACHS, Viola; et al. **Brasil & EUA: Religião e Identidade Nacional**. Tradução de Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **Os Baluartes da Tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II**. Curitiba: CRV, 2011.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Católicos, protestantes e espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CHAHON, Sergio. **Os convidados para a ceia do Senhor: as missas e a vivência leiga do catolicismo na cidade do Rio de Janeiro e arredores (1750-1820)**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

DELLA CAVA, Ralph. Política do Vaticano 1978-1990: uma visão geral. In: SANCHIS, Pierre. **Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. Igreja e Estado no Brasil do século XX. **Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 12, 1974.

DUFFY, Eamon. **Santos e Pecadores: A História dos Papas**. Tradução de Luís Antônio Araújo. São Paulo: Cosas e Naify, 1998.

FRAGOSO, Hugo. A Igreja na formação do estado Liberal, 1840-1875. In: CEHILA. **A História da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980. Tomo II/2.

GOMES, Edgar da Silva. **A Separação Estado-Igreja no Brasil (1890): uma análise da pastoral coletiva do episcopado brasileiro ao Marechal Deodoro da Fonseca**. 2006. Dissertação (Mestrado em Teologia Dogmática) – PFTNSA, São Paulo, 2006.

HAUCK, João FAGUNDES. A Igreja na emancipação: 1808-1840. In: CEHILA. **A História da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980. Tomo II/2.

JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Tradução de Cristiane de Assis Serra. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas / São Paulo: Autores Associados / ANPOCS, 1996.

MANOEL, Ivan Ap. História, religião e religiosidade. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Dossiê Identidades Religiosas e História, Ano I, n. 1.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Tradição e Modernidade Conservadoras no Catolicismo: o apostolado da Oração e a Renovação Carismática Católica. **Sociedad y Religión**, Belém, UFP, n. 22/23, 2001.

MELO, Carlos Wellington Martins de. **“A nação é Católica”**: Educação e Cidadania nas primeiras décadas republicanas (1890 a 1930). 2006. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP, Franca, 2006.

NASCIMENTO, Márcio Luiz do. Desencantamento do mundo: acréscimos-explicativos de Max Weber à “versão final” de “A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo”. **Cronos**, Natal, v. 9, n. 1, Jan./Jun. 2008.

NEVES, Guilherme Pereira das. **Um mundo ainda encantado**: religião e religiosidade na América Portuguesa ao fim do período colonial. Niterói: UFF, 2000.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Comunidade Igreja e poder: em busca de um conceito sociológico de ‘Igreja’. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 13, v. 3, Nov. 1986.

PEREZ, Léa Freitas. Algumas notas sobre religião e cultura de consumo. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, Abr./Jun. 2010.

PRANDI, Reginaldo. **Catolicismo e família**: transformação de uma ideologia. São Paulo: CEBRAP / Brasiliense, 1975.

_____. **Um sopro do Espírito**. São Paulo: Edusp, 1998.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo. Outra Juventude Universitária Católica: notas sobre os grupos de oração carismáticos na universidade. In: PEREZ, L. F.; TAVARES, F.; CAMURÇA, M. (Orgs.). **Ser jovem em Minas Gerais**: religião, cultura e política. Belo Horizonte: Argymentvm; 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Identidade nacional, religião, expressões culturais.: a criação religiosa no Brasil. In: SANCHIS, Pierre. (Org.). **Catolicismo**: unidade religiosa e pluralismo cultural. Grupo de Estudos do Catolicismo do ISER. São Paulo: Loyola, 1992.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. A visão trágica do catolicismo no Brasil: inconformações de Eduardo Hoornaert. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, ano II, n 6. 2010.

RANAGHAN, Dorothy; RANAGHAN, Kevin. **Católicos Pentecostais**. São Paulo: Paulist-Prest, 1972.

RAQUENTAL JÚNIOR, César Alberto. **Ensino Religioso x Ensino Laico**: a laicização da escola pública na 1ª República. 2007, Dissertação (Mestrado) – PUC-RS, Porto Alegre, 2007.

RODRIGUES, Cláudia. O Bispo e o General: A Igreja Ultramontana e o Sepultamento do General Abreu e Lima. **X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ. História e Biografias – UERJ. 2002.** Disponível em <http://www.rj.anpuh.org/anais/2002/comunicacoes/rodrigues%20claudia.doc>

SANCHIS, Pierre. (Org.). **Catolicismo**: unidade religiosa e pluralismo cultural. Grupo de Estudos do Catolicismo do ISER. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. Desencanto e Formas Contemporâneas do Religioso. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, Ano 3, n 3, 2001.

SMITH, Huston. **The World’s Religions**. San Francisco: Harper San Francisco, 1991.

SOUZA, Beatriz Muniz de. **A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo**. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. *Economía y Sociedad*. **Esbozo de sociología comprensiva**. 7 reimp. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

FONTES CONSULTADAS

CNBB. Pastoral Social. **Estudos da CNBB**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1978. n. 10.

_____. **Comissão Justiça e Paz**: documentos normativos. São Paulo: Paulinas, 1983.

_____. **Renovação Carismática Católica**: dados históricos. Documento 19 da 32ª Assembléia Geral. Itaici, 1994.

Encontro Episcopal Latino-Americano. **A renovação espiritual católica carismática**. (Documento de Colômbia, setembro de 1987). 2 ed. São Paulo: Loyola, 1989.

VATICANO II. **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Coordenação geral de Frei Frederico Vier, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 1969.

FONTES ELETRÔNICA

Sobre a Teologia da Libertação: Conheça o pensamento do Papa Bento XVI. Disponível em: <http://www.cancaonova.com/portal/canais/formacao/internas.php?id=&e=4067>

Discurso aos responsáveis pelo Movimento Carismático Católico. Disponível em: www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/october/documents/hf_jp-ii_spe_19981030_carismatici_po.html

Carta do Papa João Paulo II a D. Jean-Pierre Ricard, Arcebispo de Bordéus e Presidente da Conferência Episcopal Francesa. Disponível em: www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/2005/documents/hf_jpii_let_20050211_french-bishops_po.html

Congregação para a Educação Católica - Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica: Orientações para a reflexão e a revisão. Disponível em: www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880407_catholic-school_po.html

Meios de Comunicação. Disponível em: <http://comunidade.cancaonova.com/meios-de-comunicacao/>

O que é Grupo de Oração Carismático? Disponível em: <http://presentepravoce.wordpress.com/2008/03/24/grupo-de-oracao-carismatico/>

ANEXOS

BULA DE CRIAÇÃO DA DIOCESE DE UBERLÂNDIA

BULA DE CRIAÇÃO DA DIOCESE DE UBERLÂNDIA

IOANNES Episcopus Servus Servorum Dei ad perpetuam rei memoriam

ANIMORUM SOCIETAS Ecclesia atque superiorum bonorum benignissimus fons, sacro sui Auctoris consilio certis definitisque indiget institutis quibus, veluti signis, hominum oculis cernatur in terris ideoque christianae Redemptionis opus in gentibus propagetur. Quem ob rem cum venerabilis Frater Armandus Lombardi, Archiepiscopus titulo Caesariensis Philippi atque in Foederatis Brasiliae Civitatibus Apostolicus Nuntius, consilio audito venerabilis Fratris Alexandri Gonçalves do Amaral, Episcopi Uberabensis, ab hac Romana Sede petierit ut quodam territorio separato ab Uberabensi dioecesi nova excitaretur Ecclesia, de sententia venerabilium Fratrum Nostrorum S.R.E. Cardinalium negotiis Consistorialibus praepositorum, consensuque eorum suppleto qui hac super re aliquod ius habeant, vel se praesumant habere, Nostra apostolica auctoritate haec decernimus ac iubemus. A dioecesi Uberabensi territorium separamus municipiorum vulgo cognominatorum Uberlândia, Araguari, Canápolis, Capinópolis, Cascalho Rico, Centralina, Estrêla do Sul, Indianópolis, Ituiutaba, Monte Alegre de Minas, Santa Vitória, Tupaciguara, ex iisque novam dioecesim condimus, cuius erit nomen FERTILIENSIS, cuiusque erunt fines iidem ac municipiorum, quae diximus, prout nunc lege civili terminantur. Ecclesiam quam condidimus sufraganeam facimus Sedi Bellohorizontinae, cuius metropolitae iurisdictioni sacer Fertiliensis Antistes erit obnoxius. Caput novae dioecesis erit urbs Uberlândia, in qua Episcopus commorabitur, cathedra episcopalis magisteri in templo curiali S. Theresiae a Iesu Infante collocata, quod ad dignitatem cathedralis aedis attolimus, cum debitis iuribus et honoribus. Curet etiam sacer Antistes ut Canonico collegium candatur qui Episcopo consilio et ope assint; interim tamen Praesul Consultores dioecesanos legat, a suo munere cessaturos cum Canonici fuerint constituti. Episcopalis mensa, quam vocant, efficiuntur: Curiae proventibus, fidelium collationibus, dote a civili Gubernio statuta, atque ea bonorum parte quae Sedi Fertiliensi obveniet iuxta canonis 1500 C.I.C. praescriptum. Ad regimen administrationemque conditae Ecclesiae quod attinet, normae servantur quas Ius Canonicum statuit, item ad electionem Vicarii Capitularis quod attinet, hisque similia. Suum esse Episcopus ducat Seminarium saltem minus constituere, ad leges iuris communis et Sacrae Congregationis de Seminariis et Studiorum Universitatibus normas, pueris recipientibus qui ad sacerdoti, um vocantur: Com vero iidem eo adoleverint ut philosophicis ac theologis disciplinis incumbere debeant, qui meliores fuerint Romam mittantur, in Pontificium Collegium Pianum Brasilianum. Censemus praeterea ut vix ac hae litterae Nostrae ad litterae Nostrae ad effectum deductae fuerint, Sacerdotes Ecclesiae illi censesantur adscripti in cuius territorio beneficium aut officium habeant; ceteri vero clerici ei in qua legitime degant. Acta denique et documenta ad novam dioecesim respicientia vel ad eius sacerdotes et cives, cito ad eius Curiam episcopalem mittantur, inque rerum religiosarum tabulario servantur: Ceterum haec Nostra decreta venerabilis Frater Armandus Lombardi, quem diximus, ad effectum adducet, vel quem ille delegaverit, factis scilicet necessariis facultatibus. Re vero acta,

documenta exarentur sincerisque exemplis ad Sacram Congregationem Consistorialem cito mittantur. Quod si alius eo tempore ei Nuntiaturae praesit, hic mandata Nostra faciet. Has vero litteras nunc et in posterum efficaces esse et fore volumus; ita quidem ut quae per eas decreta sunt ab iis quorum res est religiose servantur, atque igitur vim suam obtineant. Quarum litterarum efficacitati nulla, cuiusvis generis, contraria praescripta officere poterunt, cum per has litteras iisdem derogemus omnibus. Quapropter si quis, quavis praeditus auctoritate, sive sciens sive insciens contra egerit ad Nos ediximus, id prorsus irritum atque inane haberi iubemus. Nemini praeterea haec voluntatis Nostrae documenta vel scindere vel vorrumpere liceat; quim immo harum litterarum exemplis et locis, sive typis impressis sive manu exaratis, quae sigillum viri praeferant in ecclesiastica dignitate constituti simulque ab aliquo publico tabellione sint subscripta, eadem omnino habenda erit fides, quae hisce haberetur, si ostenderentur. Quae Nostra decreta in universum si quis vel spreverit vel quoquo modo detrectaverit, sciat se poenas esse subiturum iis iure statutas, qui Summorum Pontificum iussa non fecerint. Datum ex Arce Gandulfi, prope Romanam, die vicesimo secundo mensis iulii, anno Domini millesimo nongentesimo sexagesimo primo, Pontificatus Nostri tertio.

As. Jacobus Aloisius Card. Copello
S.R.E. Cancellarius

Carolus Card. Confalonieri
S.C. Consistoria Secreti

Franciscus Tinello
Apostolicae Cancellariae Regens

Franciscus Hannibal Ferreti
Prot. App.

Josephus Rossi, Proton. App.

Expedita Die XXII sept. anno Pontif. III
Rodomons Galligani pro Plumb.

In Canc. Ap. tab. Vol. CVII n. 34

CAPÍTULO I

A VOCAÇÃO DOS LEIGOS AO APOSTOLADO

Participação dos leigos na missão da Igreja

2. A Igreja nasceu para tomar todos os homens participantes da redenção salvadora (1) e, por eles, ordenar efectivamente a Cristo o universo inteiro, dilatando pelo mundo o seu reino para glória de Deus Pai. Toda a actividade do Corpo místico que a este fim se oriente, chama-se apostolado. A Igreja exerce-o de diversas maneiras, por meio de todos os seus membros, já que a vocação cristã é também, por sua própria natureza, vocação ao apostolado. Do mesmo modo que num corpo vivo nenhum membro tem um papel meramente passivo, mas antes, juntamente com a vida do corpo, também participa na sua actividade, assim também no Corpo de Cristo, que é a Igreja, todo o corpo «cresce segundo a operação própria de cada um dos seus membros» (Ef 4, 16). Mais ainda: é tanta neste corpo a conexão e coesão dos membros (cfr. Ef 4, 16), que se deve dizer que não aproveita nem à Igreja nem a si mesmo aquele membro que não trabalhar para o crescimento do corpo, seguindo a própria capacidade.

Existe na Igreja diversidade de funções, mas unidade de missão. Aos Apóstolos e seus sucessores, confiou Cristo a missão de ensinar, santificar e governar em seu nome e com o seu poder. Mas os leigos, dado que são participantes do ministério sacerdotal, profético e real de Cristo, têm um papel próprio a desempenhar na missão do inteiro Povo de Deus, na Igreja e no mundo (2). Exercem, com efeito, apostolado com a sua acção para evangelizar e santificar os homens e para impregnar e aperfeiçoar a ordem temporal com o espírito do Evangelho; deste modo, a sua actividade nesta ordem dá claro testemunho de Cristo e contribui para a salvação dos homens. E sendo próprio do estado dos leigos viver no meio do mundo e das ocupações seculares, eles são chamados por Deus para, cheios de fervor cristão, exercerem como fermento o seu apostolado no meio do mundo.

Fundamentos do apostolado dos leigos

3. O dever e o direito ao apostolado advém aos leigos da sua mesma união com Cristo cabeça. Com efeito, inseridos pelo Baptismo no Corpo místico de Cristo, e robustecidos pela Confirmação com a força do Espírito Santo, é pelo Senhor mesmo que são destinados ao apostolado. São consagrados em ordem a um sacerdócio real e um povo santo (cfr. 1 Ped. 2, 4-10) para que todas as suas actividades sejam oblações espirituais e por toda a terra dêem testemunho de Cristo. E os sacramentos, sobretudo a sagrada Eucaristia, comunicam e alimentam neles aquele amor que é a alma de todo o apostolado (3).

DECRETO APOSTOLICAM ACTUOSITATEM SOBRE O APOSTOLADO DOS LEIGOS

PROÊMIO

Importância e actualidade do apostolado dos leigos na vida da Igreja

1. O sagrado Concílio, desejando tornar mais intensa a actividade apostólica do Povo de Deus(1), volta-se com muito empenho para os cristãos leigos, cujas funções próprias e indispensáveis na missão da Igreja já em outros lugares recordou (2). Com efeito, o apostolado dos leigos, que deriva da própria vocação cristã, jamais poderá faltar na Igreja. A mesma Sagrada Escritura demonstra abundantemente como foi espontânea e frutuosa esta actividade no tempo da Igreja (cfr. Act. 11, 19-21; 18, 26; Rom. 16, 1-16; Fil. 4, 3).

Os nossos tempos, porém, não exigem um menor zelo dos leigos; mais ainda, as condições actuais exigem deles absolutamente um apostolado cada vez mais intenso e mais universal. Com efeito, o aumento crescente da população, o progresso da ciência e da técnica, as relações mais estreitas entre os homens, não só dilataram imenso os campos do apostolado dos leigos, em grande parte acessíveis só a eles, mas também suscitaram novos problemas que reclamam a sua atenção interessada e o seu esforço. Este apostolado torna-se tanto mais urgente quanto a autonomia de muitos sectores da vida humana, como é justo, aumentou, por vezes com um certo afastamento da ordem ética e religiosa e com grave perigo para a vida cristã. Além disso, em muitas regiões onde os sacerdotes são demasiado poucos ou, como acontece por vezes, são privados da liberdade de ministério, a Igreja dificilmente poderia estar presente e activa sem o trabalho dos leigos.

Sinal desta múltipla e urgente necessidade é a evidente actuação do Espírito Santo que hoje torna os leigos cada vez mais conscientes da própria responsabilidade e por toda a parte os anima ao serviço de Cristo e da Igreja (3).

No presente Decreto, o Concílio entende ilustrar a natureza, a índole e a variedade do apostolado dos leigos, bem como enunciar os princípios fundamentais e dar as orientações pastorais para o seu mais eficaz exercício; tudo isto deverá servir de norma na revisão do Direito canónico na parte que diz respeito ao apostolado dos leigos.

O apostolado exercita-se na fé, na esperança e na caridade, virtudes que o Espírito Santo derrama no coração de todos os membros da Igreja. Mais o preceito do amor, que é o maior mandamento do Senhor, estimula todos os fiéis a que procurem a glória de Deus, pelo adreito do Seu reino, e a vida eterna para todos os homens, de modo que eles conheçam o único Deus verdadeiro e Jesus Cristo, seu enviado (cf. Jo. 17, 3).

A todos os fiéis incumbe, portanto, o glorioso encargo de trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens em toda a terra.

O Espírito Santo - que opera a santificação do Povo de Deus por meio do ministério e dos sacramentos - concede também aos fiéis, para exercerem este apostolado, dons particulares (cf. 1 Cor. 12, 7), «distribuindo-os por cada um conforme lhe apraz» (1 Cor. 12, 11), a fim de que «cada um ponha ao serviço dos outros a graça que recebeu» e todos actuem, «como bons administradores da multiforme graça de Deus» (1 Ped. 4, 10), para a edificação, no amor, do corpo todo (cf. Ef. 4, 1). A recepção destes dons, mesmo dos mais simples, confere a cada um dos fiéis o direito e o dever de os actuar na Igreja e no mundo, para bem dos homens e edificação da Igreja, na liberdade do Espírito Santo, que (sopra onde quer) (Jo. 3, 8) e, simultaneamente, em comunhão com os outros irmãos em Cristo, sobretudo com os próprios pastores, a estes compete julgar da sua autenticidade e exercício ordenado, não de modo a apagarem o Espírito, mas para que tudo apreciem e retenham o que é bom (cf. 1 Tess. 5, 12, 19-21)(4).

A espiritualidade dos leigos em ordem ao apostolado

4. A fonte e origem de todo o apostolado da Igreja é Cristo, enviado pelo Pai. Sendo assim, é evidente que a fecundidade do apostolado dos leigos depende da sua união vital com Cristo, segundo as palavras do Senhor: «aquele que permanece em mim e em quem eu permaneço, esse produz muito fruto, pois, sem mim, nada podeis fazer» (Jo. 15, 5). Esta vida de íntima união com Cristo na Igreja é alimentada pelos auxílios espirituais comuns a todos os fiéis e, de modo especial, pela participação activa na sagrada Liturgia(5), e os leigos devem servir-se deles de tal modo que, desempenhando correctamente as diversas tarefas terrenas nas condições ordinárias da existência, não separem da própria vida a união com Cristo, mas antes, realizando a própria actividade segundo a vontade de Deus, nela cresçam. É por este caminho que os leigos devem avançar na santidade com entusiasmo e alegria, esforçando-se por superar as dificuldades com prudência e paciência (6). Nem os cuidados familiares nem outras ocupações profanas devem ser alheias à vida espiritual, conforme aquele ensinamento do Apóstolo: tudo o que fizerdes, por palavras ou por obras, tudo seja em nome do Senhor Jesus Cristo, dando por Ele graças a Deus Pai» (Col. 3, 17).

Esta vida exige o exercício constante da fé, da esperança e da caridade.

Só com a luz da fé e a meditação da palavra de Deus pode alguém reconhecer sempre e em toda a parte a Deus no qual «vivemos, nos movemos e existimos» (Act. 17, 28), procurar em todas as circunstâncias a Sua vontade, ver Cristo em todos os homens, quer chegados quer estranhos, julgar rectamente do verdadeiro sentido e valor das realidades temporais, em si mesmas e em ordem ao fim do homem.

Aqueles que possuem tal fé, vivem na esperança da manifestação dos filhos de Deus, lembrados da cruz e da ressurreição do Senhor. Na peregrinação que é a presente vida, escondidos com Cristo em Deus e libertados da escravidão das riquezas, ao mesmo tempo que tendem para aqueles bens que permanecem eternamente, dedicam-se generosa e inteiramente a dilatar o reino de Deus e a informar e actuar com o espírito cristão a ordem temporal. No meio das adversidades desta vida, encontram força na esperança, sabendo que «os sofrimentos presentes não têm comparação com a glória futura que em nós se manifestará» (Rom. 8, 18).

Impelidos pela caridade que vem de Deus, praticam o bem com relação a todos, sobretudo para com os irmãos na fé (cf. Gál. 6, 10), despojando-se «de toda a malícia e engano, hipocrisias, invejas e toda a espécie de malefícios» (1 Ped. 2, 1) e assim atraem a Cristo todos os homens. O amor de Deus que «foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado» (Rom. 5, 5), torna os leigos capazes de exprimir em verdade, na própria vida, o espírito das Bem-aventuranças. Segundo a Cristo pobre, nem se deixam abater com a falta dos bens temporais nem se exaltam com a sua abundância, imitando a Cristo humilde, não são cobiçosos da glória vã (cf. Gál. 5, 26), mas procuram mais agradar a Deus que aos homens, sempre dispostos a denzar tudo por Cristo (cf. Lc. 14, 26) e a sofrer perseguição pela justiça (cf. Mt. 5, 10), lembrados da palavra do Senhor: «se alguém quiser seguir-me, abnegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mt. 16, 24). Finalmente, fomentando entre si a amizade cristã, prestam-se mutuamente ajuda em todas as necessidades.

Esta espiritualidade dos leigos deverá assumir características especiais, conforme o estado de matrimónio e familiar, de celibato ou viuvez, situação de enfermidade, actividade profissional e social. Não deixem, por isso, de cultivar assiduamente as qualidades e dotes condizentes a essas situações, e utilizar os dons por cada um recebidos do Espírito Santo.

Além disso, aqueles leigos que, segundo a própria vocação, se alistaram em alguma das associações ou institutos aprovados pela Igreja, devem de igual modo esforçar-se por assimilar as características da espiritualidade que lhes é própria.

Tenham também em muito apreço a competência profissional, o sentido de família e o sentido cívico e as virtudes próprias da convivência social, como a honradez, o espírito de justiça, a sinceridade, a amabilidade, a fortaleza de ânimo, sem as quais também se não pode dar uma vida cristã autêntica.

O modelo perfeito desta vida espiritual e apostólica é a bem-aventurada Virgem Maria, rainha dos Apóstolos: levado, na terra, uma vida semelhante à todo o momento se mantinha unida a seu Filho e de modo singular cooperou na obra do Salvador; agora, elevada ao céu, «cuida com amor materno dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, peregrinam ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada» (7). Prestem-lhe todos um culto cheio de devoção e confiem à sua solicitude materna a própria vida e apostolado.

CAPÍTULO II

OS FINS DO APOSTOLADO DOS LEIGOS

Introdução: a obra de Cristo e da Igreja

5. A obra redentora de Cristo, que por natureza visa salvar os homens, compreende também a restauração de toda a ordem temporal. Daí que a missão da Igreja consiste não só em levar aos homens a mensagem e a graça de Cristo, mas também em penetrar e actuar com o espírito do Evangelho as realidades temporais. Por este motivo, os leigos, realizando esta missão da Igreja, exercem o seu apostolado tanto na Igreja como no mundo, tanto na ordem espiritual como na temporal. Estas ordens, embora distintas, estão de tal modo unidas no único desígnio divino que o próprio Deus pretende reintegrar, em Cristo, o universo inteiro, numa nova criação, dum modo incoativo na terra, plenamente no último dia. O leigo, que é simultaneamente fiel e cidadão, deve sempre guardar-se, em ambas as ordens, por uma única consciência, a cristã.

O apostolado para a evangelização e santificação do mundo

6. A missão da Igreja tem como fim a salvação dos homens, a alcançar pela fé em Cristo e pela sua graça. Por este motivo, o apostolado da Igreja e de todos os seus membros ordena-se, antes de mais, a manifestar ao mundo, por palavras e obras, a mensagem de Cristo, e a comunicar a sua graça. Isto realiza-se sobretudo por meio do ministério da palavra e dos sacramentos, especialmente confiado ao clero, no qual também os leigos têm grande papel a desempenhar, para se tornarem «cooperadores da verdade» (3 Jo. 8). É sobretudo nesta ordem que o apostolado dos leigos e o ministério pastoral se completam mutuamente.

Inúmeras oportunidades se oferecem aos leigos para exercerem o apostolado de evangelização e santificação. O próprio testemunho da vida cristã e as obras, feitas com espírito sobrenatural, têm

Inúmeras oportunidades se oferecem aos leigos para exercerem o apostolado de evangelização e santificação. O próprio testemunho da vida cristã e as obras, feitas com espírito sobrenatural, têm eficácia para atrair os homens à fé e a Deus; diz o Senhor: «Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que vejam as vossas boas obras e dêem glória ao vosso Pai que está nos céus» (Mt. 5, 16).

Este apostolado, contudo, não consiste apenas no testemunho da vida, o verdadeiro apóstolo busca ocasiões de anunciar Cristo por palavra, quer aos não crentes para os levar à fé, quer aos fiéis, para os instruir, confirmar e animar a uma vida fervorosa, «com efeito, o amor de Cristo estimula-nos» (2 Cor. 5, 14), e devem encontrar eco no coração de todos aquelas palavras do Apóstolo: «ai de mim, se não prego o Evangelho!» (1 Cor. 9, 16) (1).

E dado que no nosso tempo surgem novos problemas e se difundem gravíssimos erros que ameaçam subverter a religião, a ordem moral e a própria sociedade humana, este sagrado Concílio exorta ardentemente os leigos a que, na medida da própria capacidade e conhecimentos, desempenhem com mais diligência a parte que lhes cabe na elucidação, defesa e recta aplicação dos princípios cristãos aos problemas do nosso tempo, segundo a mente da Igreja.

Instauração cristã da ordem temporal

7. A vontade de Deus com respeito ao mundo é que os homens, em boa harmonia, edifiquem a ordem temporal e a aperfeiçoem constantemente.

Todas as realidades que constituem a ordem temporal—os bens da vida e da família, a cultura, os bens económicos, as artes e profissões, as instituições políticas, as relações internacionais e outras semelhantes, bem como a sua evolução e progresso—não só são meios para o fim último do homem, mas possuem valor próprio, que lhes vem de Deus, quer consideradas em si mesmas, quer como partes da ordem temporal total. «viu Deus todas as coisas que fizera, e eram todas muito boas» (Gén. 1, 31). Esta bondade natural das coisas adquire uma dignidade especial pela sua relação com a pessoa humana, para cujo serviço foram criadas. Finalmente, aprouve a Deus reunir todas as coisas em Cristo, quer as naturais quer as sobrenaturais, «de modo que em todas Ele tenha o primado» (Col. 1, 18). Mas este destino, não só não priva a ordem temporal da sua autonomia, dos seus fins próprios, das suas leis, dos seus recursos, do seu valor para bem dos homens, mas antes a aperfeiçoa na sua consistência e dignidade próprias, ao mesmo tempo que a ajusta à trocação integral do homem na terra.

O uso das coisas temporais foi, no decurso da história, manchado com graves abusos. É que os homens, atingidos pelo pecado original, caíram muitas vezes em muitos erros acerca do verdadeiro Deus, da natureza do homem e dos princípios da lei moral. Daí a corrupção dos costumes e das

instituições humanas, daí a pessoa humana tantas vezes conculcada. Também em nossos dias, não poucos, confiando em excesso no progresso das ciências naturais e da técnica, caem numa espécie de idolatria das coisas materiais, das quais em vez de senhores se tornam escravos.

Toda a Igreja deve trabalhar por tornar os homens capazes de edificar rectamente a ordem temporal e de a ordenar, por Cristo, para Deus. Aos pastores compete propor claramente os princípios relativos ao fim da criação e ao uso do mundo e proporcionar os auxílios morais e espirituais para que a ordem temporal se edifique em Cristo.

Quanto aos leigos, devem eles assumir como encargo próprio seu essa edificação da ordem temporal e agir nela de modo directo e definido, guiados pela luz do Evangelho e a mente da Igreja e movidos pela caridade cristã, enquanto cidadãos, cooperar com os demais com a sua competência específica e a própria responsabilidade, buscando sempre e em todas as coisas a justiça do reino de Deus. A ordem temporal deve ser construída de tal modo que, respeitadas integralmente as suas leis próprias, se torne, para além disso, conforme aos princípios da vida cristã, de modo adaptado às diferentes condições de lugares, tempos e povos. Entre as actividades deste apostolado sobressai a acção social dos cristãos, a qual o sagrado Concílio deseja que hoje se estenda a todos os domínios temporais, sem exceptuar o da cultura (2).

A acção caritativa como distintivo do apostolado cristão

8. Toda a actividade apostólica deve fluir e receber força da caridade, algumas obras, porém, prestam-se, por sua própria natureza, a tornarem-se viva expressão dessa caridade. Cristo quis que elas fossem sinais da sua missão messiânica (cf. Mt. 11, 4-5).

O maior mandamento da lei é amar a Deus de todo o coração, e ao próximo como a si mesmo (cf. Mt. 22, 37-40). Cristo fez deste mandamento do amor para com o próximo o seu mandamento, e enriqueceu-o com novo significado, identificando-se aos irmãos como objecto da caridade, dizendo: «sempre que o fizerdes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizerdes» (Mt. 25, 40). Com efeito, assumindo a natureza humana, Ele uniu a si como família, por uma certa solidariedade sobrenatural, todos os homens e fez da caridade o sinal dos seus discípulos, com estas palavras: «nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros» (Jo. 13, 35).

A santa Igreja, assim como nos seus primeiros tempos, juntando a «ágape» à Ceia eucarística, se mostrava toda unida à volta de Cristo pelo vínculo da caridade, assim em todos os tempos se pode reconhecer por este sinal do amor. E, alegrando-se com as realizações alheias, ela reserva para si

reconhecer por este sinal do amor. E alegrando-se com as realizações alheias, ela reserva para si, como dever e direito próprios, que não pode alinear, as obras de caridade. Por isso, a misericórdia para com os pobres e enfermos e as chamadas obras de caridade e de mútuo auxílio para socorrer as múltiplas necessidades humanas são pela Igreja honradas de modo especial (3).

Estas actividades e obras tornaram-se muito mais urgentes e universais no nosso tempo, em que os meios de comunicação são mais rápidos, em que quase se venceu a distância entre os homens e os habitantes de toda a terra se tornaram membros em certo modo duma só família. A actividade caritativa, hoje, pode e deve atingir as necessidades de todos os homens. Onde quer que se encontrem homens a quem faltam sustento, vestuário, casa, remédios, trabalho, instrução, meios necessários para levar uma vida verdadeiramente humana, afligidos pelas desgraças ou pela doença, sofrendo o exílio ou a prisão, aí os deve ir buscar e encontrar a caridade cristã, consolar com muita solicitude e ajudar com os auxílios prestados. Esta obrigação incumbe antes de mais aos homens e povos que disfrutam de condição próspera (4).

Para que este exercício da caridade seja e apareça acima de toda a suspeita, considere-se no próximo a imagem de Deus, para o qual foi criado, veja-se nele a Cristo, a quem realmente se oferece tudo o que ao indigente se dá, atenda-se com grande delicadeza à liberdade e dignidade da pessoa que recebe o auxílio; não se deixe manchar a pureza de intenção com qualquer busca do próprio interesse ou desejo de domínios (5); satisfaçam-se antes de mais as exigências da justiça, nem se ofereça como dom da caridade aquilo que já é devido a título de justiça; suprimam-se as causas dos males, e não apenas os seus efeitos; e de tal modo se preste a ajuda que os que a recebem se libertem a pouco e pouco da dependência alheia e se bastem a si mesmos.

Tenham, por isso, os leigos em grande apreço e ajudem quanto possam as obras caritativas e as iniciativas de assistência social, quer privadas quer públicas; e também internacionais, que levam auxílio eficaz aos indivíduos e aos povos necessitados, cooperando neste ponto com todos os homens de boa vontade (6).

CAPITULO III

OS VARIOS CAMPOS DO APOSTOLADO

*Introdução: vários campos do apostolado dos leigos.
A Igreja*

9. Os leigos exercem o seu apostolado multiforme tanto na Igreja como no mundo. Em ambos os planos se abrem vários campos de actividade apostólica de que queremos aqui lembrar os princípios. São as comunidades eclesiais, a família, a juventude, o meio social, as ordens nacional e internacional. E como hoje a mulher tem cada vez mais parte activa em toda a vida social, é da maior importância que ela tome uma participação mas ampla também nos vários campos do apostolado da Igreja.

10. Porque participam no mínimo sacerdotal, profético e real de Cristo, têm os leigos parte activa na vida e acção da Igreja. A sua acção dentro das comunidades eclesiais é tão necessária que, sem ela, o próprio apostolado dos pastores não pode conseguir, a maior parte das vezes, todo o seu efeito. Porque os leigos com verdadeira mentalidade apostólica, à imagem daqueles homens e mulheres que ajudavam Paulo na propagação do Evangelho (cfr. Act. 18, 18, 20; Rom. 16, 3), suprem o que falta a seus irmãos e revigoram o espírito dos pastores e dos outros membros do povo fiel (cfr. 1 Cor. 16, 17-18). Pois eles, fortalecidos pela participação activa na vida litúrgica da comunidade, empenham-se nas obras apostólicas da mesma. Conduzem à Igreja os homens que porventura andem longe, cooperam intensamente na comunicação da palavra de Deus, sobretudo pela actividade catequética, e tomam mais eficaz, com o contributo da sua competência, a cura de almas e até a administração dos bens da Igreja.

A paróquia dá-nos um exemplo claro de apostolado comunitário porque congrega numa unidade toda a diversidade humana que aí se encontra e a insere na universalidade da Igreja (1). Acostumem-se os leigos a trabalhar na paróquia intimamente unidos aos seus sacerdotes (2), a trazer para a comunidade eclesial os próprios problemas e os do mundo e as questões que dizem respeito à salvação dos homens, para que se examinem e resolvam no confronto de vários pareceres. Acostumem-se, por fim, a prestar auxílio a toda a iniciativa apostólica e missionária da sua comunidade eclesial na medida das próprias forças.

Cultivem o sentido de diocese, de que a paróquia é como que uma célula, e estejam sempre prontos, à voz do seu pastor, a somar as suas forças às iniciativas diocesanas. Mas, para responder às necessidades das cidades e das regiões rurais (3), não confinem a sua cooperação dentro dos limites da paróquia ou da diocese, mas esforcem-se por estendê-la aos campos

interparóquial, interdiocesano, nacional ou internacional. Tanto mais que a crescente migração de povos, o incremento de relações mútuas e a facilidade de comunicações já não permitem que parte alguma da sociedade permaneça fechada em si. Assim devem interessar-se pelas necessidades do Povo de Deus disperso por toda a terra. Em primeiro lugar, façam suas as obras missionárias, prestando auxílios materiais ou mesmo pessoais. Pois é dever e honra dos cristãos restituir a Deus parte dos bens que d'Ele recebem.

A família

11. O criador de todas as coisas constituiu o vínculo conjugal princípio e fundamento da sociedade humana e fi-lo, por sua graça, sacramento grande em Cristo e na Igreja (cfr. Ef. 5, 32). Por isso, o apostolado conjugal e familiar tem singular importância tanto para a Igreja como para a sociedade civil.

Os esposos cristãos são cooperadores da graça e testemunhas da fé um para com o outro, para com os filhos e demais familiares. Eles são os primeiros que anunciam aos filhos a fé e os educam. Formam-nos, pela palavra e pelo exemplo, para a vida cristã e apostólica. Ajudam-nos com prudência a escolher a sua vocação e fomentam com todo o cuidado a vocação de consagração porventura nels descoberta.

Foi sempre dever dos esposos e hoje é a maior incumbência do seu apostolado: manifestar e demonstrar, pela sua vida, a indissolubilidade e a santidade do vínculo matrimonial, afirmar vigorosamente o direito e o dever próprio dos pais e tutores de educar cristãmente os filhos; defender a dignidade e legítima autonomia da família. Cooperem, pois, eles e os outros cristãos, com os homens de boa vontade para que estes direitos sejam integralmente assegurados na legislação civil. No governo da sociedade, tenham-se em conta as necessidades familiares quanto à habitação, educação dos filhos, condições de trabalho, seguros sociais e impostos. Ao regulamentar a migração salve-se sempre a convivência doméstica (4).

Foi a própria família que recebeu de Deus a missão de ser a primeira célula vital da sociedade. Cumprirá essa missão se se mostrar, pela piedade mútua dos seus membros e pela oração feita a Deus em comum, como que o santuário doméstico da Igreja, se toda a família se inserir no culto litúrgico da Igreja e, finalmente, se a família exercer uma hospitalidade actante e promover a justiça e outras boas obras em serviço de todos os irmãos que sofrem necessidade. Podem enumerar-se, entre as várias obras de apostolado familiar, as seguintes: adoptar por filhos crianças abandonadas, receber com benevolência estrangeiros, coadjuvar no regime das escolas, auxiliar os adolescentes com conselhos e meios materiais, ajudar os novos a prepararem-se melhor para o matrimónio, colaborar na catequese, auxiliar os esposos e as famílias que se encontram em crise

material ou moral, proporcionar aos velhos não só o necessário, mas também fazê-los participar, com equidade, dos frutos do progresso económico.

As famílias cristãs, pela coerência de toda a sua vida com o Evangelho e pelo exemplo que mostram do matrimónio cristão, oferecem ao mundo um preciosíssimo testemunho de Cristo, sempre e em toda a parte, mas sobretudo naquelas regiões em que se lançam as primeiras sementes do Evangelho ou em que a Igreja está nos começos ou atravessa alguma crise grave (5).

Pode ser oportuno que as famílias se, unam em certas associações para mais facilmente poderem atingir os fins do seu apostolado (6).

Os jovens

12. Os jovens exercem na sociedade de hoje um influxo da maior importância (7). As condições em que vivem, os hábitos mentais e até as relações com a própria família estão profundamente mudadas. É frequente passarem com demasiada rapidez a uma condição social e económica nova. Por um lado, cresce cada vez mais a sua importância social e até política, por outro, parecem incapazes de assumir convenientemente as novas tarefas.

Este acréscimo de influência na sociedade exige deles uma actividade apostólica correspondente. Aliás, a sua própria índole natural os dispõe para ela. Com o amadurecimento da consciência da própria personalidade, estimulados pelo ardor da vida e pela actividade transbordante, assumem a própria responsabilidade e desejam tomar a parte activa que lhes compete na vida social e cultural. Se este zelo é penetrado pelo espírito de Cristo e animado pela obediência e pelo amor para com os pastores da Igreja, podemos esperar dele frutos muito abundantes. Eles mesmos devem ser os primeiros e imediatos apóstolos da juventude e exercer por si mesmos o apostolado entre eles, tendo em conta o meio social em que vivem (8).

Os adultos procurem estabelecer com os jovens um diálogo amigável que permita a ambas as partes, superando a distância de idades, conhecerem-se mutuamente e comunicarem uns aos outros as próprias riquezas. Estimulem os adultos a juventude ao apostolado, primeiro pelo exemplo e, dada a ocasião, por conselhos prudentes e ajuda eficaz. E os jovens mostrem para com os mais velhos respeito e confiança. E, ainda que por natureza são inclinados a novidades, tenham, contudo, na devida estima aquelas tradições que são válidas.

Também as crianças têm a sua própria actuação apostólica. Segunda as suas forças, são em verdade testemunhos vivos de Cristo entre os companheiros.

O apostolado social

13. O apostolado no meio social, isto é, o empenho em informar de espírito cristão a mentalidade e os costumes, as leis e estruturas da comunidade em que se vive, são incumbência e encargo de tal modo próprios dos leigos que nunca poderão ser plenamente desempenhados por outros. Neste campo, podem os leigos exercer um apostolado de semelhante para com semelhante. Aí completam o testemunho da vida pelo testemunho da palavra (9). Nesse campo do trabalho, da profissão, do estudo, da residência, do tempo livre ou da associação, são eles os mais aptos para ajudar os seus irmãos.

Os leigos realizam esta missão da Igreja no mundo, antes de tudo, por aquela coerência da vida com a fé, pela qual se tornam luz do mundo; pela honestidade nos negócios; com a qual a todos atraem ao amor da verdade e do bem e, finalmente, a Cristo e à Igreja, pela caridade fraterna que, fazendo-os participar das condições de vida, dos trabalhos, dos sofrimentos e aspirações de seus irmãos, prepara insensivelmente todos os corações para a acção da graça salutar, por aquela plena consciência da participação que devem ter na construção da sociedade; a qual os leva a esforçarem-se por desempenhar com magnanimidade cristã a actividade doméstica, social e profissional. Assim, o seu modo de agir penetra pouco a pouco no meio de vida e de trabalho.

Este apostolado deve abranger todos aqueles que aí se encontram e não exibit nem bem espiritual ou temporal que possam fazer. Mas os verdadeiros apóstolos não se contentam só com esta acção e esforçam-se por anunciar Cristo ao próximo também por meio da palavra. E que muitos homens só por meio de seus companheiros leigos podem ouvir o Evangelho e conhecer Cristo.

O apostolado na ordem nacional e internacional

14. Um inenso campo de apostolado se abre na ordem nacional e internacional, em que são sobretudo os leigos os administradores da sabedoria cristã. Os católicos sintam-se obrigados a promover o bem comum na dedicação à pátria e no fiel cumprimento dos deveres civis, e façam valer o peso da sua opinião de modo a que o poder civil se exerça com justiça e as leis correspondam aos preceitos morais e ao bem comum. Os católicos peritos nos negócios públicos e firmes, como devem ser, na fé e doutrina cristã, não recusem participar neles uma vez que, exercendo-os dignamente, podem atender ao bem comum e, ao mesmo tempo, abrir caminho ao Evangelho.

Empenhem-se os católicos em cooperar com todos os homens de boa vontade para promover tudo o que é verdadeiro, tudo o que é justo, tudo o que é santo, tudo o que é digno de ser amado (cfr. Fil. 4,8). Dialoguem com eles, indo ao seu encontro com prudência e bondade. E investiguem

em conjunto o modo de organizar as instituições sociais e públicas segundo o espírito do Evangelho.

Entre os sinais do nosso tempo, é digno de especial menção aquele crescente e inelutável sentido de solidariedade entre todos os povos que o apostolado dos leigos tem por encargo promover activamente e converter em sincero e verdadeiro afecto fraternal. Além disso, devem os leigos ter consciência da realidade internacional e das questões e soluções, doutrinais ou práticas, que nela se originam, sobretudo quanto aos povos em desenvolvimento (10).

Lembrem-se todos aqueles que trabalham em nações estrangeiras ou lhes prestam auxílio, que as relações entre os povos devem ser um verdadeiro convívio fraterno em que ambas as partes simultaneamente dão e recebem. Aqueles, porém, que viajam ou por causa de obras internacionais, ou por negócios ou por motivo de descanso, lembrem-se que são também, em toda a parte, peregrinos itinerantes de Cristo e procedam como tais.

CAPÍTULO IV

AS VARIAS FORMAS DO APOSTOLADO

Introdução: apostolado individual ou associado

15. Os leigos podem exercer a sua acção apostólica quer como indivíduos quer unidos em diversas comunidades e associações.

Necessidade e natureza do apostolado individual

16. O apostolado individual que deriva com abundância da fonte de uma vida verdadeiramente cristã (cf. Jo. 4, 14), é origem e condição de todo o apostolado dos leigos, mesmo do associado, nem nada o pode substituir.

A este apostolado, sempre e em toda a parte proveitoso e em certas circunstâncias o único conveniente e possível, são chamados e, por isso, obrigados todos os leigos, de qualquer condição, ainda que não se lhes proporcione ocasião ou possibilidade de cooperar nas associações.

São muitas as formas de apostolado pelas quais os leigos edificam a Igreja, santificam o mundo e o vivificam em Cristo.

A forma peculiar do apostolado individual, e sinal muito acomodado também aos nossos tempos,

porque manifesta Cristo vivo nos seus fiéis, é o testemunho de toda a vida laical que flui da fé, esperança e caridade. Porém, pelo apostolado da palavra, em certas circunstâncias absolutamente necessário, os leigos anunciam a Cristo, expõem a sua doutrina, difundem-na segundo a sua própria condição e capacidade, e professam-na com fidelidade.

Além disso, como cidadãos deste mundo, os leigos, ao cooperarem na construção e governo da ordem temporal, devem, na vida familiar, profissional, cultural e social, buscar, à luz da fé, normas de acção mais elevadas e manifestá-las aos outros oportunamente, conscientes de que assim se tornam cooperadores de Deus criador, redentor e santificador, e Lhe dão glória.

Finalmente, vivifiquem os leigos a sua vida com a caridade e mostrem-no por obras na medida do possível.

Lembrem-se todos que pelo culto público e pela oração, pela penitência, pelos trabalhos e livre aceitação das agruras da vida, pelas quais se conformam a Cristo paciente (cf. 2 Cor. 4, 10; Col. 1, 24), podem atingir todos os homens e contribuir para a salvação de todo o mundo.

O apostolado individual em circunstâncias especiais

17. Este apostolado individual é urgentemente necessário naquelas regiões em que a liberdade da Igreja é gravemente impedida. Nestas circunstâncias difíceis, os leigos, suprimido, na medida do possível, o sacerdote, põem em risco a própria liberdade e, às vezes, a vida. Ensinam aos que os cercam a doutrina cristã, formam-nos na vida religiosa e na mentalidade católica, induzem-nos a frequência dos sacramentos e fomentam a piedade, sobretudo a eucarística (1). O sagrado Concílio dá graças de fundo do coração a Deus que não deixa de suscitar, também em nossos dias, leigos de fortaleza heroica no meio das perseguições, e abraça-os com afecto paterno e ânimo agradecido.

O apostolado individual tem especial campo de acção nas regiões onde os católicos são poucos e dispersos. Os leigos, que exercem nelas só apostolado individual pelas causas acima mencionadas ou por razões especiais, mesmo nascidas da própria actividade profissional, reúnem-se oportunamente para dialogar em grupos menores, sem forma estrita de instituição ou organização, de modo que sempre se manifeste aos outros o sinal da comunidade da Igreja como verdadeiro testemunho de amor. Deste modo, pela amizade e pela comunicação de experiências e com a ajuda espiritual mútua, fortalecem-se para superar as dificuldades da vida e da acção demasiado isolada e produzir mais abundantes frutos de apostolado.

Importância das formas associadas

18. Os fiéis são chamados a exercer o apostolado individual nas diversas condições da sua vida. Lembrem-se, contudo, que o homem é, por natureza, social, e que aprouve ao Senhor unir um povo de Deus (cfr. 1 Ped. 2, 5-10) e num corpo (cfr. 1 Cor. 12, 12) os que creem em Cristo. Portanto, o apostolado em associação responde com fidelidade à exigência humana e cristã dos fiéis e é, ao mesmo tempo, sinal da comunhão e da unidade da Igreja em Cristo que disse: «Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles» (Mt. 18, 20).

Os fiéis exercem, por conseguinte, o seu apostolado trabalhando para um só fim (2). Sejam apóstolos assim nas suas comunidades familiares como nas paróquias e dioceses, as quais exprimem a índole comunitária do apostolado. Exerçam-no também nas associações livres que resolverem formar.

O apostolado em associação é de grande importância também porque, nas comunidades eclesiais e nos vários meios, o apostolado exige com frequência ser realizado mediante a acção comum. As associações criadas para a acção apostólica comunitária fortalecem os seus membros e formam-nos para o apostolado. Além disso, distribuem ordenadamente e orientam o seu trabalho apostólico, de modo que se podem esperar daí frutos muito mais abundantes do que se agisse cada um por sua conta.

Nas circunstâncias presentes, porém, é absolutamente necessário que se robusteça a forma associada e organizada do apostolado no campo de actividade dos leigos. É que só a estreita união das forças é capaz de assegurar plenamente os fins do apostolado de hoje e de defender com eficácia os seus bens (3). Neste ponto é particularmente importante que o apostolado atinja também a mentalidade comum e as condições sociais daqueles a quem se dirige. D outro modo, não poderão, muitas vezes, resistir à pressão da opinião pública ou das instituições.

Multiplicidade de formas do apostolado associado

19. Há uma grande variedade de associações de apostolado (4). Uma propõem-se o fim apostólico geral da Igreja. Outras, de modo particular, fins de evangelização e santificação. Outras, ainda, têm como fim anunar cristãmente a ordem temporal. Finalmente, algumas dão testemunho de Cristo, de modo especial, pelas obras de misericórdia e de caridade.

Entre estas associações são de considerar, antes de mais, aquelas que fomentam e promovem uma unidade mais íntima entre a vida prática dos membros e a sua fé. As associações não têm em si o seu fim, mas devem servir à missão que a Igreja tem de cumprir para com o mundo. A sua força apostólica depende da conformidade com os fins da Igreja e do testemunho cristão e espírito evangélico de cada um dos membros e de toda a associação.

O dever universal da missão da Igreja, dado o progresso das instituições e, ao mesmo tempo, o impulso do desenvolvimento da sociedade moderna, exige que as iniciativas apostólicas dos católicos aperfeiçoem cada vez mais as formas associadas no campo internacional. As Organizações Católicas Internacionais conseguirão melhor o seu fim se as associações que as formam e os seus membros a elas se unirem mais intimamente.

Respeitada a devida relação com a autoridade eclesial (5), os leigos têm o direito de fundar associações (6), governá-las, e, uma vez fundadas, dar-lhes um nome. Deve-se, contudo, evitar a dispersão de forças que se verifica se se promovem, sem razão suficiente, novas associações e obras, ou se se mantêm, sem utilidade, associações ou métodos obsoletos. Nem sempre será oportuno que formas criadas numa nação sejam trasladadas, sem critério, para outras (7).

A acção católica

20. Há não poucos decénios, em muitas nações, os leigos, cada vez mais consagrados ao apostolado, uniram-se em várias formas de acção e associação que, em união mais estreita com a Hierarquia, se dedicaram e dedicam a fins especificamente apostólicos. Entre estas e outras instituições semelhantes mais antigas, merecem especial menção as que, seguindo embora diferentes métodos de acção, tendo sido justamente recomendadas e fomentadas pelos Sumos Pontífices e por muitos Bispos, receberam deles o nome de Acção Católica e, com muita frequência, foram declaradas como cooperação dos leigos no apostolado hierárquico (8).

Quer tenham o nome de Acção Católica quer outro, estas formas de apostolado que exercem em nossos dias uma valiosa acção apostólica são constituídas pelo conjunto das seguintes características:

- a) O fim imediato de tais organizações é o fim apostólico da Igreja, isto é, ordenam-se à evangelização e santificação dos homens e à formação cristã da sua consciência, de modo a poderem unbur do espírito do evangelho as várias comunidades e os vários meios.
- b) Os leigos, cooperando a seu modo com a Hierarquia, contribuem com a sua experiência e assumem a sua responsabilidade no governo destas organizações; no estudo das condições em que a acção pastoral da Igreja se deve exercer e na elaboração e execução dos planos a realizar.
- c) Os leigos agem unidos como um corpo orgânico, para que se manifeste com maior evidência a comunidade da Igreja e o apostolado seja mais eficaz.
- d) Os leigos, quer se ofereçam espontaneamente quer sejam convidados à acção e directa colaboração com o apostolado hierárquico, trabalham sob a superior orientação da mesma

Hierarquia, a qual pode sancionar essa cooperação com um mandato explícito.

As organizações nas quais, a juízo da Hierarquia, se encontram estas características tomadas em conjunto, devem ser consideradas Acção Católica, ainda que, por exigências de lugar ou de povos, assumam formas e nomes diversos.

O sagrado Concílio recomenda insistentemente estas instituições que correspondem, certamente, às necessidades do apostolado da Igreja em muitas nações. E convida os sacerdotes e leigos que nelas trabalham a tomarem cada vez mais realidade as características acima mencionadas e a cooperarem sempre fraternalmente, na Igreja, com as outras formas de apostolado.

Apreço das associações

21. Tenham-se na devida estima todas as associações de apostolado. Mas aquelas que a Hierarquia, segundo as necessidades do tempo e do lugar, louvar, recomendar ou mandar instituir como mais urgentes, devem ser tidas em alto apreço e ser promovidas pelos sacerdotes, religiosos e leigos, segundo a maneira que lhes é própria. Entre elas, porém, devem-se hoje contar sobretudo as associações ou agrupamentos internacionais de católicos.

Leigos que se entregam com título especial ao serviço da Igreja

22. São dignos de especial honra e recomendação na Igreja aqueles leigos, solteiros ou casados, que se dedicam, perpétua ou temporariamente, com a sua competência profissional, ao serviço das instituições e suas actividades. É de grande alegria para a Igreja que cresça cada vez mais o número de leigos que prestam o seu serviço às associações e obras de apostolado dentro da própria nação, ou no campo internacional ou, sobretudo, nas comunidades católicas das missões e das Igrejas mais recentes.

Recebam os pastores da Igreja estes leigos de bom grado e com ânimo reconhecido e esforcem-se por que a sua condição corresponda, quanto possível, às exigências da justiça, da equidade e da caridade, principalmente no que respeita ao seu honesto sustento e das suas famílias e por que recebam a necessária formação e sintam consolação e estímulo espiritual.

CAPÍTULO V

A ORDEM A GUARDAR NO APOSTOLADO

Introdução: o apostolado hierárquico, necessário na Igreja

23. O apostolado dos leigos, quer ele seja exercido pelos fiéis individualmente quer em associação, deve-se integrar ordenadamente no apostolado de toda a Igreja. Mais ainda, a união com aqueles que o Espírito Santo pôs à frente da Igreja de Deus (cfr. Act. 20, 28) constitui elemento essencial do apostolado cristão. E não é menos necessária a cooperação entre as diversas iniciativas apostólicas, que devem ser convenientemente dirigidas pela Hierarquia.

Com efeito, para promover o espírito de união, que fará brilhar em todo o apostolado da Igreja a caridade fraterna e levará à consecução dos fins comuns evitando as emulações tão perniciosas, require-se a estima recíproca de todas as formas de apostolado na Igreja, e a sua apta coordenação no respeito pela índole própria de cada uma (1).

Isto é da máxima conveniência, quando uma determinada acção na Igreja requer a harmonia e cooperação apostólica de ambos os cleros, dos religiosos e dos leigos.

Relações com a Hierarquia

24. Compete à Hierarquia fomentar o apostolado dos leigos, fornecer os princípios e os auxílios espirituais, ordenar para bem comum da Igreja o exercício do mesmo apostolado, e vigiar para que se conservem a doutrina e a ordem.

O apostolado dos leigos admite diversos modos de relação com a Hierarquia, segundo as suas várias formas e seus objectivos.

Assim, existem na Igreja muitas iniciativas apostólicas nascidas da livre escolha dos leigos e dirigidas com o seu prudente critério. Em determinadas circunstâncias, a missão da Igreja pode realizar-se melhor por meio de tais iniciativas, e daí o serem com frequência louvadas e recomendadas pela Hierarquia (2). No entanto, nenhuma iniciativa apostólica se pode chamar católica se não tiver a aprovação da legítima autoridade eclesiástica.

Certas formas de apostolado dos leigos são expressamente reconhecidas pela Hierarquia, de diversos modos.

Além disso, a autoridade eclesiástica, tendo em conta as exigências do bem comum da Igreja, pode escolher de entre as várias associações e iniciativas apostólicas com um fim directamente espiritual, algumas em particular, e promovê-las dum modo especial, assumindo sobre elas uma

maior responsabilidade. Deste modo, a Hierarquia, ordenando o apostolado de diversas maneiras segundo as circunstâncias, vai unindo mais intimamente ao seu próprio mínis apostólico uma ou outra das suas formas, respeitando, porém, sempre a natureza e a distinção de ambas as partes, e sem com isso se tirar aos leigos a necessária liberdade de acção. Em vários documentos eclesiásticos se dá a este acto da Hierarquia o nome de mandato.

Finalmente, a Hierarquia confia aos leigos certas tarefas mais intimamente ligadas ao mínis pastoral, como exemplo, no ensino da doutrina cristã, nalguns actos litúrgicos e na cura de almas. Em virtude desta missão, os leigos ficam plenamente sujeitos à superior direcção eclesiástica, no respeitante ao desempenho desse encargo.

Quanto às obras e instituições da ordem temporal, pertence à Hierarquia eclesiástica ensinar e interpretar autenticamente os princípios morais que se devem aplicar nos assuntos temporais. Compete-lhe igualmente julgar, depois de bem considerar todas as coisas, e servindo-se do auxílio dos peritos, da conformidade de tais obras e instituições com os princípios morais e determinar o que for necessário para conservar e promover os bens de ordem sobrenatural.

Ajuda que deve prestar o clero ao apostolado d'os leigos

25. Tanto os Bispos como os párocos e demais sacerdotes de ambos os cleros, devem ter presente que o direito e dever de exercer o apostolado são comuns a todos os fiéis, clérigos e leigos, e que também estes últimos têm um papel a desempenhar na edificação da Igreja (3). Tratem, pois, fraternalmente com os leigos na Igreja e para a Igreja, e tenham deles cuidado especial nas suas obras apostólicas (4).

Para ajudar os leigos nas suas diversas formas de apostolado, escolham-se diligentemente sacerdotes idóneos e bem formados (5). Os que se consagram a este ministério, por missão recebida da Hierarquia, representam-na na sua acção pastoral. Fomentem, pois, as convenientes relações dos leigos com a mesma, permanecendo sempre fiéis ao espírito e doutrina da Igreja. Dedicuem-se a fomentar a vida espiritual e o sentido apostólico das associações católicas que lhes foram confiadas. Assistam com prudente conselho as suas actividades apostólicas e favoreçam as suas iniciativas. Investiguem atentamente por meio do diálogo contínuo com os leigos quais as formas de tornar mais frutífera a sua acção apostólica; e promovam o espírito de união dentro da mesma associação, e desta com as demais.

Finalmente, os religiosos e as religiosas tenham em apreço as obras apostólicas dos leigos;

consagram-se de boa vontade a promover as obras destes, segundo o espírito e normas dos próprios Institutos (6); e procurem apoiar, auxiliar, e completar as funções sacerdotais.

Certos meios que servem para a mútua cooperação

26. Enquanto for possível, haja em todas as dioceses conselhos que ajudem a obra apostólica da Igreja, quer no campo da evangelização e santificação quer no campo caritativo, social e outros, onde os clérigos e os religiosos colaborem dum modo conveniente com os leigos. Tais órgãos poderão servir para coordenar as diversas associações de leigos e suas iniciativas apostólicas, respeitando a índole e autonomia própria de cada uma (7).

Se for possível, haja também organismos semelhantes no âmbito paroquial, interparoquial, interdiocesano, bem como no plano nacional ou internacional (8).

Além disso, crie-se junto da santa Sé algum Secretariado especial para ajudar e impulsionar o apostolado dos leigos, como centro que, por meios aptos, forneça informações sobre as várias iniciativas apostólicas dos leigos, se deique a investigar os problemas actuais neste campo, e preste ajuda com o seu conselho à Hierarquia e aos leigos, nas suas obras de apostolado. Neste Secretariado deverão participar os diversos movimentos e iniciativas apostólicas de leigos existentes em todo o mundo, colaborando com os leigos também os clérigos e religiosos.

Cooperação com outros cristãos e não-cristãos

27. O comum património evangélico, e o dever comum do testemunho cristão que daí nasce, aconselham e com frequência exigem a colaboração dos católicos com os outros cristãos. Esta há-de exercer-se pelos indivíduos e pelas comunidades, em actuações singulares e em associações, tanto no plano nacional como no internacional (9).

Os valores humanos comuns pedem com frequência uma cooperação semelhante dos cristãos, que procuram fins apostólicos, com outros que, embora não professem a religião cristã, reconhecem, contudo, esses valores.

Por meio desta cooperação dinâmica e prudente (10), de grande importância nas actividades temporais, dão os leigos testemunho de Cristo, Salvador do mundo, e da unidade da família humana.

CAPÍTULO VI

A FORMAÇÃO PARA O APOSTOLADO

Necessidade da formação para o apostolado

28. A plena eficácia do apostolado só se pode alcançar com uma formação multiforme e integral. Exigem-na tanto o contínuo progresso espiritual e doutrinal do próprio leigo, como as diversas circunstâncias de coisas, pessoas e encargos a que a sua actividade se deve acomodar. Esta formação deve-se apoiar sobre os fundamentos afirmados e expostos por este sagrado Concílio noutros lugares(1). Além da formação comum a todos os cristãos, não poucas formas de apostolado requerem uma formação peculiar e específica, por causa da diversidade de pessoas e circunstâncias.

Princípios da formação dos leigos para o apostolado

29. Uma vez que os leigos têm um modo próprio de participar na missão da Igreja, a sua formação apostólica recebe uma característica especial que lhe vem da mesma índole secular própria do laicado e da sua espiritualidade.

A preparação para o apostolado supõe uma formação humana completa e adaptada à maneira de ser e circunstâncias próprias de cada um. Com efeito, o leigo, conhecendo bem o mundo actual, deve ser um membro da sociedade em que vive e ao nível da sua cultura.

Primeiro que tudo, aprenda o leigo a realizar a missão de Cristo e da Igreja, vivendo da fé no mistério divino da criação e da redenção, guiado pelo Espírito Santo vivificador do Povo de Deus, que impelle todos os homens a amar a Deus Pai, e n'Ele, o mundo e os homens. Esta formação deve ser considerada como fundamento e condição de todo e qualquer apostolado fecundo.

Além da formação espiritual, requiere-se uma sólida preparação doutrinal, teológica, ética e filosófica, de harmonia com a idade, condição e capacidade. Nem se descure de modo nenhum a importância da cultura geral e da formação prática e técnica.

Para cultivar as boas relações humanas, é necessário promover os valores verdadeiramente humanos, a começar pela arte de conviver e cooperar fraternalmente, bem como a de estabelecer diálogo com os outros.

Visto que a formação para o apostolado não pode consistir unicamente na instrução teórica, devem ir aprendendo gradual e prudentemente, desde o começo da formação, a ver, julgar e agir todas as coisas à luz da fé, a formar-se e aperfeiçoar-se com os outros por meio da acção e a entrar assim

ao serviço activo da Igreja (2). Esta formação, que deve aperfeiçoar-se continuamente por causa da crescente maturidade da pessoa humana e em razão da evolução dos problemas, exige um conhecimento cada vez mais profundo e uma acção adaptada. Ao realizar todas estas exigências da formação, devem ter-se sempre em conta a unidade e a integridade da pessoa humana, de tal modo que se ressalve e desenvolva a sua harmonia e equilíbrio.

Deste modo, o leigo insere-se profunda e activamente na própria ordem temporal, assumindo com eficiência a sua parte na solução dos seus problemas; ao mesmo tempo, como membro vivo e testemunha da Igreja, torna-a presente e activa no meio das coisas temporais (3).

A quem pertence formar para o apostolado

30. A formação para o apostolado deve começar desde os princípios da educação infantil. Sejam, porém, iniciados no apostolado e imbuídos deste espírito particularmente os adolescentes e os jovens. Esta formação deve ser aperfeiçoada durante toda a vida, de acordo com as exigências dos encargos assumidos. E claro, portanto, que aqueles a quem compete educar cristãmente têm igualmente o dever de formar em ordem ao apostolado.

Pertence aos pais ir dispondo os filhos, desde a infância, para conhecerem o amor de Deus por todos os homens, e ir-lhes inculcando pouco a pouco, sobretudo com o exemplo, a preocupação pelas necessidades materiais e espirituais do próximo. Que toda a família se torne, pois, na sua vida íntima, como que um estágio do apostolado.

Além disso, as crianças devem ser educadas de tal modo que, transcendendo os limites da família, se abram tanto às comunidades eclesiais como às civis. Sejam de tal modo integradas na comunidade local da paróquia que nela possam tomar consciência da sua qualidade de membros vivos e activos do Povo de Deus. Os sacerdotes, porém, na catequese e na pregação, na direcção espiritual, bem como em outras actividades pastorais, tenham em conta a formação em ordem ao apostolado.

Compete também às escolas, colégios e outras instituições católicas destinadas à formação, fomentar nos jovens o sentido católico e a acção apostólica. No caso de faltar esta formação, quer seja porque os jovens não frequentam essas escolas, quer por outra causa, então cuidem mais dela os pais, os pastores de almas e as associações apostólicas. Os professores, porém, e os educadores, que, por vocação e ofício, exercem uma superior forma de apostolado dos leigos, estejam impregnados da ciência necessária e das técnicas pedagógicas, para poder realizar

estejam impregnados da ciência necessária e das técnicas pedagógicas, para poder realizar eficazmente essa educação.

Do mesmo modo, os grupos e as associações de leigos, quer se dediquem ao apostolado, quer a outros fins sobrenaturais, devem fomentar com diligência e assiduidade a formação para o apostolado, segundo o próprio fim e modalidades (4). São elas, muitas vezes, o caminho ordinário dum preparação conveniente em ordem ao apostolado. Com efeito, nelas se realiza uma formação doutrinal, espiritual e prática. Os seus membros, constituindo pequenos grupos com os companheiros e amigos, consideram os métodos e os frutos da sua actividade apostólica, e confrontam com o Evangelho a sua vida quotidiana.

Deve-se orientar esta formação de modo a ter-se em conta todo o apostolado dos leigos, que deverá ser exercido não só entre os grupos das associações, mas também em todas as circunstâncias, através de toda a vida, sobretudo profissional e social. Mais ainda: cada um deve preparar-se activamente para o apostolado, o que se torna mais urgente na idade adulta. Com efeito, à medida que se avança na idade, revela-se mais cada um e assim pode descobrir melhor os talentos com que Deus enriqueceu a sua alma, e exercitar mais eficazmente os carismas que lhe foram dados pelo Espírito Santo para bem dos seus irmãos.

Formação específica para o apostolado

31. As diversas formas de apostolado exigem também uma preparação particularmente adequada.

a) Quanto ao apostolado em ordem à evangelização e santificação dos homens, devem os leigos receber uma formação especial para estabelecerem o diálogo com os outros, quer crentes quer não crentes, e comunicarem a todos a mensagem de Cristo(5).

Como, porém, em nossos dias se vão espalhando largamente por toda a parte várias formas de materialismo, até mesmo entre os católicos, convém que os leigos não só aprendam com maior diligência a doutrina católica, especialmente aqueles pontos que são objecto de controvérsia, mas também dêem testemunho de vida evangélica contra qualquer forma de materialismo.

b) Quanto à edificação cristã da ordem temporal, sejam os leigos bem instruídos sobre o verdadeiro significado e valor dos bens temporais, quer em si mesmos considerados, quer no que diz respeito a todos os fins da pessoa humana. Exercitem-se no recto uso das coisas e na organização das instituições, atendendo sempre ao bem comum segundo os princípios da doutrina moral e social da Igreja. Aprendam os leigos, antes de mais, os princípios da doutrina social e as suas conclusões, de modo a tomarem-se aptos quer para prestarem o seu contributo ao progresso da doutrina quer para aplicá-los convenientemente aos casos particulares (6).

c) Visto que as obras de caridade e misericórdia dão um esplêndido testemunho de vida cristã, deve também a formação apostólica levar ao seu exercício, para que os fiéis aprendam, logo desde a infância, a compadecer-se dos pobres e necessitados e a ajudá-los com generosidade(7).

Meios de formação

32. Para os leigos consagrados ao apostolado, existem já muitos meios por exemplo, sessões, congressos, recollecções, exercícios espirituais, reuniões frequentes, conferências, livros, revistas para se conseguir um mais perfeito conhecimento da Sagrada Escritura e da doutrina católica, para alimentar a vida espiritual e ainda para conhecer o estado do mundo e para encontrar e cultivar métodos adaptados (8).

O sagrado Concílio alegra-se com essas iniciativas, já florescentes nos ambientes em que este se exerce.

Para este fim foram também criados centros ou institutos superiores que já produziram óptimos frutos.

O sagrado Concílio alegra-se com essas iniciativas, já florescentes em algumas partes, e deseja que se promovam noutros lugares onde forem necessárias.

Criem-se, além disso, centros de documentação e de estudo não só de teologia, mas também de antropologia, psicologia, sociologia, metodologia, para fomentar mais as qualidades dos leigos, homens e mulheres, jovens e adultos, em todos os campos do apostolado.

EXORTAÇÃO

Exortação à generosidade

33. Por isso, o sagrado Concílio pede instantemente ao Senhor a todos os leigos que respondam com decisão de vontade, ânimo generoso e disponibilidade de coração à voz de Cristo, que nesta hora os convida com maior insistência, e ao impulso do Espírito Santo. Os mais novos tomem como dirigido a si de modo particular este chamamento, e recebam-no com alegria e magnanimidade. Com efeito, é o próprio Senhor que, por meio deste sagrado Concílio, mais uma vez convida todos os leigos a que se unam a Ele cada vez mais intimamente, e sentindo como próprio o que é d'Ele (cfr. Fil. 2,5), se associem à Sua missão salvadora. É Ele quem de novo os envia a todas as cidades e lugares aonde há-de chegar (cfr. Lc. 10, 1), para que, nas diversas formas e modalidades do apostolado único da Igreja, se tomem verdadeiros cooperadores de Cristo, trabalhando sempre na obra do Senhor com plena consciência de que o seu trabalho não é

vão no Senhor (cf. 1 Cor. 15,28).

Vaticano, 18 de Novembro de 1965.

PAPA PAULO VI

Notas

Próemio

1. Cf. João XXIII, Constituição apostólica *Humanae salutis*, 25 dez. 1961, AAS 54 (1962), p. 7-10.
2. Cf. Conc. Vat. II, Constituição dogmática De Ecclesia, *Lumen gentium*, n. 33 s.; AAS 57 (1965), p. 39 s.; cf. também Const. De sacra Liturgia, *Sacrosanctum concilium*, n. 26-40; AAS 56 (1964), p. 107-111; cf. Decr. De instrumentis communicationis socialis, *Inter mirifica*, AAS 56 (1964), p. 145-153; cf. Decr. De Oecumenismo, *Unitatis Redintegratio*, AAS 57 (1965), p. 90-107; cf. Decr. De pastorali Episcoporum munere in Ecclesia, *Christus Dominus*, n. 16, 17, 18; cf. Declaração De educatione christiana *Gravissimum educationis*, n. 3, 5, 7.
3. Cf. Pio XII, Alocução aos Cardeais, 18 fev. 1946, AAS 38 (1946), p. 101-102; cf. Pio XII, Discurso aos Jovens operários Católicos, 25 agosto 1957, AAS 49 (1957) p. 843.

Capítulo I

1. Cf. Pio XI, Encíclica *Rerum Ecclesiae*, AAS 18 (1926), p. 65.
2. Cf. Concílio Vaticano II, Constituição dogmática De Ecclesia, *Lumen gentium*, n. 31; AAS 57 (1965), p. 37.
3. *Ibid.*, n. 33, p. 39; cf. também n. 10, p. 14.
4. *Ibid.*, n. 12, p. 16.
5. Cf. Concílio Vaticano II, Constituição dogmática De sacra Liturgia, *Sacrosanctum concilium*

6. Cf. Pio XII, Alocução ao movimento «Pax Romana», 25 abril 1957, AAS 49 (1967), p. 298-299; e sobretudo João XXIII, Alocução ao Congresso do F. A. O., 10 nov. 1959, AAS 51 (1959), p. 856 e 866.

Capítulo III

1. Cf. S. Pio X, Carta apost. *Creatiois duarum novarum parocciarum*, 1 junho 1905, ASS 3 (1905), p. 65-67; Pio XII, aloc. aos fiéis da paróquia de S. Sabas, 11 janeiro 1953, *Discorsi e Radiomessaggi di S. Pio XII*, 14 (1952-1953), p. 449-454, João XXIII, Aloc. ao clero e aos fiéis da diocese suburbicária de Albano, em Castelgandolfo, 26 agosto de 1962, AAS 54 (1962), p. 656-660.
2. Cf. Leão XIII, aloc. 28 janeiro 1894, Acta, 14 (1894), p. 424-425.
3. Cf. Pio XII, aloc. aos Párocos, etc., 6 fevereiro 1951, *Discorsi e Radiomessaggi di S. Pio XII*, 12 (1950-1951), p. 437-443; 8 março 1952, *ibid.*, 14 (1952-1953), p. 5-10; 27 março 1953, *ibid.*, 15 (1953-1954), p. 27-35; 28 fevereiro 1954, *ibid.*, p. 585-590.
4. Cf. Pio XI, Encíclica *Casta Convulsi*, AAS 22 (1930), p. 554; Pio XII, Radiomensagem, 1 janeiro 1941, AAS 33 (1941), p. 203; Idem, alocução aos Delegados ao Congresso da União Internacional das Associações para defesa dos direitos da família, 20 set. 1949, AAS 41 (1949), p. 552; Idem, aloc. aos pais de família franceses em peregrinação a Roma, 18 set. 1951, AAS 43 (1951), p. 731; Idem, radiomensagem no Natal de 1952, AAS 45 (1953), p. 41; João XXIII, Encíclica *Mater et Magistra*, 15 maio 1961, AAS 53 (1961), p. 429, 439.
5. Cf. Pio XII, Encíclica *Evangelii praecones*, 2 junho 1951, AAS 43 (1951), p. 514.
6. Cf. Pio XII, aloc. aos Delegados ao Congresso da União internacional das Associações para defesa dos direitos da família, 20 set. 1949, AAS 41 (1949), p. 552.
7. Cf. S. Pio X, aloc. à Associação católica da juventude francesa acerca da piedade, ciência e acção, 25 set. 1904, ASS 37 (1904-1905), p. 296-300.
8. Cf. Pio XII, carta *Dus quatuor semaines*, ao Arcebispo de Manápolis, acerca dos Congressos promovidos pelos Jovens operários cristãos do Canadá, 24 maio 1947, AAS 39 (1947), p. 257; Idem, Radiomensagem à J. O. C. de Bruzelas, 3 set. 1950, AAS 42 (1950), p. 640-641.
9. Cf. Pio XI, Encíclica *Quadragesimo anno*, 15 maio 1931, AAS 23 (1931), p. 225-226.

10. Cf. João XXIII, Encíclica *Mater et Magistra*, 15 maio 1961. AAS 53 (1961), p. 448-450.

Capítulo IV

1. Cf. Pio XII, aloc. ao I Congresso mundial do Apostolado dos leigos, 14. out. 1951. AAS 43 (1951), p. 788.

2. Cf. Pio XII, aloc. ao I Congresso mundial do Apostolado dos leigos, 15 out. 1951. AAS 43 (1951), p. 787-788.

3. Cf. Pio XII, Encíclica *Le pèlerinage de Lourdes*, 2 julho 1957. AAS 49 (1957), p. 615.

4. Cf. Pio XII, aloc. ao Conselho da Federação internacional dos homens católicos, 8 dez. 1956. AAS 49 (1957), p. 26-27.

5. Cf. Cap. V, n. 24.

6. Cf. Sagrada Congregação do Concílio, resolução *Correntien*, 13 nov. 1920. AAS 13 (1921), p. 139.

7. Cf. João XXIII, Encíclica *Princeps pastorum*, 10 dez. 1959. AAS 51 (1959), p. 856.

8. Cf. Pio XI, carta *Quae nobis*, ao Cardeal Bertram, 13 nov. 1928. AAS 20 (1928), p. 385. Cf. também Pio XII, aloc. à Acção Católica italiana, 4 set. 1940. AAS 32 (1940), p. 362.

Capítulo V

1. Cf. Pio XI, Encíclica *Quamvis nostrae*, 30 abril 1936. AAS 28 (1936) p. 160-161.

2. Cf. Sagrada Congregação do Concílio, resolução *Correntien*, 13. nov. 1920. AAS 13 (1921) p. 137-140.

3. Cf. Pio XII, Discurso ao II Congresso mundial do Apostolado dos leigos, 5 out. 1957. AAS 49 (1957) p. 927.

4. Cf. Concílio Vaticano II, Constituição dogmática De Ecclesia, *Lumen gentium*, n. 37. AAS 57 (1965), p. 42-43.

5. Cf. Pio XII, Exortação apostólica *Menti nostrae*, 23 set. 1950. AAS 42 (1950), p. 660.

6. Cf. Conc. Vat. II, decreto *De accommodatione renovationis vitae munitiosa*, n. 8.

7. Cf. Bento XIV, *De Synodo dioecessano*, 1. III, c. IX, n. VII-VIII. *Opera omnia in tomos XVII distributa*, tomo 11 (Prato, 1844), pg 76-77.

8. Cf. Pio XI, Encíclica *Quamvis nostrae*, 30 abril 1936. AAS 28 (1936), p. 160-161.

9. Cf. João XXIII, Encíclica *Mater et Magistra*, 15 maio 1961. AAS 53 (1961), p. 456-457, cf. Concílio Vaticano II, Decreto De Oecumenismo, *Unitatis Redintegratio*, n. 12. AAS 57 (1965), p. 99-100.

10. Cf. Concílio Vaticano II, Decreto de Oecumenismo, *Unitatis Redintegratio*, n. 12. AAS 57 (1965), p. 100; cf. também a Constituição dogm. De Ecclesia, *Lumen gentium*, n. 15. AAS 57 (1965), p. 19-20.

Capítulo VI

1. Cf. Concílio Vaticano II, Constituição dogmática De Ecclesia, *Lumen gentium*, cap. II, IV, V. AAS 57 (1965), p. 12-21; 37-49; cf. também Decreto De Oecumenismo, *Unitatis Redintegratio*, n. 4, 6, 7, 12. AAS 57 (1965), p. 94, 96, 97, 99, 100; cf. também acima, n. 4.

2. Cf. Pio XII, alocução à I Conferência internacional de escuteiros, 6 junho 1952. AAS 44 (1952), p. 579-580; João XXIII, Encíclica *Mater et Magistra*, 15 maio 1961. AAS 53 (1961), p. 456.

3. Cf. Concílio Vaticano II, Constituição dogmática De Ecclesia *Lumen gentium*, n. 33. AAS 57 (1965), p. 39.

4. Cf. João XXIII, Encíclica *Mater et Magistra*, 15 maio 1961. AAS 53 (1961), p. 455.

5. Cf. Pio XII, Carta encicl. *Serium laetitiae*, 1 nov. 1939. AAS 31 (1939), p. 635-644; cf. Idem, alocução aos laureados da Acção Católica Italiana, 24 maio 1953.

6. Cf. Pio XII, Discurso ao Congresso da Federação Mundial da JCF, 18 abril 1952. AAS 44 (1952), p. 414-419. Cf. Idem, Discurso à Associação Cristã de Operários de Itália (A. C. I. L.), 1 maio 1955. AAS 47, (1955), p. 403-404.

7. Cf. Pio XII, alocução aos Delegados do Congresso das Associações de caridade, 27 abril 1952. AAS 44 (1952), p. 470-471.

8. Cf. João XXIII, Encíclica *Mater et Magistra*, 15 maio 1961. AAS 53 (1961), p. 454.

CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO XXIII

HUMANAE SALUTIS

CONVOCAÇÃO DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II

1. O divino Redentor Jesus Cristo que, antes de subir ao céu, deu aos Apóstolos o mandato de pregar o evangelho a todos os povos, para sustento e garantia de sua missão, fez-lhes a consoladora promessa: "Eis que estarei convosco todos os dias até o fim dos séculos" (Mt 28,20).
2. Esta divina presença, sempre viva e operante na Igreja, é sentida sobretudo nos períodos mais graves da humanidade. É então que a esposa de Cristo se mostra em todo o seu esplendor de mestra da verdade e ministradora de salvação; e é então que, também, exerce todo o poder da caridade, da oração, do sacrifício e do sofrimento: meios espirituais invencíveis, usados por seu divino Fundador que em hora solene de sua vida declarou: "Tende confiança. Eu venço o mundo" (Jo 16,33).

Averiguações dolorosas

3. A Igreja assiste, hoje, à grave crise da sociedade. Enquanto para a humanidade surge uma era nova, obngações de uma gravidade e amplitude imensas pesam sobre a Igreja, como nas épocas mais trágicas da sua história. Trata-se, na verdade, de pôr em contacto com as energias vivificadoras e perenes do evangelho o mundo moderno, mundo que se exalta por suas conquistas no campo da técnica e da ciência, mas que carrega também as consequências de uma ordem temporal que alguns quiseram reorganizar prescindindo de Deus. Por isso, a sociedade moderna se caracteriza por um grande progresso material a que não corresponde igual progresso no campo moral. Daí, enfraquecer-se o anseio pelos valores do espírito e crescer o impulso para a procura quase exclusiva dos gozos terrenos, que o avanço da técnica põe, com tanta facilidade, ao alcance de todos; e mais ainda - um fato inteiramente novo e desconcertante - a existência do ateísmo militante, operando em plano mundial.

Motivos de confiança

4. Estas dolorosas averiguações conclamam ao dever da vigilância e despertam o senso da responsabilidade. Almas sem confiança vêem apenas trevas tomando conta da face da terra. Nós, porém, preferimos rearmar toda a nossa confiança em nosso Salvador, que não se afastou do

porém, preferimos rearmar toda a nossa confiança em nosso Salvador, que não se atastou do mundo, por ele remido. Antes, mesmo, apropriando-nos da recomendação de Jesus, de saber distinguir "os sinais do tempo" (Mt 16,3), pareceu-nos vislumbrar, no meio de tanta treva, não poucos indícios que dão sólida esperança de tempos melhores para a Igreja e a humanidade. Pois mesmo as guerras sangrentas que se seguiram em nossos tempos, as ruínas espirituais causadas por tantas ideologias e os frutos de experiências tão amargas, não se processaram sem deixar úteis ensinamentos. E o progresso científico, que deu ao homem a possibilidade de criar instrumentos catastróficos para a sua destruição, fez com que se levantassem interrogações angustiosas: obrigou os seres humanos a se tomarem mais ponderados, mais conscientes dos próprios limites, mais desejosos de paz, atentos à importância dos valores do espírito; acelerou o processo de mais estreita colaboração e mútua integração entre os indivíduos, classes e nações, à qual, embora entre mil incertezas, parece já encaminhada a família humana. Tudo isto facilita, sem dúvida, o apostolado da Igreja, pois muitos que ontem não percebiam a importância de sua missão, hoje, ensinados pela experiência, estão mais dispostos a acolher suas advertências.

Hodierna vitalidade da Igreja

5. Se voltarmos a atenção para a Igreja, vemos que ela não permaneceu inerte espectadora em face destes acontecimentos; mas seguiu, passo a passo, a evolução dos povos, o progresso científico, as revoluções sociais; opôs-se, decididamente, às ideologias materialistas e negadoras da fé; viu, enfim, brotarem de seu seio e desprenderemse imensas energias de apostolado, de oração, de ação em todos os campos, por parte, primeiramente, do clero sempre mais à albrã de sua missão pela doutrina e virtude e, depois, por parte do laicato, que se tornou sempre mais consciente de suas responsabilidades no seio da Igreja e, de modo particular, de seu dever de colaborar com a hierarquia eclesial. A isto se acrescentam os imensos sofrimentos de cristandades inteiras, onde uma multidão de pastores, de sacerdotes e de leigos, pela invicta firmeza da própria fé, sofrem perseguições de todo gênero e revelam heroísmo certamente não inferior aos dos períodos mais gloriosos da Igreja. Assim, se o mundo aparece profundamente mudado, também a comunidade cristã está em grande parte transformada e renovada: isto é, socialmente fortalecida na unidade, intelectualmente revigorada, interiormente purificada, pronta, desta forma, a enfrentar todos os combates da fé.

O concílio ecumênico Vaticano II

6. Diante deste duplo espetáculo: um mundo que revela um grave estado de indigência espiritual e a Igreja de Cristo, tão vibrante de vitalidade, nós, desde quando subimos ao supremo pontificado, não obstante nossa indignidade e por um designo da Providência, sentimos logo o urgente dever de conchamar os nossos filhos para dar à Igreja a possibilidade de contribuir mais eficazmente na solução dos problemas da idade moderna. Por este motivo, acolhendo como vinda do alto uma voz

solução dos problemas da idade moderna. Por este motivo, acolhendo como vinda do alto uma voz íntima de nosso espírito, julgamos estar maduro o tempo para oferecermos à Igreja católica e ao mundo o dom de um novo concílio ecumênico, em acréscimo e continuação à série dos vinte grandes concílios, realizados ao longo dos séculos, como uma verdadeira providência celestial para incremento da graça na alma dos fiéis e para o progresso cristão. A jubilosa repercussão que teve seu anúncio, seguida da participação orante de toda a Igreja e do fervor nos trabalhos de preparação, verdadeiramente encorajador, como também o vivo interesse ou, pelo menos, a atenção respeitosa por parte de não-católicos e até de não-cristãos demonstraram, da maneira mais eloquente, como não escapou a ninguém a importância histórica do acontecimento.

7. O próximo concílio reúne-se, felizmente, no momento em que a Igreja percebe, de modo mais vivo, o desejo de fortalecer a sua fé e de espelhar-se na própria e maravilhosa unidade; como, também, percebe melhor o dever urgente de dar maior eficiência à sua robusta vitalidade, e de promover a santificação de seus membros, a difusão da verdade revelada, a consolidação de suas estruturas. Será esta uma demonstração da Igreja, sempre viva e sempre jovem, que sente o ritmo do tempo e que, em cada século, se ornava de um novo esplendor; irradia novas luzes, realiza novas conquistas, permanecendo, contudo, sempre idêntica a si mesma, fiel à imagem divina impressa em sua face pelo esposo que a ama e protege, Jesus Cristo.

8. No instante, pois, de generosos e crescentes esforços que de várias partes são feitos com o fim de reconstituir aquela unidade visível de todos os cristãos e que corresponda aos desejos do divino Redentor, é muito natural que o próximo concílio ilustre mais abundantemente aqueles capítulos de doutrina, mostre aqueles exemplos de caridade fraterna que tornarão ainda mais vivo nos irmãos separados o desejo de auspicioso retorno à unidade e lhes preparará o caminho para conseguí-la.

9. Ao mundo, enfim, perplexo, confuso, ansioso sob a contínua ameaça de notos e assustadores conflitos, o próximo concílio é chamado a oferecer uma possibilidade de suscitar, em todos os homens de boa vontade, pensamentos e propósitos de paz; paz que pode e deve vir sobretudo das realidades espirituais e sobrenaturais da inteligência e da consciência humana, iluminadas e guiadas por Deus, criador e redentor da humanidade.

Programa de trabalho do concílio

10. Estes frutos do concílio, por nós tão esperados e sobre os quais tão frequentemente temos falado, supõem um vasto programa de trabalho, que ora se está preparando. Isto diz respeito aos programas doutrinais e práticos mais consentâneos com as exigências da perfeita conformidade à doutrina cristã, à edificação e ao serviço do corpo místico e da sua missão sobrenatural, isto é, o Livro sagrado, a veneranda Tradição, os sacramentos, a oração, a disciplina eclesiástica, as atividades caritativas e assistenciais, o apostolado dos leigos, os horizontes missionários.

11. Esta ordem sobrenatural deve refletir, porém, toda a sua eficácia também sobre a outra, a temporal, que, infelizmente, vem a ser por tantas vezes a única que ocupa e preocupa o homem. Também neste campo, a Igreja demonstrou querer ser mãe e mestra, segundo a expressão do nosso longínquo e glorioso antecessor Inocêncio III, pronunciada por ocasião do concílio Lateranense IV. Embora não tendo finalidade diretamente terrestre, ela, contudo, não pode desinteressar-se, no seu caminho, dos problemas e dos trabalhos de cá de baixo. Sabe quando aproveitam ao bem da alma aqueles meios que são aptos a tornar mais humana a vida de cada homem, que deve ser salvo, sabe que, vivificando a ordem temporal, com a luz de Cristo, revela também os homens a si mesmos, o próprio ser, a própria dignidade e a própria finalidade. Daí a presença viva da Igreja, estendida, hoje, de direito e de fato, às organizações internacionais, e daí a elaboração da sua doutrina social referente à família, à escola, ao trabalho, à sociedade civil, e a todos os problemas conexos, que elevam a um altíssimo prestígio o seu magistério, como a voz mais autorizada, intérprete e propugnadora da ordem moral, reivindicadora dos direitos e dos deveres de todos os seres humanos e de todas as comunidades políticas.

12. A influência benéfica das deliberações conciliares, como vivamente o esperamos, deverá impor-se a ponto de revestir de luz cristã e penetrar de fervorosa energia espiritual não só o íntimo das almas mas o conjunto das atividades humanas.

Convocação do concílio

13. O primeiro anúncio do concílio por nós dado, no dia 25 de janeiro de 1959, foi como a pequena semente que depusemos com ânimo e mãos trêmulas. Sustentado pela ajuda celestial, nos limitamos ao complexo e delicado trabalho de preparação. Três anos já se passaram, nos quais, dia a dia, vimos desenvolver-se a pequena semente e tornar-se, com a bênção de Deus, uma grande árvore.

Ao rever o longo e cansativo caminho percorrido, elevase de nossa mente um hino de agradecimento ao Senhor, por ser-nos ele pródigo em auxílios, de tal modo que tudo se desenvolveu convenientemente e harmonicamente.

14. Antes de determinar os assuntos a estudar, com vistas ao futuro concílio, quisemos, antes de mais nada, conhecer o sábio e ilustrado parecer do colegio cardinalício, do episcopado de todo o mundo, dos sagrados dicasterios da cúria romana, dos superiores das ordens e das congregações religiosas, das universidades e das faculdades eclesiásticas. No transcurso de um ano terminou-se este ingente trabalho de consultas, de cujo exame brotaram claros os pontos a serem submetidos a um profundo estudo.

15. Constituímos, então, os diversos organismos preparatórios, aos quais comamos a árdua tarefa

de elaborar os esquemas doutrinários e disciplinares, de onde escolheremos aqueles que pretendemos submeter à assembléia conciliar.

16. Temos, finalmente, a alegria de comunicar que este imenso trabalho de estudo, ao qual deram sua contribuição valiosa os cardeais, bispos, prelados, teólogos, canonistas, técnicos de todas as partes do mundo, alcança já o seu termo.

17. Comandado, pois, no auxílio do divino Redentor, princípio e fim de todas as coisas, de sua Mãe e de seu José, a quem, desde o início, entregamos um tão grande acontecimento, parece-nos chegada a hora de convocar o concílio ecumênico Vaticano II.

18. Portanto, depois de ouvir o parecer de nossos irmãos os cardeais da santa Igreja romana, com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos santos apóstolos Pedro e Paulo e com a nossa, anunciamos, indicamos e convocamos para o próximo ano de 1962, o ecumênico e geral concílio, que se celebrará na Basílica Vaticana, nos dias que serão fixados segundo a oportunidade que a boa Providência quiser nos oferecer.

19. Queremos em consequência, e ordenamos, que a este concílio ecumênico, por nós indicado, venham de toda parte todos os nossos diletos filhos cardeais, os veneráveis irmãos patriarcas, primazes, arcebispos e bispos tanto residenciais como apenas titulares e ademais todos os que têm direito e dever de intervir no concílio.

Convite à oração

20. E agora pedimos a cada um dos fiéis e a todo o povo cristão o prosseguimento da participação e da oração mais viva que acompanhe, vivifique e adorne a preparação próxima ao grande acontecimento. Seja esta oração inspirada pela fé ardente e perseverante, seja acompanhada por aquela penitência cristã que a torna mais aceita e mais eficaz, seja valorizada pelo esforço de vida cristã, qual penhor antecipado da disposição decidida de cada fiel em aplicar os ensinamentos e as diretrizes práticas que emanarem do próprio concílio.

21. Ao venerável clero, tanto secular como regular, esparsos por todo o mundo, a todas as categorias de fiéis, dirigimos o nosso apelo. Mas, de modo especial, confiamos o seu êxito às preces das crianças, sabendo muito bem o quanto seja poderosa junto a Deus a voz da inocência, e aos enfermos e sofredores, porque seus sofrimentos e sua vida de imolação, em virtude da cruz de Cristo, se transformam e se erguem em prece, em redenção, em fonte de vida para a Igreja.

22. A este coro de orações convidamos também os cristãos das Igrejas separadas de Roma, pois também a eles o concílio trará frutos. Sabemos que muitos destes filhos estão ansiosos por um retorno à unidade e à paz, segundo o ensinamento e a prece de Cristo ao Pai. Sabemos, também,

que o anúncio do concílio não só foi por eles acolhido com alegria, mas não poucos já prometeram oferecer suas orações para seu feliz êxito, e esperam enviar representantes de suas comunidades para seguirem de perto os trabalhos. Tudo isto é para nós motivo de grande conforto e de esperança, e, precisamente, para favorecer estes contatos, instituímos, com este fim, já há tempos, um secretariado.

23. Repita-se deste modo, na família cristã, o espetáculo dos apóstolos em Jerusalém, depois da ascensão de Jesus aos céus, quando a Igreja nascente se viu toda unida em comunhão de pensamento e de preces com Pedro e ao redor de Pedro, pastor dos cordeiros e das ovelhas. E digna-se o divino Espírito ouvir da maneira mais consoladora a oração que todos os dias sobe de todos os recantos da terra. "Renova em nossa época os prodígios, como em novo Pentecostes; e concede que a Igreja santa, reunida em unânime e instante oração junto a Maria, Mãe de Jesus, e guiada por Pedro, difunda o reino do divino Salvador, que é reino da verdade, de justiça, de amor e de paz. Assim seja" (cf. AAS 51 [1959], p. 832).

Dada em Roma, junto a São Pedro, aos 25 de dezembro, festa do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo, de 1961, quarto do nosso Pontificado.

Eu, JOÃO, bispo da Igreja católica

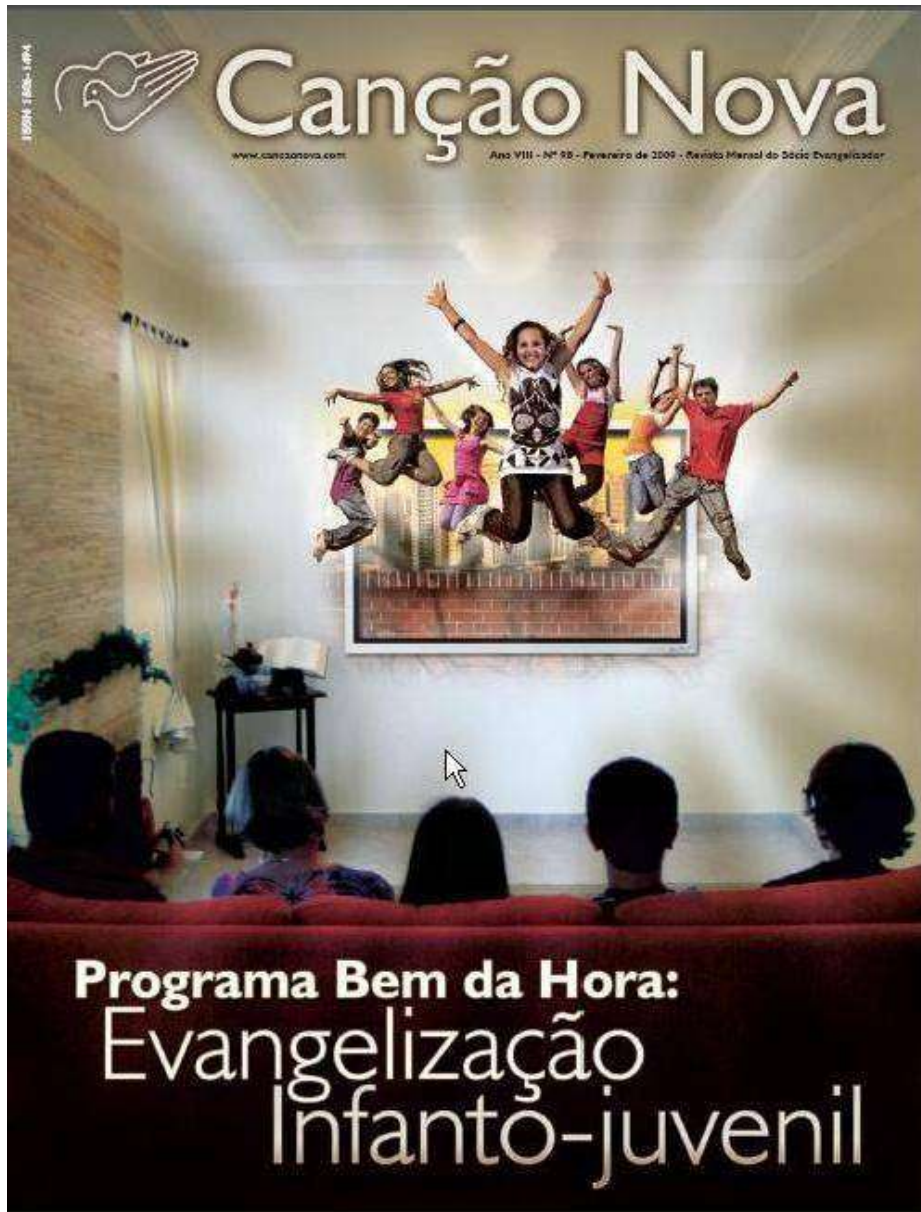
ISSN 1808-1884



Canção Nova

www.cancao.org.br

Ano VIII - Nº 95 - Fevereiro de 2009 - Revista Mensal do Sécio Evangelizador



Programa Bem da Hora:
Evangelização
Infanto-juvenil

MATERIAL ESPECIAL

EVANGELIZAÇÃO INFANTO-JUVENIL

N a Canção Nova, todo acontecimento acontece por causa da evangelização e os olhos de todos estão voltados para Jesus a salvação das almas. E nesse tempo, nos voltamos para um público muito especial: os pré-adolescentes. Essa idade que está entre a infância e a adolescência e que tem características muito particulares e por isso necessita de uma linguagem bem diferente para ser atingida pela mensagem de Cristo. Por isso a Canção Nova traz o Bem da Hora, um programa dinâmico, com games, brincadeiras, músicas sobre curtos, vídeos, música, dança, cliques e tudo que faz parte desse universo pré-adolescente. O programa é apresentado por Andréa Tava, a Dêa e conta com a participação de Lucas Cortês, Ralph Batista e Ricardo Moraes nos diferentes quadros que o

"O galera do Bem da Hora, passai aqui para dizer o que estais achando do programa: o programa Bem da Hora é um sucesso, super divertido e com ele aprendi várias coisas: como amar melhor as pessoas, a honrar meus pais, Amé o tema sobre a fidelidade!"

Sabrina, 14 anos

"Quero agradecer a Jesus pelo Canção Nova e pela equipe do programa Bem da Hora, por poderemos ter a graça de ter essa comunidade e esse blog, pois essas frases tocam o meu coração e me fazem pensar em Deus. Nunca nos desanimamos nestes meses, pois o blog que tem o mesmo nome, recebe todos os dias inúmeros comentários com testemunhos de quem é "QUEM ESPERA EM DEUS NUNCA É DECEPCIONADO".

Lucas, 12 anos

O programa que é super musical, usa dessa "arma" para chegar aos corações e por isso o Bem da Hora acaba de lançar o CD com estilo poprock, bem jovem e animado, com canções falando de amizade, amizade, amizade, fé e vontade de Deus. Além do português, existem músicas cantadas em inglês, italiano e espanhol. O próximo projeto é o lançamento

"Dêa, eu amo o clipe da música "PELA TUDO FÁ UM TEMPO". E os competidos dos programas cada dia estão mais apaixonados e legais! Tenho certeza que estão ajudando muitos jovens a fazerem suas escolhas em suas vidas. A cada dia vocês me surpreendem com coisas muito especiais e me ajudam a ser uma pessoa melhor."

Mailing Barros, 11 anos

Muito mais do que lançar produtos, o desejo do coração de toda a equipe de evangelização infanto-juvenil da Canção Nova é fazer com que cada programa, cada acesso ao blog, no CD ou DVD que chega à casa de um pré-adolescente, seja um instrumento eficaz para a salvação desse filho de Deus e assim de tenha o coração de ser diferente, optando pela santidade, pela castidade, experimentando a alegria verdadeira longe dos vícios e do pecado. A Canção Nova quer levantar uma nova geração que assuma e leve outros a assumirem que é "bem da hora" ser de Deus e "bem da hora" ser cheio do Espírito Santo e com Ele crescer rumo a juventude, experimentando a verdadeira liberdade que só Jesus pode nos dar.

Alícia, 13 ANOS (Dêa) e apresentadora do programa Bem da Hora

Assista o programa BEM DA HORA: terça a sexta-feira, às 18:30. Acesse o blog: blog.cancaoнова.com.br/bemdahora

LANÇAMENTO DO CD

PORTA JÁ PORTA

Levando bem-estar para sua vida.

ALEGRE SEU CARNAVAL

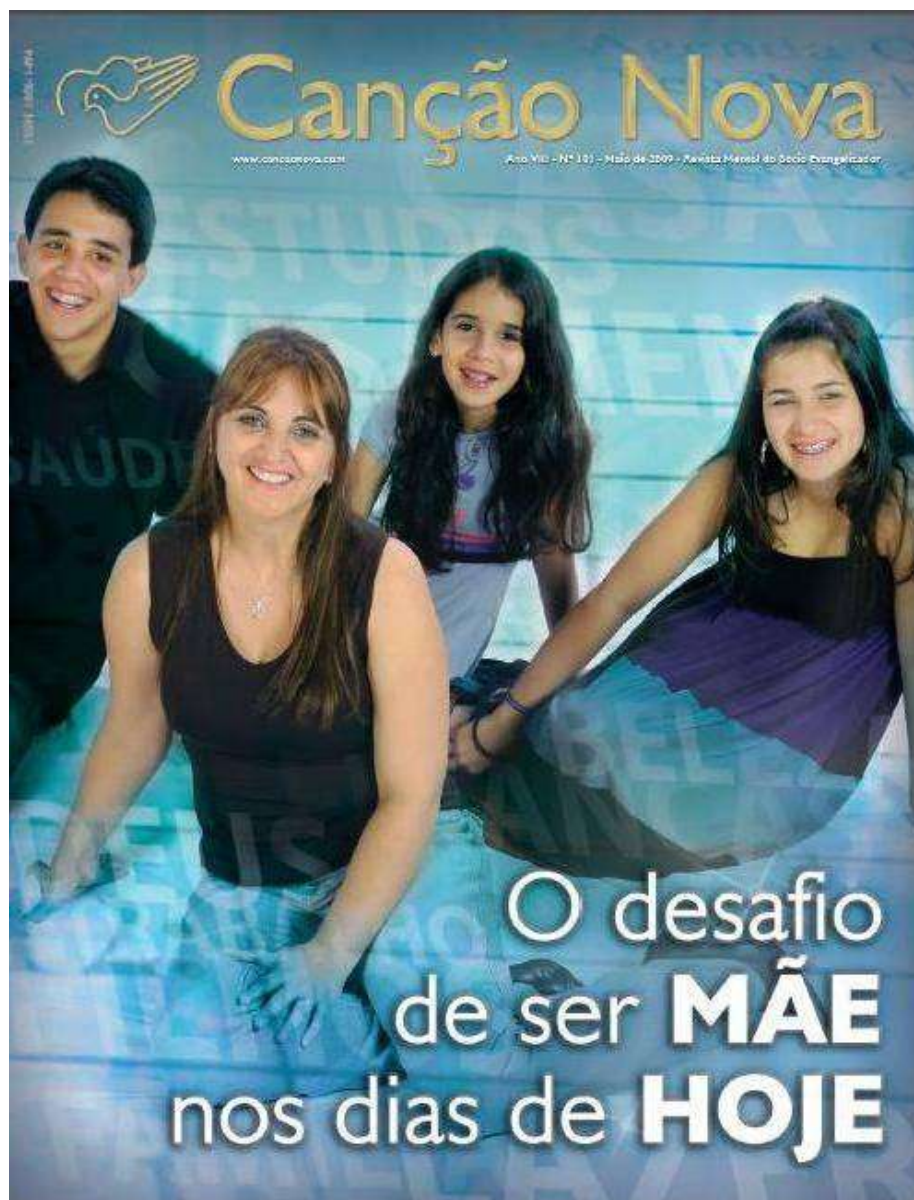
com os produtos **CANÇÃO NOVA**

acesse o site: portajaporta.cancaoнова.com

Produtos Canção Nova presentes que trazem bem-estar.

Canção Nova

Novas Canções Nova - Fevereiro de 2008 09





SOMOS FAMÍLIA SALESIANA

Omês de Maio, segundo o calendário litúrgico deste ano, se encerra com a Solenidade de Pentecostes. Nos Atos dos Apóstolos, São Lucas narra o que aconteceu nesse dia com os discípulos de Jesus: "Quando chegou o dia de Pentecostes, os discípulos estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como de um vento forte, que encheu toda a casa em que se encontravam. Então apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram checos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia expressar-se." (At 2, 1-4)

Vêjo que maravilha! Jesus havia proferido aos seus discípulos que não os deixaria órfãos, mas que enviaria em seu nome o Paráclito, o Espírito Santo de Deus, transformando-os assim em suas testemunhas até os confins da terra. O Espírito de Cristo Ressuscitado, alma

personal, a minha formação sacerdotal, o meu andar na evangelização dos jovens, tudo isso foi sempre marcado pelo testemunho de Dom Bosco. Da mesma forma aconteceu com a Congregação Nova. No projeto formativo dos membros da nossa comunidade, nos projetos educacionais do Instituto Catecho Nova e do PRO-GEN, procuramos colocar em prática o Sínodo Preventivo de Dom Bosco, cuja vida foi comunitária, por causa da salvação

O Espírito de Cristo Ressuscitado, alma da Igreja, dá aos que creem em Jesus o poder de anunciar a Boa Nova do Reino a toda criatura

dos jovens. Unidos à vasta Família Salesiana, a Congregação Nova quer contribuir ainda mais com a salvação da juventude do Brasil e do mundo. Que bom que você também faz parte dessa família formada de pessoas renovadas pelo Espírito Santo, assim como o foi Dom Bosco.

Não posso deixar de recordar que Maio é o mês de Maria. Como os discípulos no Cenáculo, nos unimos à Mãe de Jesus, Nossa Senhora Auxiliadora, na expectativa de um Novo Pentecostes, Vinde, Espírito Santo!

Seu irmão,
Monsenhor

Monsenhor Jonas Abílio de Fátima
de Congregação Congregação Nova



TODA CRISE TEM QUE SER SUPERADA

dores "Fora a Fé!". Através deste instrumento nenhum crise que ama a Deus poderá dizer: eu não tenho nada, pois de pode evangelizar, anunciar a boa nova.

O capitalismo está totalmente descredito. Os ricos ficaram enriquecidos a classe média desapareceu. Os que sobreviveram na fé são os filhos de Deus. Fazem os pobres e humildes de concepção pois são estes os que sobrevivem.

A nossa missão como cristãos é sermos um sinal de estímulo da esperança para todas as comunidades humanas

Vamos trabalhar, e se Deus quiser logo estaremos enviando catálogos, apostilas com muitos lançamentos, muitas promoções, e muitos kits para favorecer e ajudar a sua manutenção.

A crise pegou o mundo, menos os cristãos dispostos a lutar.

A nossa meta é viver em comunidade e você já faz parte de uma, a Congregação Nova e você procurando trazer novos para um mundo novo.

Deus lhe abençoe.
Amo você.

W. Silva

Wellington Silva Jardim é Administrador da Fundação João Paulo I

Nós trabalhamos e construímos o futuro sem parar nos obstáculos de uma crise financeira mundial. Podemos dizer: Eu vivo da esperança e todo o resto é obra de Deus. Pois viver da esperança é viver da fé, testemunhando a salvação.

Há quem diga: Vêjo como queda pesado é diferente da esperança coletiva. Com testes e estimula a esperança. Com testemunhos como este, o povo se reúne em comunidade e Jesus assim a chance de testemunhar que Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Em todos os nossos encontros fraternos devemos colocar-nos numa situação de diálogo, iniciar vozes, animes e ações para chegarmos a um verdadeiro mundo cristão. Temos que ter convívio fraterno e ação em comum. O desejo do diálogo nasceu no coração de Deus e corresponde ao íntimo do homem.

Esta carta vem a calhar com o nosso processo de crescimento dos evangelizadores para todas as comunidades humanas.

